

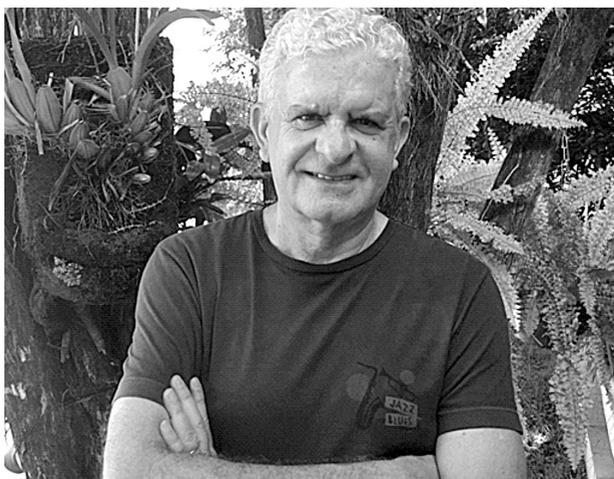
JOSÉ PRATA ARAÚJO



A maravilhosa
matemática do

AMOR

50 crônicas da minha vida
sobre amor e justiça social



Dedico este livro, com todo o meu amor, à memória das vítimas da covid-19 (são mais de 560 mil pessoas quando da edição deste livro), que morreram em condições dramáticas, isoladas e quase sempre sem contato com seus familiares. Não as esqueceremos! É também com todo o meu amor que me solidarizo com os familiares das vítimas, que não tiveram uma coisa sagrada: a última visita e o último olhar no rosto das pessoas que amam. Milhares de mortes poderiam ter sido evitadas, se tivéssemos um presidente comprometido com o isolamento social, com a utilização das máscaras, com o álcool em gel, e com as vacinas. Não podemos esquecer também dos trabalhadores da saúde, especialmente do SUS, que salvaram milhares de vidas e evitaram que o número de vítimas fosse ainda maior. (...) Com o fim da pandemia voltaremos às ruas para nos aglomerarmos, para conversar, abraçar, beijar, dançar, cantar, sorrir, beber, para viver a vida plenamente. Mas estaremos nas ruas também para protestar e exigir o fim destes tempos de trevas que vivemos no Brasil nas maiores manifestações de rua da história do nosso país. Fora Bolsonaro!

José Prata Araújo

Minhas crônicas

<i>Curiosidades e “esquisitices” do autor</i>	6
<i>A matemática dos beijos</i>	12
<i>Eternamente: Marília!</i>	15
<i>Marido de mulher “famosa”</i>	19
<i>Um beijo e um casamento</i>	24
<i>Meu amor foi “espiado”</i>	26
<i>A matemática do casamento</i>	28
<i>A “deliciosa” matemática das melancias</i>	31
<i>Pois é, Pra que?</i>	33
<i>Tá feliz?</i>	37
<i>Aposentado, virei “dono de casa” e poeta</i>	40
<i>Como me tornei autodidata?</i>	44
<i>Como me tornei cronista?</i>	47
<i>Sou um socialista existencialista</i>	50
<i>Meu nome é José, José Prata, Zé Pratinha</i>	52
<i>A culpa de não ter sido um bom pai</i>	55
<i>Final de semana é da família!</i>	57
<i>Mãe!</i>	61
<i>Pai!</i>	64
<i>Amor de sogra</i>	69
<i>Minha filha “decifrou” a minha vida</i>	74
<i>O filho e “o raciocínio que nunca termina”</i>	78
<i>O filho que é um poeta!</i>	81
<i>Marina, minha primeira neta!</i>	86

<i>Marília: “Uma estrela no meio da constelação”</i>	89
<i>O Brasil antes do SUS</i>	93
<i>“Atacar” a fome!</i>	95
<i>A educação iluminou minha família</i>	97
<i>Década de 1960. Fake News e “bolsonarices”</i>	99
<i>Sorridente: Marília me “ensinou” a sorrir!</i>	103
<i>A vida precária na cidade</i>	106
<i>Botafogo”</i>	108
<i>Na pandemia, “liberei” meus cabelos cacheados</i>	110
<i>Venci a preguiça de fazer exercícios físicos</i>	113
<i>Por que gosto de me vestir bem em casa?</i>	115
<i>Dar e receber presentes</i>	117
<i>Filosofia de criança sobre pássaros</i>	121
<i>Crônica de cachorro</i>	124
<i>Na pandemia, “descobri” os meus olhos</i>	127
<i>Casa ou apartamento?</i>	129
<i>Dirigir, dançar, nadar e cozinhar</i>	131
<i>A bandeira “Arco-Íris” tremula em minha casa!</i>	134
<i>O líder que “fez” a minha cabeça</i>	139
<i>Lula é indestrutível</i>	142
<i>Tortura psicológica, sofrimento e alívio</i>	146
<i>Lula: “Nunca antes na história deste País”?</i>	150
<i>Direita trata idosos como “massa podre”</i>	153
<i>A pandemia vai mudar o mundo?</i>	157
<i>Amor e política</i>	165
<i>A militância pelo Estado social</i>	194

Curiosidades e “esquisitices” do autor

CLIMA DE MISTÉRIO! O processo criativo deste livro foi emocionante. Tive uma pequena divergência com a minha mulher, Marília, sobre as medidas de isolamento social dela como prefeita e eu, então, entrei em isolamento social em casa: durante a redação do livro isolei-me num dos quartos da casa, uma pequena suíte com banheiro, e usei máscara o dia todo e só tirava para alimentar e dormir. Na pandemia tenho um comportamento diferente da maioria das pessoas. Nos momentos de pico da pandemia tivemos o “pânico” e nos momentos de recuo da doença a situação se inverteu com um certo “relaxamento”. Eu, ao contrário, mantive um isolamento total nos momentos de pico da covid-19, mas, em diversos artigos que publiquei, destaquei que estava “garimpando esperança no meio da tragédia da pandemia”; mas, nos momentos de recuo da pandemia, sempre me preocupo com a flexibilização e decidi então adotar um comportamento “ortodoxo” de isolamento, inclusive em minha casa. Por razões do destino, foi o uso das máscaras que aguçou meu processo criativo: no inverno, usei roupas bem quentinhas e as máscaras protegiam meu rosto do frio; fiquei mais introvertido, o que foi decisivo para aguçar a minha imaginação; e fiquei mais misterioso, o que me deu um certo distanciamento da Marília necessário para o processo criativo.

PLANOS MIRABOLANTES! Meu planejamento inicial era escrever o livro sem falar com ninguém em casa e, ao final, im-

primir apenas dois exemplares: um para mim e outro para a Marília. Veio na minha imaginação um filme que assisti, me parece que da Alemanha: “Sinfonia Inacabada”, onde o compositor, de forma dramática, disse: “Assim como não tem fim o meu amor por você, também não terá fim esta canção”. Eu entregaria o livro para a Marília e, se ela não se apaixonasse por mim “loucamente”, eu diria: “Assim como não tem fim o meu amor por você, também não terá fim este livro”.(...) Mas o clima de mistério, com todo o mundo morando junto, ficou inviável. Minha sogra, Silvia, de 80 anos, vive um momento imaginativo impressionante e imaginou coisas incríveis; mas ela entrou no clima do livro, no frio chegava em nossa casa com toca preta e máscara também preta, a “sogra ninja”.(...) O Vinicius ficou impaciente com meu jeito misterioso, ele achava que o uso da máscara seria um blefe, mas ficou também curioso; e explicou para a Silvia o que é um “livro de crônicas”; na reta final de redação do livro se ofereceu, como me conhece como poucos, para ajudar na edição final dos textos numa eventual edição definitiva deste livro.(...) Já a Marília, uma pessoa muito instintiva, parece que curtiu o mistério. Quando falei para ela do livro, não mostrou muito interesse e me disse: “Não vai escrever 100 páginas...”. Envolvi ela no mistério, com pequenas doses de revelações. Conteí para ela a “sinfonia inacabada” e ela deu gargalhadas, mas foram gargalhadas diferentes de outras porque, ao ver seus olhos, senti que era “gargalhada de paixão” e ela me disse: “Ah! José”. Parece que ela está presentindo que vem coisas bonitas por aí. Ela me fotografou na cozinha, onde edito textos tomando café e publicou nas redes sociais que “está surgindo um novo José”. Eu podia ter ido ao supermercado, mas pedi para ela comprar, duas vezes, garrafas de vinho para mim, o que ela fez de imediato; eu redigo textos no escritório e, desta vez, tomando vinho. Marília está mais atenta comigo, me liga quando não pode vir almoçar em casa, pede a secretária para me avisar de compromissos imprevistos; acho que estou “pautando” mais o dia dela. Ela publicou nas redes sociais um momento nosso sentados no terreiro: “De leve, o jovem cronis-

ta José, fez uma pausa na sua produção literária. É apaixonante vê-lo inspirado e animado. Ele está cada dia mais atraente e bonito”. E ela se mostra “impaciente” com a conclusão do livro. Tive a impressão então que ela gostou do “jogo”. Então bolei o desenrolar do mistério: vou concluir a redação do livro, vou tirar a máscara e quando eu entregar um exemplar impresso para ela, vou dizer: “Este é seu ‘novo’ José”.

VINHO E CAFÉ. Como “a vida imita a arte”, o Ivanir Corgosinho, meu padrinho de casamento no Cartório e parceiro histórico nas formulações políticas, me disse que o que eu estava fazendo, sem saber, é o roteiro dos escritores. Incrédulo, pedi a ele que redigisse sobre isto e ele me mandou o texto: “Escrever com vinho, editar com café” é um velho dito, bastante popular entre intelectuais e redatores em geral. Escrever com vinho porque escrever é um ato de criação e o vinho atíça a criatividade, liberta a alma das inibições do real e, de acordo com os antigos, nos aproxima da verdade. Editar com café justamente porque o café tem efeito inverso. O café ajuda a curar a ressaca, nos acorda para a realidade e nos ajuda ponderar as consequências do que vamos publicar, tornar público”.(...) Então ficou completo o cenário deste livro: inverno; introspecção; mistério; isolamento, emoção a flor da pele; amor e paixão; sentimento forte de solidariedade com as famílias de vítimas da covid-19; vinho e café; e com a tranquilidade de ver minha mulher “bem na fita” como prefeita com mais de 80% de aprovação popular, e fiz para ela um texto de balanço de 30 páginas, com o título: “Contagem tem prefeita”.

TEXTOS SEM OU COM POUCOS PARÁGRAFOS. Parágrafo é a “divisão de um texto escrito, indicada pela mudança de linha, cuja função é mostrar que as frases aí contidas mantêm maior relação entre si do que com o restante do texto”. Não gosto muito de usar parágrafos em meus textos, especialmente nas crônicas da vida cotidiana. Parágrafo é a divisão do texto, mas em crônicas da minha vida, a exceção das crônicas políticas, não gosto de ser “interrompido”, de ser “dividido”. Para ressal-

tar, dentro de um texto longo de um ou poucos parágrafos, as “frases que tem mais relação entre si” utilizo a divisão com parênteses e três pontos. É assim que me sinto bem nas minhas “crônicas da vida cotidiana”. Dei uma olhada na internet e vi que este negócio de não usar parágrafo já foi uma “mania” de diversos escritores.

PALAVRAS E FRASES COM ASPAS. Outra mania minha é colocar aspas nas palavras e frases que quero destacar. Literalmente, não consigo escrever sem utilizar cada vez mais estas inexplicáveis aspas. Sempre pensei comigo que as aspas era uma mania minha e de “mais ninguém” no planeta. Mas uma vez fui “atropelado”, já que durante a redação deste livro, sem querer, vi que o meu mestre, José Luís Fiori, que considero o maior intelectual vivo no Brasil, também usa aspas nas palavras e frases que quer destacar em seus escritos. Impressionante! Só não sei se uso aspas antes de meu mestre ou se, sem ver, acabei apenas imitando ele.

A VIDA IMITA A ARTE E/OU A ARTE IMITA A VIDA? Acho que as duas coisas são verdadeiras. A vida imita a arte e a arte imita a vida. Neste livro há muitas referência à arte, seja a músicas, algumas delas tão marcantes em minha vida que citei a letra inteira, o cinema e o teatro. Pensei comigo: para saber qual das duas hipóteses é a mais verdadeira cheguei a pensar em estabelecer um marco cronológico para ver se eu imitei a arte ou se a arte imitou a minha vida; o que aconteceu primeiro. Não teve jeito. O melhor mesmo é reconhecer que a vida influencia a arte e a arte influencia a vida. Mas o certo mesmo que falamos em “imitar”, não em “igualar” arte e vida.

TEMPESTADE CEREBRAL. Todos os meus livros e livretos foram feitos de uma forma mais planejada, ou seja, pesquisava e os redigia. Este livro de crônicas foi diferente. Tive que fazer o que se chama de “tempestade cerebral”. Primeiramente, em um pequeno bloco de papel, fiz um roteiro bastante amplo de minhas recordações. Depois passei a andar com um papel no

bolso e fui anotando a qualquer hora do dia e da noite minhas novas lembranças. Perdi muitas noites de sono e, para compensar, dormi muitas horas durante o dia. Mas tenho de interromper estas memórias senão o livro não acaba. Provavelmente se o livro tiver uma edição mais permanente irei incorporar mais algumas coisas interessantes que virão à minha mente e outras sugestões de minha família que irão “refrescar” a minha memória. (...) Nas minhas recordações da infância praticamente não conversei com meus irmãos que poderiam confirmá-las ou não; preferi mantê-las, para não perder a graça, ainda que muitas delas fiquem na fronteira da imaginação e da realidade. E gostaria de ressaltar que estas são as “minhas” memórias, mas com certeza têm “outras” memórias, em muitos pontos diferentes das minhas, dos meus familiares, amigas e amigos.

EDIÇÃO PROVISÓRIA E SEM REVISÃO. Este livro, acredito, deve estar cheio de erros de digitação e de gramática; não conheço normas gramaticais, escrevo “bem” textos políticos, de economia e direitos sociais porque leio muito. Mas “não domino muito bem” a linguagem de crônicas; vou retomar um costume antigo meu de ler literatura, o que vai melhorar aos poucos meus textos como cronista. Este livro é uma “carta de amor” à minha família e à população de meu país, especialmente as pessoas mais pobres. Não quero que ninguém, nenhum revisor, editor, quebre o “sigilo” desta minha carta. Pedi ao meu melhor amigo, Rodrigo Paiva, que fizesse para mim a programação visual provisória. Quem quiser pode imprimir o texto, que foi diagramado em forma de livreto, e, depois da edição definitiva, com uma redação revista e melhorada, as pessoas poderão adquirir um exemplar. Rodrigo é o “marqueteiro” da Marília, fotógrafo, programador visual, ceramista, é um artista com múltiplas habilidades. Foi provavelmente por sua “alma” de artista que ele foi quem melhor me compreendeu como pessoa, meu potencial, mas também minhas angústias e meus “ataques de fúria”. Ele sempre via poesia naquilo que eu falava e fazia. No ano passado, tivemos uma briga que parecia que havia selado o fim de nossa longa amizade. O papo foi muito sério. Perdi o sono.

Na manhã seguinte encontro no ZAP uma longa “cartinha” dele me pedindo desculpas, explicando algumas diferenças comigo, mas destacando a admiração por mim. Inesquecível! Acho que de agora em diante seremos ainda mais amigos com nossas almas de poetas.

Contagem, Minas Gerais, agosto de 2021

A matemática dos beijos

Virei poeta para lutar pelo amor de minha mulher, Marília. Sou casado com ela há 38 anos, temos três filhos – Natália, Pedro e Vinicius; uma neta, Marina, a Nina; e minha sogra, Sílvia, nos ajuda em casa e é também da nossa família. Marília Campos é psicóloga, prefeita pela terceira vez de Contagem, Minas Gerais, a maior cidade governada pelo PT no Brasil. É uma das maiores lideranças da esquerda mineira. Nos últimos anos passei a escrever crônicas da vida familiar, divulgadas no meu perfil nas redes sociais, tendo ela como uma das personagens centrais. Ela, quase sempre, curtia, comentava, mas sem grande empolgação. Nos últimos meses me aposentei como consultor em previdência social, assumi, de forma prazerosa a faxina da casa, e faço o trabalho ouvindo músicas, com microfone no ouvido. Gosto muito também dos vídeos no youtube, mais que ouvir músicas gosto de ver os shows.

Descobri então uma versão da música “Por onde andei”, de Nando Reis, que me inspirou profundamente. Esta música mudou a minha vida. Ouço ela todos os dias por diversas vezes. Estou mais sensível e com a emoção à flor da pele. Virei poeta. Esta música tem diversas versões. A versão que que eu me apaixonei, ele canta o amor de forma chorosa e com voz arrasada, num show ao vivo: “Desculpe estou um pouco atrasado / Mas espero que ainda dê tempo / De dizer que andei errado / E eu entendo (...) As suas queixas tão justificáveis / E a falta que eu fiz nessa semana / Coisas que pareceriam óbvias / Até pra uma criança(...) Por onde andei / Enquanto você me procurava? / E o que eu te dei? / Foi muito pouco ou quase nada / E o que eu deixei? / Algumas roupas penduradas / Será que eu sei / Que

você é mesmo / Tudo aquilo que me faltava? (...) Amor, eu sinto a sua falta / E a falta é a morte da esperança / Como um dia que roubaram o seu carro / Deixou uma lembrança(...) Que a vida é mesmo / Coisa muito frágil / Uma bobagem / Uma irrelevância / Diante da eternidade / Do amor de quem se ama”.(...) Choro “rios de lágrimas” com esta música na versão apaixonada e chorosa.

Marília me surpreendeu no dia dos namorados, de 2021, com uma pequena crônica sensível e amorosa, acompanhada de uma bela foto que o Vinicius tirou de nós em uma janela, publicada no perfil nas redes sociais: “José, meu namorado. Meu marido. Já são 38 anos de convivência e ele continua sendo uma pessoa incrível. Me surpreende com as suas mudanças responsáveis por uma relação nada rotineira e em muitos momentos apaixonante. Quero que seja eterna”. E isto sem falar nos presentes que ela me deu: uma blusa muito bonita e três camisas; peças que estreei imediatamente para deixá-la “impressionada” comigo. (...) Durante uns três dias fiquei “meio paralisado” e “perplexo” com aquela que foi a mais bela declaração de amor dela em 38 anos. A declaração de amor precisava ser respondida com uma “flechada de amor” certa no coração dela, pensei comigo. Fiz então uma cartinha de amor somente para ela e mandei pelo WhatsApp no meio do expediente dela na Prefeitura: “Marília, minha querida. Você disse no dia dos namorados sobre nossa relação: “Quero que seja eterna”. Penso como você. Você será “minha” para sempre. Mas, nesta noite, dando um “balanço do nosso amor”, descobri um “déficit” enorme. Um “déficit” de 30 mil beijos que deixei de dar / receber de você nestes 38 anos de casamento. Pelo meu “planejamento” nos próximos 20 anos quero dar / receber de você mais 20 mil beijos. No total, nos próximos 20 anos, serão 50 mil beijos para dar e receber de você. Trazendo para o curto prazo: são 2.500 beijos por ano e 7 beijos por dia. E veja só: “selinhos” dados não serão contados; quero “beijo francês”, “beijo de língua”. O que acha deste meus cálculos malucos? Você acha isso possível: 7 beijos por dia durante 20 anos? Claro que

coloquei todos os “dados técnicos” entre aspas para expressar minha brincadeira. Mas amor não tem aspas, depende de empatia, espontaneidade, sedução, leveza, carinho, olho no olho e tantas coisas mais. Um bom dia para você. Se cuide: não aglomere, use máscara, álcool em gel porque quero tê-la por mais, no mínimo, 20 anos”.

Marília, “ferida” com minha “flechada de amor”, não conteve a surpresa, ficou excitada, e divulgou minha crônica para pessoas do trabalho. Ela me escreveu: “Kkkkkk vou publicar?!”. Fiquei angustiado porque ela esperou quatro dias para chegar o domingo, dia de folga dela, para publicar a minha cartinha. Nas redes sociais, ela escreveu: “Recebi uma carta do José. São 38 anos juntos e ele me chama de ‘minha querida’. Me fez dar boas risadas com a matemática dos beijos. E ele se mostra mais atraente quando revela a sua sensibilidade. Divulgo a carta reveladora da minha intimidade e da minha alegria”. (...) Foram milhares de curtidas e centenas de comentários “deliciosos”, respeitosos, sem provocações e baixarias. Uma pessoa comentou: “Muito amor envolvido”. Marília, elogiada por compartilhar “coisas da vida dela” com seus seguidores e ser “gente como a gente”. Eu fiquei muito feliz e “chocado” com comentários como este: “Quero o meu José” e um deles me chamou a atenção. Heloisa Madureira escreveu: “Maravilhosa matemática do amor”. Este comentário virou o nome deste livro por, acima de tudo, sintetizar um pouco o sentido de minha vida. (...) Marília, depois, me falou que “Matemática do Amor” já era um nome de filme dos Estados Unidos. Fiquei triste mas pensei melhor, decidi manter o nome do livro, porque como se diz “a vida imita a arte e/ou a arte imita a vida”. Este livro de crônicas autobiográficas vai imitar a arte em diversas delas, especialmente o cinema e a música.

Eternamente: Marília!

Quanto mais o tempo passa mais eu gosto de minha mulher, Marília. O amor, quase sempre, diminui com o passar do tempo. O que está acontecendo comigo é o contrário. Meu amor pela Marília está caminhando na mesma direção do tempo. Quanto mais Marília envelhece, mais eu acho ela uma mulher interessante e mais eu gosto dela. O amor, como tudo na vida, eu acho, deve considerar as “circunstâncias históricas”. (...) Da juventude tenho ótimas recordações, do frescor da relação nos primeiros anos do casamento e da chegada de nossos três filhos. Estou curtindo o momento atual do nosso casamento porque gosto de mulher mais velha; sempre brinco com a Marília: “Não troco você, coroa, por nenhuma franguinha”. Não entendo porque muitos homens não gostam das mulheres mais velhas. Elas, que tiveram filhos, já estão com eles criados e podem voltar a se dedicar tempo e atenção aos seus amores; não estão mais limitadas pelos métodos anticoncepcionais, algumas já tem “graduação e pós graduação” e outras até “doutorado e pós doutorado” em amor e sexualidade. (...) Para mim, a mulher coroa é o ápice da mulher. (...) Marília decidiu “liberar” os cabelos brancos. Resisti no início e agora estou gostando muito. E tenho motivos para isso. Marília, com cabelo pintado antes com 60 anos, tinha cara de 50 anos; já eu, com meus 65 anos, com cabelos brancos, tenho cara de 70 anos. O que acontece? Muita gente acha que eu sou o pai da Marília e ela e o pessoal de casa dão gargalhadas com a confusão. Se sou o pai da Marília, sou então o marido da minha sogra e avô dos meus filhos. Já com os cabelos brancos “liberados”, a Marília, sessentona, ficou com mais cara de mulher do que de filha minha. (...) E como fica a re-

lação de amor na velhice? Não pode ter é somente beijo “selinho”, quero beijo francês, “beijo de língua” para o resto da vida; já a sexualidade continua existindo ainda que menos intensa e mais residual, mas, com a criatividade humana, se pode viver bons momentos.

Nos últimos anos, coloquei como meta de vida “abalar” o coração da Marília. Quero vê-la “transbordando de amor” na política e na vida pessoal. Tento criar coisas absolutamente “inéditas” na história da humanidade, mas, quase sempre, sou “atropelado” pela arte, especialmente pelo cinema e pelo teatro, como nos casos dos meus indicadores da “matemática do amor” e de outros “indicadores sigilosos”. Fico curioso se estou “bem na fita” na terapia dela. Já fiz de tudo. Mostrei para ela um vídeo do pastor Caio Fábio criticando os psicanalistas e defendendo alguma espécie de “terapia de casal”. O pastor não convenceu a Marília. Minha mulher, nos últimos anos, está “viajando” pela cultura: lê “toneladas” de livros de literatura, poesia. Na inseparável caixinha de som mais potente, que ela ganhou da minha filha Natália e do meu genro Thiago, ela houve músicas de determinados cantores e cantoras até a exaustão. Já teve “overdose” de Adeli, Los Hermanos, Ed Sheeran, mais recentemente Lady Gaga e Bradley Cooper, nas lindas canções do filme Nasce uma Estrela, e, sempre ele: Caetano Veloso. Fui com Marília nos últimos anos em alguns shows: um musical lindo com uma interprete de Edith Piaf, e ela deu gritos de emoção. Depois fui ver Caetano Veloso e filhos numa apresentação no Palácio das Artes. Marília, como outras mulheres presentes, chorou, gritou, aquela reação que sempre deixa a nós homens meio vendidos. Expressei o meu ciúme com aquela postura e ela, meio sem querer, me disse: “Me respeita, eu amo o Caetano”. Nossa!!! Mulher repreender o marido por ele não respeitar o amor dela pelo Caetano, eu nunca vi.

Percebendo uma certa “desarmonia” entre política e amor fui contra a candidatura da Marília para prefeita de Contagem. Na verdade houve uma inversão de posições: antes ela era contra

a candidatura e eu a favor. Depois ela passou a defender a candidatura dela para prefeita e eu mantive minha posição contra pelas razões que ela tinha me convencido. Dei um “chá de cadeira” na minha mulher por uns seis meses, até que, na plenária do mandato dela de deputada, ela me deu um “xeque mate”. Ela utilizou uma expressão minha para defender a candidatura dela: “O José diz que para mudar a realidade é preciso fazer o que for necessário; o que é preciso fazer agora é eu me lançar candidata a prefeita da Cidade”. “Centralizado” pela minha mulher também fiz o que precisava ser feito: assumi a coordenação da candidatura dela e, numa campanha belíssima e emocionante, ela foi eleita, pela terceira vez, prefeita de Contagem”. (...) Vivo com a Marília uma situação parecida com o filme “O Guarda Costas”, onde Frank Farmer (Kevin Costner), um guarda-costas, é contratado para proteger Rachel Marron (Whitney Houston). Filme que, por sinal, também me arranca “rios de lágrimas”. Pois bem, preciso proteger a Marília, para utilizar uma expressão maniqueísta, das “pessoas do mal”, mas como achei que ela andava “meio sem saber o que fazer da vida” tive que “protegê-la dela mesmo”. E veja mais uma vez como a vida imita a arte e a arte imita a vida: sou muito confundido em Contagem como um “Guarda Costas” da Marília. Não sou muito de acompanhá-la em compromissos sociais, caminhadas, festas, e, quando apareço, a maioria das pessoas acha que sou um “novo Guarda Costas” da prefeita. Impressionante!

É muito difícil para um economista como eu competir com Caetano Veloso pelo amor de uma mulher e é errado tentar arrancar dela confidências de um consultório de psicanálise. Então, depois de 40 anos formado em economia, decido encerrar de vez a minha contribuição nesta área, especialmente em estudos mais amplos e complexos. Vou “invadir” a trincheira de meus “adversários”: a poesia. Vou virar poeta. Vou colocar um pouco de “poesia na terapia” da Marília. Fiz para você, Marília, minha primeira poesia:

ETERNAMENTE: MARÍLIA!

Te amei no passado: Marília “moça”!

Te amo no presente: Marília “Coroa”!

Te amarei no futuro: Marília “velhinha”!

O que “acalmará minha alma” na velhice é você: Marília!

Se tenho “menos medo da morte” é pelo seu amor: Marília!

Minhas “últimas palavras em vida” serão “eu te amo”: Marília!

Meu “último olhar” em vida quero que seja em seus olhos: Marília!

Meu “último suspiro” em vida será de amor por você: Marília!

Eternamente: Marília!!!!!!!!!!!!!!

Marido de mulher “famosa”

Falar de minha mulher, Marília, não é fácil. Ela, como todos os grandes líderes políticos e grandes ídolos nas artes e nos esportes, é uma figura muito complexa. Tenho algumas características que me ajudam a viver ao lado dela: gosto de “mulher empoderada” (no sentido amplo e não somente político) e gosto das mulher mais velha; “você é minha coroa”, sempre brinco com a Marília. (...) Um parêntese. Todas as mulheres têm seu charme e devem ser valorizadas. Uma situação muito delicada foi, no governo Temer, a polêmica sobre a mulher “Bela, recatada e do lar”, que a esquerda transformou em “meme”. Foi uma desconsideração com as “mulheres “desempoderadas”, as donas de casa, que são nossas mães e avós (a guerreira dona Silvia, mãe da Marília, por exemplo); são as mulheres pobres e guerreiras das periferias das cidades que criam seus filhos sozinhas. Vi comentários destas mulheres, que me cortaram o coração. (...) Como marido de mulher “famosa” me chamou a atenção nos últimos anos a vida amorosa de nossos líderes e ídolos. Muitos e muitas são infelizes e outros e outras se envolvem em tragédias pessoais e nos deixam ainda muito jovens. É uma tragédia: homens e mulheres que carregam em seus corações e mentes “todos os sentimentos do mundo” - alegria, tristeza, amor, paixão, ternura, raiva -, muitos não conseguem viver em suas vidas pessoais aquilo que compartilham generosamente com todos nós. Que felicidade termos entre nós artistas e líderes já velhos: Chico Buarque, Caetano Veloso, Maria Betânia, Gal Costa, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Paulinho da Viola, MPB4, Lula, José Mujica, e tantos outros. Mas que tristeza a perda precoce de tantos ídolos: Cazuza, Gonzaguinha, Belchior,

Tim Maia, Elis Regina, Renato Russo, Mamonas Assassinas, Cássia Eller, Raul Seixas, e, no plano internacional: Amy Winehouse, Freddie Mercury, Bob Marley, John Lennon, Maradona, dentre outros.

Sem conhecimento de psicanálise, utilizei meus conhecimentos de ciências políticas para tentar entender a tragédia de tantos líderes e ídolos. Sabidamente todos os líderes políticos, e também ídolos nas artes e nos esportes, vivem uma situação muitíssimo complexa: uma espécie de “dupla identidade”. Tem a “identidade individual” enquanto pessoa física e outra “identidade coletiva” pela representação dos interesses e sentimentos de milhares e milhões de pessoas. Adoro a literatura, o cinema e as artes em geral autobiográficas. Grande parte dos líderes e ídolos, como as artes mostram, têm uma vida pessoal bastante atribulada e até mesmo catastrófica. Para que a vida individual, para utilizar uma expressão política, “paute” a vida da liderança e do ídolo é preciso que ela viva “emoções fortes, arrebatadoras, incontidas”. Veja que coisa complexa: todo líder e ídolo, mais que um “mortal comum”, na sua dimensão coletiva, é “uma ideia”. Marília, na expressão usada por Lula, é também “uma ideia”. Sou vinculado à identidade coletiva de Marília em Contagem, mas “não sou casado com uma ideia”. É complicado demais! Todas lideranças e ídolos precisam da compreensão de familiares, amigos e amigas; precisam “ser arrancados” regularmente da vida coletiva e inseridos nos sonhos e prazeres da vida individual.

Marília, corretamente, tem como um dos principais princípios se manter como “cidadã comum”. Ser “gente como a gente”, que é uma obsessão dela em não perder os laços com a vida cotidiana, é, na verdade, uma questão individual, existencial. Marília, com razão, não quer ser uma pessoa “especial e extraordinária”, quer ser “uma de nós” no exercido do mandato na Prefeitura. Ela tem uma enorme afeição em ser cidadã comum e encontrar as pessoas em um bairro, uma escola, uma praça, um centro comercial, na pista de caminhada, no supermercado, na feira, nas

portas de fábrica, na igreja e no templo evangélico, nos carros de som, nas visitas ao comércio, no metrô. Marília gosta da vida doméstica, de cuidar da casa, de cozinhar para a família, ouvindo músicas através de sua inseparável caixinha de som, tomando uma cerveja ou um bom vinho. Ela gosta de ver filmes e séries da Netflix ou um bom filme na Televisão. Ela gosta de ir ao cinema e de viajar, de encontrar os amigos e amigas em festas. Gosta de conversar com os filhos e com a netinha diariamente. (...) Uma frase que me impressionou no depoimento de Marília em uma publicação recente em seu perfil nas redes sociais: “A minha tranquilidade não se altera com os desafios”. É uma coisa de fato admirável que ela mantenha tamanha calma sendo prefeita de uma grande cidade como Contagem; ela não traz as tensões políticas e administrativas para nossa casa e isto melhora em muito a convivência familiar. Marília tem tamanha tranquilidade que ela à noite “conversa dormindo” quase nunca sobre assuntos da Prefeitura, mas sobre a família, questões do cotidiano e outras conversas desconexas. Muitas vezes as “conversas dormindo” são diálogos comigo, eu acordo mas a conversa nunca “rendeu” nenhum segredo.

Mas se manter vinculada à vida de cidadã comum não basta para um ídolo ou uma liderança ser feliz na vida pessoal. Sempre brinco com a Marília, na minha “matemática do amor”, sobre a nota que ela dá para o nosso casamento; ela dá sempre entre 8,9 a 9,2. É uma nota média alta. Aí eu penso na apuração dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro. Todas as escolas também tem notas médias altas. O que quero, parafraseando os sambistas, é que em alguns quesitos do nosso casamento (não precisa ser em todos), ela, como o locutor, fale com voz gritada: “Nota 10!!!!!!”. Tenho boas notas em alguns quesitos. Marília gosta da minha proteção, sempre fui acostumado a dormir “esparramado” na cama, e, para agradá-la, me acostumei a “dormir agarradinho”; ela me acha uma pessoa muito divertida com meu humor pastelão e é muito legal ouvi-la de longe dando gargalhadas em filmes de humor pastelão que antes ela não gostava; me considera um “bom pai” e uma pessoa “até

melhor que ela”; temos uma enorme identidade de valores de vida; sou comprometido com os serviços domésticos; temos três filhos que amamos; ela está gostando do meu novo visual com cabelos cacheados, e não se cansa de puxar meu cabelo. Mas ela me acha pouco sedutor e muito impositivo. Diz que “eu falo demais, me autoelogio sempre e ainda falo por ela”. Já estou seguindo os conselhos dela. Em uma reunião que ela me convidou falei 1 hora e 40 minutos; na reunião seguinte radicalizei e não falei nada no início; somente comentei no fim da reunião, por uns 20 minutos, um texto que redigi de avaliação do governo dela. Evito também agora o autoelogio e sigo as dicas dela: Quando elogiado, inclusive por ela, dou um sorriso e digo: “obrigado”, “fico feliz”.

Mas Marília também não é uma pessoa fácil. Ela é muito “doce” com o “distinto público”, mas em casa costuma ser muito “brava”. Brava na hora, mas meia hora depois já “não se lembra” de mais nada. Durante anos chamei a atenção dela dizendo que ela estava nervosa e ela, sem querer, dava a mesma resposta: “Eu não estou nervosa não”. Certo dia, após uma explosão de nervosismo dela, transformei a resposta dela em um bordão gritado: “Eu não estou nervosa NÃOOOO”. Foi um marco em nossa família que “acalmou” a minha mulher. Marília é também, como costuma ser todos os líderes, uma pessoa um pouco “ambígua”. Certa vez, alguém analisando o Lula, falou que “Ser ou não ser, eis a questão”, da peça A tragédia de Hamlet, de William Shakespeare, não se aplicava ao petista: ele é as duas coisas. Marília é um pouco assim também: “É ser ‘e’ não ser”. Isto quando transportado para as relações individuais fica meio confuso.

Fico feliz de ver que já na redação deste livro Marília já perceba as minhas mudanças. Ela me surpreendeu quando eu estudava na cozinha e publicou uma crônica nas redes sociais: “Nasce um novo José. Domingo à noite, ele escreve...Ele agora levanta cedo e nesse Sábado me surpreendeu e me acordou. Como não tenho hábito de levantar mais tarde, ele foi logo

perguntando se eu estava passando bem. Logo respondi, sim! Sem culpas por estar com preguiça. Ansioso e animado ele me comunicou: “vou terminar a sistematização de uma avaliação sobre o seu governo e vou dar um tempo na militância. Quero escrever um livro de crônicas”. Na pandemia ele se reinventa. Ficou mais sensível, percebe detalhes e muito atento aos fatos cotidianos comuns a todos nós. Mudanças à vista na relação. Foram 38 anos meio que juntos e misturados. Agora, as motivações e compromissos serão diferentes. Gosto dessa autonomia. Do viver juntos e separados. E acho que, agora, mais juntos!”. (...) Planejava neste livro falar do passado. Mas “que beleza”: já posso falar do presente e do futuro. Marília quero “pautar” sua vida com “emoções fortes, arrebatadoras, incontidas”. Quero te ver feliz na política e na vida pessoal. Te quero plena de amor!

Um beijo e um casamento

No dia 28 de maio de 2021, em plena pandemia do coronavírus, eu e Marília completamos 38 anos de casamento. Casamos ainda jovens, eu, com 27 anos, e Marília, com apenas 21 anos. Nosso casamento duradouro começou de forma meteórica, se deu num prazo de 15 dias e sem namoro. Foi literalmente “um beijo e um casamento”. (...) Eu morava em Belo Horizonte e viajei à Uberlândia para uma palestra sobre sindicalismo. A palestra, que praticamente nem existiu, foi um fracasso e só compareceram três pessoas: a Marília e duas amigas, a Marcinha e a Gercina. Na verdade, a palestra foi um fracasso político, mas um sucesso no amor. (...) Depois da palestra, voltamos para a República onde ela morava e Marília fez “sala” para mim até a hora de minha viagem de volta. Passei o resto do dia todo pensando em uma forma de abordá-la e não tinha coragem. Próximo da hora de voltar a Belo Horizonte, ouvimos música na sala, ela deitada no tapete e eu sentado na poltrona, e uma música ficou em nossa memória: “You’ve Got A Friend”, de James Taylor. O primeiro verso, traduzido, é assim: “Quando você estiver abatida e com problemas / E precisar de uma mão para ajudar / E nada, nada estiver dando certo / Feche seus olhos e pense em mim / E logo eu estarei aí / Para iluminar até mesmo suas noites mais sombrias”. (...) Na despedida dela, meia hora antes da partida do ônibus, abordei-a de forma abrupta. Pedi-lhe um beijo. Ela concordou e me beijou. Pensei numa cena cinematográfica: “Ou abordo esta mulher agora, ou me arrependo para sempre”. São os mistérios da vida. Sem uma abordagem tosca, atabalhoada e abrupta ela não teria se aberto para mim, provavelmente, e não teríamos nos casado. (...) Nas duas semanas seguintes, trocamos cartas pelo Correio; não tínhamos telefo-

nes. Voltei à Uberlândia, quinze dias depois daquele beijo, em 28/05/1983, e selamos o nosso casamento, em uma união estável; o que consideramos o nosso aniversário de casamento. Nunca tinha visto Marília antes; ela era praticamente uma desconhecida. Sabia apenas que ela era estudante de psicologia da Universidade Federal de Uberlândia e que era bancária do Credireal. Não foi nem mesmo o amor à primeira vista, já que esse tipo de amor acontece com um intenso envolvimento de duas pessoas em um período curto de tempo. Até porque morávamos em cidades diferentes e distantes uma da outra. Foi, na verdade, uma aposta na felicidade, que, acredito, deu certo. Uma das grandes vantagens de casar sem namorar é ter podido desfrutar de determinadas intimidades; Silvia, a mãe da Marília, quando eu visitava Araguari, cedia a cama de casal dela, cheirosa e impecável, para que eu pudesse dormir com minha companheira que eu praticamente desconhecia. Inesquecível! (...) Acredito, que eu mudei para melhor a vida dela e ela mudou a minha vida. Meu pai, Otávio, que gostava muito da Marília, nunca me falou, mas sempre deixava a entender, que eu era um “sortudo” em ter como mulher uma figura tão “distinta”. Casamos no Cartório de “papel passado” no final de 1983. Ela manteve o nome de solteira: Marília Aparecida Campos, porque considerávamos que isto fazia parte da identidade dela. Moramos em um pequeno apartamento em Belo Horizonte por quatro anos e mudamos para Contagem, em 1987, para a Rua Buganville, 1313 (duas vezes PT). Não usamos alianças de casamento até 1996, mas na campanha para a Prefeitura daquele ano, Marília colocou aliança para ficar claro que ela era uma “mulher comprometida”. Eu e Marília nos casamos na Igreja Católica somente em 2008, mas isto já é uma outra história.

Meu amor foi “espiado”

Uma militante do PCdoB, de Belo Horizonte, decifrou meu amor pela minha mulher, Marília Campos. Marília se elegeu deputada estadual em 2002 pelo PT e nos dias seguintes encontrei casualmente uma importante militante feminina do PCdoB. Ela me falou: “Eu votei na Marília para deputada estadual”. Surpreso, eu perguntei a ela: “Por que?”. Ela me relatou uma cena inacreditável, maravilhosa: “Num domingo pela manhã, passando pela Avenida Afonso Pena, no centro de Belo Horizonte, vi você e uma outra pessoa, colocando banners da Marília em um poste”. (...) “Parei o carro e fiquei te observando à distância. Me impressionou o carinho com que você colocava o banner da Marília” (...) “O banner ficou um pouco torto no poste e você cuidou dos detalhes para que o cartaz ficasse colocado certinho e sem rugas” (...) “Você colocava o banner da Marília em um poste de rua com tamanho cuidado e carinho que mais parecia um homem colocando um quadro de sua amada na sala de sua casa”. (...) “Nunca vi em minha vida um gesto de amor tão profundo de um homem por uma mulher” (...) “Aquela cena me emocionou e eu rompi com a orientação política de meu partido e votei na Marília para deputada estadual”. (...) A militante do PCdoB não viu o resto da história. Eu, junto com alguns militantes voluntários, colocávamos na avenida Afonso Pena, nos domingos, 200 cartazes da Marília no coração da cidade, da Rodoviária até o Palácio das Artes. Na segunda feira pela manhã, quando o comércio reabria e a Afonso Pena lotava de pessoas, eu voltava ao local para ver se os cartazes, com fundo vermelho, daquela mulher jovem e maravilhosa, estavam intactos. Impressionante: quase todos os cartazes intactos, “arrumadinhos” nos postes como no dia anterior. Mas, na verdade, voltava ao local para

admirar a minha amada; num “passeio” por uns quatro quarteirões eu olhava cada um dos 200 cartazes dela. Como se diz: “Era muito amor envolvido”. (...) Ainda, hoje, quando me lembro daquela cena, me sinto acompanhado, “espiado” em meu gesto de amor. Maravilhoso. A militante do PCdoB decifrou a profundidade do meu amor por minha mulher e porque estive sempre ao seu lado. Nunca interferi do ponto de vista administrativo nas gestões políticas dela, seja como vereadora, deputada ou prefeita; nunca admiti ou demiti funcionários. Sempre que alguém me procura para falar de emprego, eu afirmo: “Você está conversando com a pessoa errada”. Minha relação com ela foi essencialmente política e....amorosa. Estar ao lado de Marília na militância social nestes 38 anos se explica, além da enorme convergência na defesa da democracia e da justiça social, também um gesto amoroso de estar ao lado de alguém de quem eu gosto demais. (...) Em relação à companheira do PCdoB gostaria de dizer que também rompemos com o “centralismo” do PT e votamos, eu e Marília, em Sérgio Miranda para deputado federal nas eleições de 1998. Sérgio foi sempre um grande admirador nosso, pelo compromisso histórico que temos com os direitos sociais, e dizia não entender porque o PT não valorizava como deveria pessoas como nós. Fui um de seus principais interlocutores dele na questão previdenciária, questão na qual se tornou um dos deputados mais ativos na Câmara dos Deputados. Uma grande perda para a esquerda!

A matemática do casamento

Na “matemática do casamento” criei um “indicador” exótico que a Marília achava muita graça. Mas para mim não era somente engraçado; era a forma muito “criativa” de expressar o sentido de meu “amor eterno” por ela. Sempre tive a certeza que meu “indicador matemático” era algo absolutamente inédito na história da humanidade. Pensava comigo: é muito “bizarro” para alguém inventar algo parecido. Mas fui “atropelado” pela arte, especialmente pelo teatro. (...) No final de 2018 fui com a Marília ao teatro, na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, na peça de teatro chamada “A Peça do Casamento”, do consagrado dramaturgo estadunidense Edward Albee, autor, dentre outros clássicos, de “Quem tem medo de Virgínia Woolf”. A peça era encenada pela atriz Eliane Gardini e pelo ator Antônio Gonzalez. Na peça, que trata de um casamento de 30 anos, o marido comunica à mulher que queria se separar. Conversa vai, conversa vem, a mulher revela ao marido que escreveu um livro; o “Livro dos dias”, uma espécie de diário onde ela registrou as 3.000 transas do casal ao longo da vida. No livro, ela registrou “observações diversas, comentários, hora da transa, posições sexuais, tempo de duração da transa, “nível do gozo”, além de muitos aspectos revelados ao longo da peça teatral. O marido, depois de subestimar a capacidade de escritora da mulher, chamou o livro de “Livro das trepadas”. A Peça do casamento se desenrola, com o marido escolhendo o número de uma transa e a mulher descrevendo o que escreveu no “Livro dos dias”.(...) A peça é muito engraçada, a maioria das pessoas presentes eram casais que se deliciaram com as revelações das intimidades do casal, claro que muitas das revelações da “arte imitavam as vidas delas”. Já a Marília também riu muito,

mas o assunto não rendeu nenhuma “reflexão” conjunta nossa sobre a peça. Já eu achei muita graça também com a “Peça do Casamento”, mas fiquei “perplexo” de como meu “indicador de transas” no casamento não era mais “inédito” na história da humanidade. A “arte imita a vida”, mas não é igual vida. O “indicador matemático” do número de transas no casamento era igual ao “indicador” que usei no meu casamento, mas com diferenças importantes.

Dirceu Alves Jr descreveu assim “A peça do Casamento”: “O dramaturgo americano Edward Albee (1928-2016) sabia como poucos pôr o dedo na ferida quando o assunto é a longevidade dos relacionamentos. Quem Tem Medo de Virginia Woolf? e A Cabra ou Quem É Sylvia? são duas de suas peças que tratam de casos conjugais em deterioração no limite tragicômico. A comédia dramática Peça do Casamento, escrita em 1987, é mais um ótimo exemplo dessa sua habilidade não só de abordar o tema como também de montar uma dramaturgia desafiadora para atores e público. Antônio Gonzales e Eliane Giardini interpretam um homem e uma mulher juntos há três décadas e unidos por um sentimento não muito fácil de ser traduzido por eles mesmos. Um dia, o marido anuncia que vai deixá-la. A mulher, apanhada de surpresa, responde ao rompante do parceiro com a revelação de que está escrevendo um livro sobre a vida sexual deles, desde a lua de mel até os momentos atuais. Está exposto um painel corrosivo sobre um relacionamento em que as mágoas e frustrações se sobrepõem com facilidade ao carinho e ao respeito. O cenário de espelhos, idealizado por Daniela Thomas e Camila Schmidt, reflete o embate íntimo e entrosado. A sala da casa, ali reproduzida, também pode ser vista como o palco de um teatro, em que os personagens de Albee dissimulam outros tipos na intenção de enganar, seduzir ou maltratar o próprio cônjuge. Eliane brilha absoluta ao saltar da perplexidade para a tristeza, abraçar o deboche e, em seguida, reforçar o inconformismo. Muito à vontade e segura, a atriz amplia o espaço de Gonzales, ator bem menos conhecido, que imprime surpreendente personalidade ao marido.

O diretor Guilherme Weber não temeu expô-los ao ridículo, e essa entrega da dupla se mostra o diferencial da encenação, que escancara códigos de intimidade que podem parecer tolos para alguns, mas bastante comuns a muitos casais” (Veja São Paulo, 08/02/2019).

O sentido de “minha matemática do casamento” é parecido com a arte, mas tem diferenças. Tem um jeito de comédia, mas seu sentido geral é de uma busca pela “eternidade” do meu amor pela Marília. Uma primeira diferença com a “Peça do casamento” é que no teatro as transas foram registradas em um diário, o “Livro dos dias”. Já meus cálculos foram baseados em “estimativas matemáticas”; registro que tive dificuldade de chegar ao número final devido à história do casamento: períodos “mais desanimados” na relação e períodos “mais vibrantes”. O meu número de transas no casamento é diferente da peça, mas não posso revelar se foi para mais ou para menos. Já o sentido geral do meu “Indicador” de transas ao longo do casamento é muito mais generoso: faz parte de minha luta pelo amor da Marília e da eternidade do nosso casamento. Quando falava com ela do número de transas não era para ressaltar a minha virilidade, mas para afirmar que o meu desejo por ela não acaba, não enjoa dela nunca e quando mais passa o tempo passa mais eu gosto dela. De meu lado, não enfatizo também a virilidade pelo número de transas, mas brinco ser o “melhor amante” para toda a vida dela. (...) Outra diferença fundamental da minha “matemática do casamento” é que a intimidade é, para mim, uma coisa sagrada. Sou casado com uma figura pública, mas jamais, qualquer que seja os rumos de nossas vidas, vou utilizar a intimidade como forma de expressar diferenças pessoais e pior: utilizar a intimidade como instrumento de disputa política. Nunca!

A “deliciosa” matemática das melancias

Nos meus cálculos “bizarros” dos 38 anos de meu casamento, nossa família (Eu, Marília, Natália e Pedro, a exceção é o Vinicius que não gosta desta fruta) consumimos 900 melancias. Adoro melancia, é uma fruta doce, tem muita água e é hidratante, é muito refrescante e com pouca caloria. Por que o cálculo das melancias? Na “matemática do casamento” somente tenho “indicadores” naqueles aspectos da nossa vida que tiveram continuidade, que aconteceram em todos os anos do casamento. Melancia faz parte da “identidade” de minha família. Consumimos melancia (meia melancia), de forma absolutamente regular por quase quatro décadas. Final de semana sem melancia fica triste e somente não tivemos a fruta quando a feira não funcionou, quando estávamos viajando. (...) Um certo trauma que tenho é de quando éramos mais pobres (eu e Marília éramos escriturários, o cargo mais baixo na hierarquia bancária) e nossa renda pouco dava para as despesas domésticas. Então éramos clientes de um sacolão bem popular que trazia do CEASA produtos quase vencidos e acontecia de ter que cortar partes já perdidas da fruta e aproveitar a parte boa. Eu, mostrava meu amor e dedicação à família, cortava toda a melancia de uma só vez, colocava tudo numa bacia de plástico, e, estando já cortada, a fruta todos e todas se serviam. (..) Quando melhoramos nossa renda passamos a comprar melancia de melhor qualidade; e, mais recentemente, trocamos a melancia grande pela de casca verde, tanto uma melancia média como a mini melancia. (...) Mudei também meu gesto de amor. Deixo na ge-

ladeira a peça inteira da melancia, em horas marcadas, em geral de 16 a 17 horas, nas tardes de sábado e domingo, chupo melancia e levo, num potinho de plástico vermelho para Marília onde ela estiver na casa. É um gesto de amor que ela considera um “direito adquirido” e sempre que eu me esqueço, ela, se estiver longe, me cobra aos gritos: “E a minha melancia?”. Melancia não se compra em supermercado, se compra na feira ou em sacolão onde você pedir um pedaço para ver se está de boa qualidade. Não compro frutas e legumes em locais que não tem boa melancia, porque sem esta fruta – uma identidade de minha família – toda a minha compra fica sem sentido. E gosto também de chupar melancias em “talhas” quando chego da feira, sentado nas escadas do meu quintal e, principalmente, nos meses mais quentes e secos, quando, para me refrescar, faço “assaltos” à geladeira de madrugada. (...) E claro: quando recebo a visita em nossa casa de nossos filhos – Natália, Pedro –, que “bateram asas” aí nos juntamos todas e todos para resgatar a nossa doce identidade: a melancia.

Pois é, Pra que?

Vivi na minha juventude uma crise existencial avassaladora. Minha tristeza era infinita. Minhas lembranças da infância pobre e oprimida deixaram sequelas em mim. Minha fé e minha religiosidade foram abaladas pelos “moralistas sem moral”, como os de hoje. Eu não cabia na educação formal e só tirei diploma universitário “aos trancos e barrancos”. Vivíamos ainda na ditadura militar, como bancário participei das primeiras greves como a de 1979, cheguei a ser processado pela Lei de Segurança Nacional, tendo alguns “pelegos” do Sindicato como meus algozes, em depoimentos que uma “infiltrada” nossa no Ministério do Trabalho nos vazou e que publiquei no meu primeiro livro. Trabalhei durante anos com meu pai numa mercearia de domingo a domingo, se folgava na sexta feira da paixão porque meu pai tinha medo da “punição dos deuses”. Não tinha amores e nem tempo para namorar. Nem com tudo isso, adquiri vícios em drogas, eu usava cigarros e tinha sempre no bolso para mostrar as meninas um maço de “Plaza”, mas não sabia tragar, tinha o que chamávamos de “vício de boca”. Era “incompetente” até mesmo para me drogar.

Passei a minha juventude toda chorando “rios de lágrimas”, com a música “Pois é, pra que?”, de Sidney Miller, cantada, de forma dramática, pelo MPB4. É a música mais triste que conheço sobre a condição humana. Sidney Miller estudou economia como eu, mas não concluiu o curso e morreu muito cedo, aos 35 anos. Tentei publicar um pequeno verso da música, mas não consegui. Peço licença aos leitores para publicar todos os versos. Quem já os conhece poderá lembrá-los e quem não conhece poderá se emocionar pela primeira vez. Compôs e também cantou longamente Sidney Miller: “O automóvel corre a lembrança morre / O suor escorre e molha a calçada / A verdade na rua a verdade no povo / A mulher toda nua mas nada

de novo / A revolta latente que ninguém vê / E nem sabe se sente pois é pra que(...)O imposto a conta o bazar barato / O relógio aponta o momento exato / Da morte incerta a gravata enforca / O sapato aperta o país exporta / E na minha porta ninguém quer ver / Uma sombra morta pois é pra que(...) Que rapaz é esse que estranho canto / Seu rosto é santo seu canto é tudo / Saiu do nada da dor fingida / Desceu a estrada subiu na vida / A menina aflita ele não quer ver / A guitarra excita pois é pra que(...) A fome a doença o esporte a gincana / A praia compensa o trabalho a semana / O chopp e o cinema o amor que atenua / O tiro no peito o sangue na rua / A fome a doença não sei mais porque / Que noite que lua meu bem pra que(...) O patrão sustenta o café o almoço / O jornal comenta o rapaz tão moço / O calor aumenta a família cresce / O cientista inventa uma flor que parece / Se a razão mais segura pra ninguém saber / De outra flor que tortura (...) No fim do mundo tem um tesouro / Quem foi primeiro carrega o ouro / A vida passa no meu cigarro / Quem tem mais pressa que arranje um carro / Pra andar ligeiro sem ter porque / Sem ter pra onde pois é pra que / Pois é, pra que?".(...) Uma das grandes lembranças que tenho era de assistir, no Teatro Francisco Nunes, em Belo Horizonte, o MPB4, que vinha com frequência a Minas e cantava músicas de Chico Buarque e Pois é pra que?; era uma fantástica sensação de liberdade no fim da ditadura miliar.

Nada que é humano me é estranho. Esta frase preferida do filósofo Karl Marx salvou a minha vida. Tenho um histórico familiar triste, meu irmão mais velho, Langlebert, tirou a própria vida. O conhecimento das ideias do filósofo Karl Marx, na PUC Minas, me salvou. Quem me trouxe para a vida política e provavelmente salvou minha vida, foi o professor de Sociologia, Carlos Magno, que era militante do PCdoB naquela época e foi mais tarde presidente do Sindicato dos Professores. Eu o contrariei porque, ao invés de entrar para o PCdoB, eu entrei para o PT, que me atraía por ser um partido que surgia de baixo para cima, amplo e de massas. “Nada do que é humano me é estranho”. Este pensamento mudou o rumo de minha vida. Sua

fonte original é de uma peça de Públio Terêncio, comediógrafo latino do século 2 a.C., mas foi reescrito e popularizado por Karl Marx, que o tinha como a máxima preferida. Mario Sérgio Cortella, em artigo publicado na Folha de S.Paulo, afirmou que este pensamento para Marx remetia à sua convicção na ideia da fraternidade e humanidade coletiva. Mas na peça de Terêncio seu sentido era diverso: “muito menos honroso do que aquele propugnado por Marx”. Ou seja, o ser humano com seus grandes defeitos e perversões. Na verdade acho que os dois entendimentos deste pensamento histórico estão corretos: o ser humano é “fraterno e humano”, mas também “defeituoso e perverso”. Bolsonaro, por exemplo, é perverso. Pensamentos marxianos me influenciaram muito, como são exemplos: “Os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de diversas maneiras; o que importa é modificá-lo”; ou “Ser radical é agarrar as coisas pela raiz, e a raiz para o homem é o próprio homem”. Mais uma vez lembro o professor Carlos Magno, uma pessoa calma e atenta, que reconheceu o meu potencial e sempre representou uma referência para mim do ser radical, que nada tem a ver com o sectarismo, mas com a capacidade “de agarrar as coisas pela raiz”.

Mesmo com a infância pobre que tive, minha adesão à esquerda foi menos por razões econômicas e mais por razões existenciais. Me tornei um socialista existencialista. Aderi ao sindicalismo e, certa vez, encontrei com minha grande amiga da juventude, companhia inseparável nos inúmeros filmes depressivos de Ingmar Bergman, e ela marcou a ruptura comigo: “Você está nesta militância porque é um oprimido”. Eu respondi a ela: “Exatamente e você não é?”. Nunca mais a vi. Me lembrei dela, quando mais recentemente assisti ao filme: “Liv & Ingmar”. Eu me sentia meio ignorante, ao entender muito pouco os filmes; achava estranho porque a atriz principal de todos os filmes era a mulher do diretor; e o documentário mostra que, na verdade, os filmes eram em geral autobiográficos. Ou seja, para entender Ingmar Bergman é preciso entender a biografia dele.

Durante grande parte de minha juventude vivia uma tristeza que parecia infinita, e mudei o rumo de minha vida quando decidi assumir o compromisso de vida de empregar a minha energia e criatividade na busca do amor e da felicidade humana e na defesa da justiça social. A justiça social, para usar uma expressão de Cândido Mendes, é o que estabelece uma “identificação primária” entre os seres humanos. O que está em jogo é o direito à vida, quando defendemos direitos como saúde, educação, previdência social, emprego e renda, assistência social aos mais pobres, cultura e demais direitos sociais. Claro que não existe como defender justiça social sem também defender a democracia, a democracia social, as políticas de igualdade e contra toda forma de discriminação, a soberania nacional, o meio ambiente. Certa vez disse para a Marília, “aos prantos”, que o sentido de minha vida é a luta pelo amor dela e da minha família e a luta em defesa da justiça social. É disso que trato no livro “Maravilhosa matemática do amor”.

Tá feliz?

Uma marca minha é surpreender familiares, amigas e amigos com uma pergunta desconcertante: “Tá feliz?”. Tinha certeza que isto era uma coisa inédita na história da humanidade, mas mais uma vez fui “atropelado” pela arte, no caso o cinema. Não tem jeito “a vida imita a arte e a arte imita a vida”. Fui com Marília, certa vez, ao cinema de um shopping, erramos a sala do filme que íamos assistir e “caímos” na sala em que ia passar o filme Sherlock Holmes. Decidimos ver o filme, que nós gostamos muito. Mas eu, mais uma vez, fiquei “perplexo” porque no meio do filme Sherlock Holmes “tomou” uma marca da minha vida e perguntou para alguém que não me lembro: “Tá feliz?”. Mas voltando ao assunto, uma coisa que me impressionou é que fiz a pergunta centenas, milhares de vezes ao longo da minha vida e, quase não me lembro, de pessoas que tenham respondido: “Sim, estou feliz”; quase sempre a “resposta” era “mais ou menos” ou o silêncio. Acho que minha pergunta remete ao protagonismo que devemos ter em nossa vida: se não estamos felizes, o jeito é mudar, ainda que seja tarde, aos 65 anos, como está acontecendo comigo. (...) Quase sempre somos descontentes com nossa vida, não somos protagonistas do nosso destino e sempre culpamos alguém: o pai, a mãe, a esposa, a namorada, o patrão, o filho, o amigo, o companheiro nosso de partido ou de governo. Se não estou sendo “amado como gostaria” quase sempre culpamos alguém por isso. Mas precisamos refletir: não é possível “obrigar” alguém a amar a gente. Neste caso, o problema pode estar em nós que não temos sido “instigantes”, “cativantes” e “sedutores” o suficiente para despertar o amor. Não significa que “agradar alguém” é o melhor caminho sempre. Tem coisas na vida, tamanha a convicção que temos, que temos que manter posições e comportamentos, ainda que desagradem pessoas que gostamos. Tem outras coisas também que “agradar alguém” pode não ser

o melhor caminho. Por exemplo, pessoas excessivamente cômicas podem ser muito populares, mas sem que tenham um grande apreço, são considerados “bobas da corte”; às vezes, com minhas brincadeiras me senti assim. Tem pessoas “oferecidas” demais, que não agradam porque não deixam espaço para conquista. Tem pessoas “puxa saco” que acham que estão agradando, mas tem muitas pessoas, como é o meu caso, que não gosta de puxa-saquismo.

Sou uma pessoa muito difícil na vida familiar e na vida política (sobretudo nas reuniões políticas mais restritas, já nas reuniões mais amplas sou mais “simpático”). Tenho determinadas características que não são harmônicas. Sou, na verdade, completamente desarmônico. Sou um sujeito “ingênuo” e “romântico”, mas, ao contrário da maioria dos ingênuos e românticos que são “doces”, sou “amargo” e “bravo”. Tenho a fama de “bravo”, e minhas sobrancelhas em cima dos olhos deixa de fato meu semblante muito “sério”, mas, ao contrário do meu pai que sempre se gabou que “nunca chorou”, sou um “chorão” inveterado. Choro, como diz Zeca Baleiro, “em qualquer beijo de novela”. Choro em minha casa, choro no cinema, choro em reuniões políticas, choro quando estou sozinho. Sou “bravo”, mas na vida familiar sou muito divertido, diria mesmo extremamente divertido, com minhas brincadeiras e piadas. (...) Depois de décadas de “autoanálise” acho que me decifrei. Nós, “ingênuos” e “românticos”, somos muito “oferecidos” e “oferecidas”, somos “sinceros demais” e “transparentes demais”, não deixamos para nossos familiares, amores e interlocutores políticos “nenhum espaço de conquista”. Já “somos conquistados”, não desafiamos a quem quer nos gostar e amar. Minha braveza não é maldade, sou uma “pessoa do bem”, é uma revolta de um ingênuo contra os “não ingênuos”. Muitos de meus amigos já presenciaram em reuniões políticas inúmeros “ataques de fúria” de minha parte quando sou contrariado de forma que considero grave. E isto acontece também, com menos frequência, na vida familiar. O certo é que eu mesmo “estou cansado de mim”. Quando tenho “ataques de fúria”, como sou hipertenso, minha pressão sobe

rapidamente, como aconteceu recentemente com a pressão chegando a 18 por 14 e eu, pela primeira vez, tive que correr para a Unimed. Minha mãe, que tinha também problemas de pressão, me dizia toda vez que era contrariada: “Você vai matar a sua mãe”. Como não quero deixar ninguém com a culpa de “ter matado o velho”, como quero ter uma melhor qualidade de vida, como quero dormir melhor e ter uma vida mais prazerosa, decidi que vou mudar e já estou mudando. Não é fácil mudar características pessoas depois de tantos anos de vida. (...) É a cultura que está me mudando. Como cronista da vida cotidiana tenho exercitado a minha imaginação de forma maravilhosa. Somente a cultura nos permite “um passeio”, “uma viagem” por nossa vida. Marília disse que eu estou me reinventando. Não vou mudar “no conteúdo” e, para usar uma expressão maniqueísta, sou e vou continuar sendo “uma pessoa do bem”. Mas a forma de ser e de viver eu vou mudar, só não sei ainda para onde vou. Não quero mais ser estigmatizado como sendo uma pessoa “enquadrada” numa forma de ser; não quero mais ser uma pessoa “a-histórica” que é “mesma de sempre” “faça chuva ou faça sol”. Não sei se o melhor é ser uma coisa e antítese desta mesma coisa. Certa vez perguntaram, se me lembro a Rosa de Luxemburgo, se ela era “ousada ou ponderada”; ela respondeu que era uma ou outra coisa dependendo das condições históricas. Gramsci tem como uma de suas máximas o “pessimismo da razão e otimismo da vontade”. Assim, hoje penso que a melhor forma de ser é nesta antítese: “ousado e ponderado”; “otimista e cético”; “romântico e misterioso”; “oferecido e indiferente”; “divertido e sem graça”; “dócil e bravo”; “chato e sedutor”. Estou me reinventando....

Aposentado, virei “dono de casa” e poeta

Me aposentei pelo INSS em 2015 e continuei trabalhando como consultor previdenciário de sindicatos de trabalhadores mineiros: escrevendo cartilhas, dando palestras, e fazendo atendimento telefônico – o “tira dúvidas”. A aposentadoria no Brasil, no setor privado, não rompe vínculo empregatício, o que significa que é possível ser aposentado e continuar trabalhando; mas este tempo trabalhado garante renda mas não dá direito a uma nova aposentadoria e nem serve para recalcular a aposentadoria já existente. Minha história de trabalho é impressionante: trabalho desde os nove anos de idade, sendo no total 56 anos de trabalho de forma ininterrupta.(...) Nos meus planos continuaria na labuta até o fim de minha vida, já que o trabalho intelectual, como especialista em previdência, me torna cada vez mais capaz quanto mais o tempo passa; ao contrário do trabalho manual, que retira a capacidade do trabalhador muito precocemente. Lancei o Blog do José Prata, especializado em Previdência, e busquei apoio de sindicatos de trabalhadores para a sua sustentação.

Não consegui ampliar os parceiros, pois os sindicatos vivem uma enorme crise política e financeira, e ainda perdi os parceiros que já tinha. Virei aposentado “desempregado”. Marília é prefeita, mas tenho uma participação discreta nos assuntos da Prefeitura; tenho uma participação histórica na trajetória vitoriosa da esquerda em Contagem; mas não me intrometo mais, de agora em diante sou apenas “conselheiro”; e, afora a Marília

e algumas poucas pessoas, ninguém tem me procurado para ouvir “conselhos”. São os mistérios da vida: “desempregado” e “esquecido” fui empurrado para a “vagabundagem” e tive que me reinventar: virei “dono de casa” e poeta; se tivesse tido “emprego” e sido “lembrado” seria provavelmente o mesmo pelo resto da minha vida. Seria infeliz para sempre. Impressionante! (...) Eu e Marília temos hoje uma rotina muito diferente. Eu sou aposentado e tenho todo o tempo do mundo, estou curtindo a “vagabundagem” e virei poeta. Ela governa uma das maiores cidades do Brasil. Ela, num certo momento, me falava: “Estou preocupada” com você”; mas está vendo que não há porque se preocupar porque estou gostando da vida de aposentado. Esta rotina diferente, é inevitável, leva a brincadeiras e provocações. Pela manhã, quando sai para trabalhar, ela, às vezes, tira um “sarro” com minha situação de aposentado: “Vou trabalhar porque alguém tem que defender o leite das crianças”. Já eu provoço por ela não ter o tempo livre que eu tenho: “Estou gostando da vida de aposentado, mas depois que passar a pandemia é que a vida vai ficar boa de vez. Vou dar umas ‘escapadas’ e vou te ligar do Cinema Belas Artes, em Belo Horizonte, depois de assistir um ótimo filme à tarde; vou te ligar bebendo uma geladinha da praia ou calçadão de Guarapari”. Acho que ela fica com ciúme!

Aposentado e “desempregado” me tornei “dono de casa”; o que é uma coisa bonita já que “lugar de homem é em todos os lugares, inclusive no serviço doméstico”. Dedico, agora, parte da quinta feira e toda sexta feira, para a faxina e arrumação de nossa casa e limpeza e manutenção do quintal. Agradei a amiga Célia, pessoa dedicada e honesta, que nos acompanhou durante 20 anos, com os serviços de limpeza e faxina, que também se aposentou recentemente. Agora, aqui em casa, somos todos “donos de casa”: minha sogra, Sílvia, cuida do almoço e lava e passa roupa; eu arrumo a casa, faço manutenção no quintal; o Vinicius me ajuda na faxina e reveza comigo a arrumação da cozinha da tarde; e a Marília cozinha no final de semana, aos sábados e domingos, além de fazer as guloseimas (doces, pudins,

rosquinhas, bolos); além disso todos nos responsabilizamos por outras tarefas menores na casa.(...) Uma coisa que me emocionou foi a reação da Silvia e da Célia à minha decisão de me tornar “dono de casa”. Ficaram felizes e deram gargalhadas com minha afinidade e valorização do trabalho doméstico. Muito legal. Subi no conceito da minha sogra, o que deixou a Marília até com ciúmes com tanto apreço que tenho da mãe dela.(...) Estou neste início desta vida nova definindo o “padrão de qualidade” meu aceitável por todos. O “padrão de qualidade” da Silvia e da Marília é inviável: querem que eu dê uma limpeza completa em cômodos da casa que não utilizamos (por exemplo, os dois quartos que eram dos nossos filhos que “bateram asas”); sou também favorável à limpeza mais com pano molhado do que com água, que, na cozinha, por exemplo, estraga os móveis. Já o “padrão de qualidade” do Vinicius tenho dificuldade em aceitar porque é um pouco “descuidado”.(...) Confesso que estou curtindo muito fazer a faxina semanal da minha casa. Sinto mais intimidade e carinho com uma parte do meu mundo, que é a minha casa, me deixa feliz ver tudo limpinho. Quando termina a faxina caminho pela casa para apreciar a casa arrumadinha e limpa.(...) Um depoimento do primeiro ministro da Suécia que eu li, há uns cinco a sete anos, me constrangeu e me inspirou a me tornar “dono de casa”. O sentido igualitário presente na Suécia social democrata deveria constranger a esquerda mais radical do Brasil. O primeiro ministro disse que os suecos lavam e passam suas roupas, fazem as compras e realizam a faxina de suas casas. Sobre a faxina ele afirmou: “Gosto de fazer, e além do mais é algo que todos fazem na Suécia, não apenas eu. Limpar a casa me dá a sensação de ter controle sobre a minha própria vida e de cuidar das crianças, o que me faz bem. É um momento relaxante, que procuro tornar agradável. Enquanto limpo, uso fones de ouvido para ouvir música ou acompanhar partidas do meu time de futebol, o Djurgården. A sensação de andar pela casa no fim de uma faxina, enquanto as crianças dormem tranquilamente, é fantástica”. E o primeiro ministro que disse estas palavras não é social democrata, é de

um partido conservador que governou a Suécia há alguns anos. Impressionante!

Com a faxina agitei também minha vida cultural, especialmente com música. Aprendi com o meu filho, Pedro, curtir música quando se está faxinando a casa, com microfone no ouvido, como ele fazia durante um período em que a faxina era feita pela nossa família. Como se vê é o mesmo que faz o primeiro ministro da Suécia. Somente agora tenho ouvido mais atentamente cantores como Nando Reis, na apaixonante versão “chorosa” da música “Por onde andei” e, em parceria com Ana Cañas, a bela “Pra você guardei o amor”; estou também impressionado com o gaúcho Humberto Gessinger com “Pra ser sincero” e tantas outras canções; e redescubro o Ira e o Paralamas do Sucesso com “Envelheço na cidade”; ouço a bela canção “De onde vem a calma” do Los Hermanos; Maria Betânia me emociona com a voz “gritada” da bela canção “É o amor”, do “jovem” Zezé de Camargo, e de Zé Ramalho as sempre belas Sinônimos e Avôhai. Estas músicas agitaram a minha vida, com uma “overdose” de amor. Passei a escrever cartinhas de amor para a Marília durante o expediente de serviço. Como ela gostou, “virei poeta”.

Como me tornei autodidata?

Mudei para Belo Horizonte, em 1970. Fui o “escolhido”, pela minha mãe, Lourdes, dentre os sete filhos, para avançar mais nos estudos, no sonho de que eu, formado, pudesse realizar o sonho dela de ter a sonhada casa própria. Mas sempre odiei os estudos formais, pela repressão que sofri na infância, para mim educação era associada à autoritarismo; porque me obrigava a estudar coisas que não queria estudar; porque exigia uma disciplina que eu não tinha. Das poucas lembranças que tenho do ensino primário são os castigos: “criança ajoelhada no milho atrás da porta” e a punição coletiva, que era escrever 100 vezes no caderno: “Estou de castigo porque sou insubordinado”. Legal mesmo me lembro de um professor de história que tinha obsessão em dar perguntas com datas dos acontecimentos: ano, mês e dia. O bom era que a meu lado sentava uma garota que escrevia todas as datas nas coxas grossas que ela tinha e levantava a saia para “colar”. Que “aprendizado” delicioso! (...) Portanto, não dei certo nos estudos formais e frustrei, infelizmente, os sonhos da casa própria da minha mãe. Minha trajetória nos estudos formais foi um desastre e só consegui o diploma em economia com enorme criatividade. Meu ensino fundamental foi muito ruim e nem me lembro mais. No ensino médio, a pedido da mãe, fiz o técnico de contabilidade, mas nunca consegui entender a diferença de “débito” e “crédito”; só acertava as respostas porque, eu invertia o meu raciocínio, quando eu achava que era “débito” eu colocava “crédito” e quando meu raciocínio indicava “crédito” eu colocava “débito”. O curso de Contabilidade não me profissionalizou nem me preparou para o vestibular. O que eu fiz? Como o escolhido para ser o “arrimo de família”

me inscrevi no “vestibular” de economia de uma pequena faculdade privada que acabara de implantar o curso; eram 30 vagas para 25 inscritos; respondi o que eu sabia e as matérias que eu odiava eu cravei todas as respostas numa única letra. Passei no vestibular; e para me formar numa universidade mais “de nome”, fiz a transferência para a PUC, que sempre tinha vagas para transferência, com o abandono de alunos, que era sem vestibular. Virei então estudante da PUC. Um péssimo estudante da PUC. O curso de Economia, de quatro anos, eu demorei seis anos para concluir. As matérias de matemática e estatística (que eu odiava e que depois nos meus estudos de previdência, que utilizam muitos os cálculos matemáticos e estatísticos, eu aprendi a amar) eram um verdadeiro terror. Depois de seis anos de sofrimento, “agarrei” na matéria “Moedas e Bancos”, que eu repeti três vezes. Aí então, para não repetir pela quarta vez, com meu jeito dramático, falei ao professor: “Ou você me passa, ou será o responsável pela minha desistência e o fracasso em minha vida..”. Me formei, então, mas até hoje tenho “pesadelos” de não ter conseguido me formar em economia.

Trabalhei no comércio com meu pai, na mercearia, e com meu primo, Valdete, em uma loja de tecidos. No final da década de 1970, depois de fazer o curso de datilografia que eu odiava, virei funcionário do Bemge- Banco do Estado de Minas Gerais. Não procurei político, me inscrevi diretamente no banco, mas era apenas um processo de seleção sem concurso público. Como bancário me vinculei às lutas sociais. (...) Só me encontrei com a educação no final da década de 1970, como um autodidata inveterado, quando pude ler e escrever sobre o que eu queria e da forma que eu gostava. Lia sete a oito livros por mês de literatura, história, política, economia.(...) Na década de 1990 me desliguei do banco e me assumi como escritor e consultor em previdência social. Me especializei em direitos trabalhista e previdenciário, fiz um “doutorado por conta própria” no assunto, lendo tudo o que foi publicado no Brasil e, em centenas de palestras, conheci, em termos concretos as dúvidas da população e pude apurar o meu conhecimento; palestras para

mim sempre foram para ensinar mas também para aprender pois o povo tem um conhecimento prático que é fantástico. Publiquei seis livros, dezenas de livretos, boletins informativos, que, juntos, tiveram edição de aproximadamente 1 milhão de exemplares.

Minha vida de autodidata não é fácil. Nunca tive vontade de realizar estudos formais para minimizar o que eu não aprendi no ensino fundamental e no ensino médio nem dar segmento aos estudos formais precários que tive, com cursos de pós-graduação e doutorado. Tenho trauma dos estudos formais. Não conheço praticamente nada de matemática e de português. Faço tudo, como se diz, na “tora”. Os meus leitores dizem que sou muito “técnico”, com imensidão de tabelas que divulgo, mas tudo é feito com regras e caminhos que encontro na minha própria cabeça e com o auxílio de uma “maquininha de calcular do Paraguai” que tenho em minha casa. (...) Não entendo nada de Português, aprendi a escrever porque leio muito, leio exageradamente; redigo e leio e vejo se minha leitura dá fluência ao texto, aí então ponho vírgulas e pontuação. A única regra de português que conheço, não sei se é certa, é alguém que me ensinou que expressão entre vírgulas é aquela que você tirar sem que o texto perca sentido. (...) Me sinto muito feliz porque minha mãe, Lourdes, acreditou em mim. É uma contradição: eu odiava os estudo formal, mas sem ele eu não teria chegado onde cheguei. Aos jovens de hoje eu digo: estudem e lutem para transformar a educação, cada vez mais, em algo mais prazeroso. Se ela estivesse viva, acho, ela teria orgulho de mim. Foi “aos trancos e barrancos”, minha mãe, que o seu filho, o Zé Pratinha, chegou até aqui. E será, “aos trancos e barrancos”, que vou continuar minha mãe, agora como poeta. Pois, como disse Guimarães Rosa: “O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”. Mãe!

Como me tornei cronista?

Quando encerrei meus estudos formais, que foram muito sofridos, me tornei um autodidata inveterado. Estudava para dar base teórica para a minha militância nos movimentos sociais e, mais tarde, os estudos viabilizaram a minha sustentação. Tornei-me escritor de livros e, sobretudo, de cartilhas, pequenos livretos sobre sindicalismo, previdência, direitos sociais, política e economia. Minha primeira publicação é até hoje motivo de brincadeira em minha casa; eu escrevia como se estivesse no palanque. Publiquei o texto “Basta de sindicalismo atrelado”, um protesto contra a legislação que dava controle ao Ministério do Trabalho de toda a vida dos sindicatos, que nasciam, existiam e morriam por iniciativa do governo. (...) Foi então para me chamar a atenção para minha forma errada de escrever, que Marília, minha mulher, transformou em brincadeira e gozação o nome do livreto; em um bordão ela falava gritado como se estivesse em uma assembleia sindical: “BASTAAA...de sindicalismo atrelado”. Esta brincadeira virou “meme” em minha casa. Mais recentemente, a Natália gravou um vídeo com minha neta, Marina, de pouco mais de dois anos de idade, que também entrou na brincadeira: ela levantou o braço e gritou “BASTA...” e a Natália completou: “...de sindicalismo atrelado”. Muito engraçado! Aos poucos fui, no isolamento da vida de escritor, adotando um estilo mais sóbrio na redação de minhas publicações, que ficaram mais adequadas com a linguagem escrita. Tenho livros manuscritos; outros redigidos nas velhas máquinas Facit e mais alguns em computadores, que são os mais longos porque, como é fácil fazer correção e acréscimos, a redação nunca termina. (...) Já nas palestras não consegui fazer a transição; com plateia na minha frente, não consegui nunca descer do palan-

que, e continuei fazendo “discursos”. Quase sempre planejava falar nas palestras de forma mais formal, mas sempre perdia o controle e, quando via, estava eu fazendo “discursos”.

Me tornei cronista numa “brincadeira”. Aderi às redes sociais tardiamente, apenas no Facebook, e, para não falar apenas de política, economia e direitos sociais, minhas pautas como escritor, passei a fazer “crônicas da vida cotidiana” como uma forma de me tornar mais “simpático” e “interativo” com minhas amigas e amigos. E claro: sempre falava nas crônicas de minha família e quase sempre dela: Marília, minha mulher. No início como cronista, acabava “aprisionando” as crônicas dentro da minha autobiografia, com textos muito longos, que pouca gente lia, mas, quem lia, gostava muito. Passei também a divulgar crônicas mais factuais, mais curtas e mais universais, ou seja, as pessoas passaram a ler mais e se identificar com aquelas histórias. Aí então me encontrei como cronista. Ou seja, em vez de crônicas “aprisionadas” dentro de minha autobiografia, me “libertei” como cronista com crônicas autobiográficas. Nos últimos tempos minhas amigas e amigos tem comentado: “Gosto muito de suas crônicas”; “já pode publicar um livro de crônicas” e alguns mais animados falam até “que as histórias que relato daria um filme”. Claro que este reconhecimento foi me animando a me tornar um cronista.

Vivo uma situação interessante. Antigamente, quando lia romances, me impressionava quando um escritor, ao observar uma cena por exemplo de uma árvores balançando com o vento e as folhas caindo, escrevia uma página inteira sobre aquilo. Pensava comigo: onde o sujeito está vendo tanta coisa? (...) Agora também “tô vendo poesia em tudo”. Tem crônica sobre assuntos mais triviais: um beijo, preguiça de caminhar, amor “espiado”, cabelos cacheados, dar e receber presentes. E por que isto está acontecendo? Minha impressão é a seguinte: se sempre fui adepto de textões e até de livretos sobre temas como política, economia e direitos sociais, é porque captava “muitos detalhes” destes assuntos. Então acho que ao encon-

trar a forma de me expressar, a crônica, e estender minhas observações e detalhismo para a vida cotidiana, estou vendo coisas que nunca vi antes. Me realizei na vida como autodidata, e me tornei por exemplo um dos principais especialistas em Previdência Social no Brasil. Mas não quero mais ler e estudar mais temas que já fiz durante 30 anos. Agora quero mais liberdade de ler e escrever sobre o que quero. E o que eu quero falar, prioritariamente, daqui em diante é sobre a vida cotidiana. E vou arrumar uma nova forma de falar e escrever sobre política, economia e direitos sociais.

Sou um socialista existencialista

Deixei de trabalhar depois de 56 anos ininterruptos, me aposentei, mas continuo na luta pela transformação do mundo. Continuarei na luta em defesa da democracia, da justiça social, da soberania nacional e dos direitos humanos. Eu reconheço: sou um socialista existencialista e romântico, se é que isto existe. Considero inevitável, mas não gosto da luta de classes e da guerra política. A humanidade paga um preço demasiadamente alto para atingir um novo patamar de civilização. Durante um certo período arrumei uma boa explicação para a luta de classes. No livro “A Mãe”, de Máximo Gorki, um militante de esquerda matou um adversário e a mãe ficou chocada com a atitude do filho. Ele explicou à mãe os objetivos da luta de classes: “É preciso odiar alguns hoje, para que no futuro possamos admirar a todos sem reservas”. Mas isso não acalmou a minha alma existencialista. Como assim? Odiar para se chegar a uma sociedade amorosa? Ódio só vai gerar mais ódio. Por mais dura que seja a disputa política, a esquerda deve se projetar na utopia, na esperança, na tolerância política e na alegria. Por isso mesmo, tenho preferência política por líderes populares que são tolerantes e tenham capacidade de gerar consensos ou majorias amplas na sociedade, como Lula, Fernando Haddad, Nelson Mandela, Pepe Mujica, Obama. Mais perto de nós, ressalto minha mulher Marília Campos e Patrus Ananias. (...) Foi eu quem redigiu o banner amoroso da Marília na campanha vitoriosa para prefeita de Contagem em 2020: “Em vez de ser “anti” alguma coisa, vamos nos posicionar “a favor” da Contagem que queremos. Mais do que nos “opormos”, vamos “propor” e apresentar propostas concretas que atendam aos anseios dos(as) contagenses.

Mais que “denunciar”, vamos “anunciar” novos tempos para que Contagem volte a ser uma cidade bonita e vibrante. Ao invés do “ódio” vamos celebrar a “vida”, com amor, diversidade, justiça social e democracia”.(...) Sou um socialista defensor do Estado Social. Não acredito em soluções supostamente radicais, como as revoluções, porque a humanidade é uma construção histórica e não tem como marcar uma data, um dia para se fazer uma “revolução”. Um processo de transformações mais profundas é possível e necessário, mas é fruto de construção de longo prazo, com avanços e retrocessos. Mas também não acho que o capitalismo seja um ponto de chegada da humanidade, como me parece ser a visão da social democracia, que atua muito nos limites do capitalismo reformado. Mas considero que o Estado Social é o que de melhor construiu-se na humanidade, até o momento, em termos de organização da sociedade. Neste sentido gosto da social democracia no que ela define que a melhor forma de avançar a sociedade é pela redução das diferenças, com uma maior inclusão social, e não com a radicalização dos extremos, que acaba, por falta de uma coesão mais ampla da sociedade, frustrando as mudanças, deixando, na maioria da vezes, heranças trágicas de autoritarismo e de atraso econômico e social. E, neste momento histórico, para traduzir uma ideologia socialista para a situação concreta em que estamos vivendo e para se contrapor ao ultraliberalismo, é preciso apresentar como alternativa o Estado Social: emprego e renda, saúde, educação, previdência social, assistência social, cultura, e outros direitos imprescindíveis à vida.

Meu nome é José, José Prata, Zé Pratinha

Muita gente não está entendendo porque minha mulher, Marília, agora só me chama de “José”. Na minha terra eu era chamado de José, José Prata, e mais popularmente de Zé Pratinha. Quando vim para Belo Horizonte e depois para Contagem, fiquei “famoso” como sindicalista, militante do PT, escritor e palestrante e aí ganhei o “nome político” de “Prata”. Mas na família originária continuei sendo chamado pelos meus irmãos de Zé ou Zé Pratinha. Na família não cabe “nome político”, porque eu roubaria o sobrenome de meus irmãos, ou seja, se sou o “Prata” meus irmãos são o que? “Nome político” nunca foi adotado também pelos meus filhos, que me chamam de “pai”. Em casa meu problema era a Marília, que ninguém apelidou de “Aparecida” nem “Campos”, mas ela me chamava pelo sobrenome de “Prata”. Pois bem, nos últimos anos algumas pessoas próximas de minha família passaram a me chamar, de forma carinhosa, de “José”. Gostei do gesto de carinho que resgatava as minhas origens. (...) Então passei a “exigir” da Marília que também me chamasse de “José”. Ela me dizia: “Eu não consigo, aprendi a chamar você pelo sobrenome toda uma vida e não consigo mudar”. Fiz então uma blitz com ela: toda vez que ela me chamava pelo sobrenome eu dizia para ela: “Você é casada há 38 anos comigo e não sabe meu nome?”. Está funcionando: ela passou a me chamar de “José”, ainda que de vez em quando “esqueça” o meu nome.

Sou da família “Prata” do Leste de Minas, das cidades de Manhuaçu e Simonésia. Meus avós eram o José Florêncio Prata, o

Zé Pratinha, e minha avó Joaquina Maria da Cruz. Eles tiveram quatro filhos: Lourdes Prata Araújo, Antenor Prata, José Calixto Prata, Sebastião Prata. (...) Minha família originária é formada pela minha mãe, Lourdes, pelo meu pai, Otávio, já falecidos, e somos sete filhos: Eu, José Prata, Langlebert (que morreu jovem), Maria das Graças, Luís, Fátima, Vera e Maria do Carmo. O outro ramo familiar dos “Prata”, com quem tive mais contato, que morava em Belo Horizonte, era formado pelos meus tios: Antenor e Sinhá, já falecidos, que tiveram seis filhos e, acredito, que para marcar a identidade da família têm nomes com o mesmo final, de forma bastante poética: Delisete, Arlete (já falecida), Waldete, Ivonete, Nildete, Mariete. A família dos “Araújo” do meu pai, mais de Caratinga, nós perdemos contato, mas tenho parentes em Contagem que vou procurar para restabelecer laços históricos.

Como se vê, eu herdei o nome do meu avô, Zé Pratinha, que morreu poucos dias antes do meu nascimento, e, todas as pessoas com quem converso, me falam que tratava de uma pessoa muito boa. Conheci e amei profundamente foi minha avó, Joaquina. Ela era uma figura doce, carinhosa, e visitar ou passar férias na casa dela uma como estar “num paraíso na terra”; na casa dela, como de muitos avós, não vale a autoridade dos pais, é uma relação “libertadora”. Vó Joaquina era também uma famosa “benzedeira” na cidade de Manhuaçu; ela colocava a mão na nossa cabeça, rezava e curava toda dor que sentíamos. Lembro-me de ela ter feito uma “simpatia” que acabou com uma verruga em meu joelho: passou quiabo babento no local, rezou e jogou longe o pedaço do legume; a verruga secou e desapareceu. E impressionante: sempre que ia na casa dela encontrava bolinhas de gude que eu adorava espalhada pelos jardins e pela quintal. Nunca entendi aquilo. Hoje acho que a velha “semeava bolinhas de gude no quintal para os netos”. É muito poético isso!

Resgato também um pouco das minhas origens para dizer que foi com a família Prata, dos meus tios Antenor e Sinhá, que

cometi um grande erro em minha vida. Meus padrinhos, Luís Salgado e Arlete Prata, simplesmente nos “carregaram” do interior para a capital, onde pudemos realizar nossos sonhos de vida. Os dois morreram sem que tenhamos reconhecido o papel do casal que mudou o rumo de nossas vidas. Deles tenho lembranças bonitas, mas nos afastamos deles depois que nos mudamos para Belo Horizonte e depois Contagem. Lembro as visitas frequentes que faziam a nós em Simonésia e levavam frutas a que não tínhamos acesso, como maçã e uva; levavam roupas usadas e seminovas, principalmente de malha, que eu adorava porque me tornava mais “moderno”; deles lembro as poucas viagens que fizemos a Belo Horizonte, no Padre Eustáquio, quando éramos recebidos com muito carinho; deles lembro que garantiram a vinda dos meus dois irmãos mais velhos para Belo Horizonte para trabalharem e pavimentarem a vinda de toda a família posteriormente. Lembro do “Pau de arara” que nos conduziu de Simonésia para Belo Horizonte e foram eles – Luís Salgado e Arlete Prata – que “pavimentaram” o nosso futuro. E eu, mais do que meus irmãos, sofro porque sei que eles sofriam mais com minha indiferença, porque eram os meus padrinhos, e porque eu representava para eles, junto com minha família, um grande exemplo de que a luta deles para nos trazer para a capital tinha valido a pena e era vitoriosa. Um visitinha na casa deles, minha, da minha mulher, e dos meus filhos, especialmente quando meus padrinhos estavam doentes, tenho certeza que seria o gesto de carinho e reconhecimento que eles esperavam. (...) Não consigo uma explicação para a minha insensibilidade, estupidez e ingratidão. Aos três filhos de meus padrinhos Luís Salgado e Arlete – Mara, Osvaldo e Patrícia – eu peço desculpas pela minha falta de jeito e sensibilidade. Os pais de vocês lutaram demais por vocês três e pelo Rogério, que faleceu muito cedo, e mudaram também o rumo de minha numerosa família. Gratidão eterna ainda que tardia.

A culpa de não ter sido um bom pai

Os três filhos meus e de Marília – Natália, Pedro e Vinicius – nasceram literalmente “na luta” que participamos juntos nas décadas de 1980 e 1990. Marília estava no sétimo mês de gravidez da Natália naquela que foi a maior greve da história do sindicalismo bancário, em 1985, e a sua barriga ficava, inclusive, coberta de adesivos da greve. Ela estava no quinto mês de gravidez do Pedro em outra grande greve dos bancários, em 1988. E Marília estava no sétimo mês de gravidez do Vinicius na campanha de deputada estadual de 1998, quando, sem liberação do Bradesco, foi obrigada a trabalhar grávida no banco e fazer a sua campanha eleitoral nos horários vagos. Foram momentos como aqueles que firmaram em Marília a imagem de “mulher guerreira”. (...) Suponho que muitas pessoas que têm uma vida profissional e/ou política muito intensa, com grandes restrições de tempo no acompanhamento dos filhos, têm uma sensação de culpa por não terem sido bons pais. Esse sentimento é, provavelmente, mais intenso entre mulheres que carregam, na expressão da Marília, “todas as culpas do mundo”. Quem tem uma vida profissional muito intensa fora de casa passa como “ausente” na criação dos filhos. Com a inserção maciça das mulheres no mercado de trabalho e na militância política, com os enormes tempos dispendidos no transporte urbano, acredito que uma certa distância do dia a dia dos filhos tornou-se uma coisa muito comum para milhões de pais.(...) Eu vivi uma situação diferente. Sempre tive uma vida profissional e política muito intensas e, como gosto de ser um intelectual orgânico, gasto mais tempo ainda com os estudos teóricos na profissão e na política e na militância prática. Sempre trabalhei muito

em casa: durante 15 anos de casamento, morando em apartamento pequeno, meu escritório era na sala; e, depois de mudar para casa nos últimos 23 anos, meu escritório passou para um barracão nos fundos. Ou seja, trabalho, política e família tudo misturado no mesmo espaço. Minha sensação de culpa não é pela “ausência” mas pela “indiferença” com a família. Até porque filhos, quando pequenos, consideram que pais que trabalham em casa, como a mãe dona de casa, não trabalham. Para as crianças menores, trabalhar significa trabalhar fora de casa. (...) Suponho que minha fama junto a muitos amigos e vizinhos também não seja boa, já que, trabalhando em casa, saio ao longo do dia para ir à padaria, banco, farmácia, etc e podem também ter a percepção de que não trabalho e vivo às custas de minha mulher, que sou um “gigolô” da Marília.(...) Certa vez o meu filho do meio, o Pedro, mandou um uma mensagem para a sua mãe nos fazendo um afago: “E neste sentido eu só queria deixar bem claro que você e papai são os melhores pais do mundo”. Só vou me considerar um bom pai se receber pelo resto da vida afagos e “discursos” assim dos meus três filhos.

Final de semana é da família!

Eu e Marília temos 38 anos de casamento; foram 38 anos de militância política ininterrupta. Para compensar a dureza da vida militante sempre colocamos como meta reservar o final de semana, parcial ou integralmente, para a família. Mas nem sempre foi assim. No início de nosso casamento, eu, que era da direção estadual de organizações de esquerda – MEP e PRC –, que mais tarde ingressaram e se “diluíram” no PT, tinha grande parte dos finais de semana e feriados prolongados ocupados com intermináveis reuniões, conferências, encontros temáticos. Marília, que acabara de mudar o rumo da vida dela ao sair do Triângulo Mineiro e vir para a Capital, ficava quase sempre sozinha. Ela até hoje sofre com as lembranças daquela época. Toda semana ela me “convocava” para uma “DR”, discussão da relação; na época isto se dava numa Pizzaria perto do nosso antigo apartamento, a Behlu, onde ela tomávamos uma cervejinha ao som do “tum tum”, música ao vivo onde um cantor misturava som mecânico e instrumentos musicais. Passado algum tempo e a política deixou de ocupar espaço demasiado invasivo em nossas vidas, pudemos, então, já morando em Contagem, reservar os finais de semana para a família. Durante a semana Natália e Pedro frequentavam a Escola Estadual Helena Guerra, durante todo o ensino fundamental, e ficavam sob os cuidados de empregadas domésticas que pagávamos com o auxílio creche que tínhamos no Banco. Mas nos finais de semana a família se reunia. Marília sempre foi uma apaixonada por Clubes, por água e sol. Em Araguari, levantava de madrugada nos dias de sábado para arrumar a casa para depois se deslocar para o Pica Pau, clube da cidade. Fizemos isso também em nossa família. Mesmo antes de ter car-

ro, pegávamos nossos filhos nos sábados e íamos para o Parque Fernão Dias, onde tomávamos banho nos inesquecíveis “chuveirões” e sol deitados nas toalhas. Depois passamos a frequentar o Clube do BEMGE, no bairro Imbiruçu, em Betim. No início, ainda sem carro, pegamos o ônibus que tinha ponto final ao lado do Clube; mais tarde compramos nosso primeiro carro e as idas ao Clube ficaram ainda mais gostosas. Água, ar, refrigerante, sucos e cervejas, tira gosto, almoço barato. Eu sempre chegava ao Clube e ia direto para o pomar, onde tinha jabuticaba, mangas, goiabas. Foi lá que Marília ensinou nossos filhos a nadar. Foram tempos inesquecíveis de renda familiar pequena, mas de enorme esforço para fazer aquilo que nos deixava feliz.

Nos tempos mais recentes, já morando em casa e com uma pequena piscina no quintal, já agora com nossos time de filhos completo com a chegada do Vinicius, se tornaram inesquecíveis os almoços de domingo, comandados pela Marília. Ela é uma cozinheira de mão cheia, faz as comidas mais deliciosas, faz todo tipo de guloseimas (biscoitos, rosquinhas, bolos, pudins, mousse), além dos sorvetes que compramos. Marília cozinha para a família com absoluta entrega, faz tudo o que eu e nossos filhos pedimos e muito mais do que pedimos. Faz sempre comida com enorme fartura, seus pratos mais “famosos” (feijão tropeiro, lasanha, estrogonofe, frango assado, galinhada) duram um, dois, três e até quatro dias. Comemos uma comida no domingo e até terça e quarta feira tem ainda comida “esquentada” do final de semana. Cozinhar ela não reclama, só não suporta ficar sozinha na cozinha, quer a minha companhia para conversar e ajudar na lavagem das vasilhas e não dispensa, é óbvio, uma cerveja geladinha, e uma boa música. Na hora do almoço, ela cobra de mim e dos filhos um elogio imediato. Se nós esquecemos, ela nos lembra: “Ninguém falou nada sobre a comida!”. Às vezes ela cobra elogio antes de a gente dar a primeira garfada, e, quando eu esqueço de elogiar, já tendo iniciado o almoço, brinco com ela: “Só não elogiei ainda porque estou de boca cheia”.(...) Agora, estou feliz porque estou quebrando um pouco esta divisão do trabalho e fazendo o churrasquinho de domingo. Aprendi a fa-

zer o churrasco com meu genro, Thiago Brito, e tomei gosto por isso. Churrasco que não é somente carne, mas milho verde, queijo, pão de alho. Churrasquinho acompanhado de uma deliciosa cerveja. Tudo de bom!

Foi nos almoços de domingo, também, que me exercitei como poeta durante longos anos. Eu nem imaginava, mas foi com meus “casos” da minha vida pobre quando criança e meus “discursos” de enaltecimento de minha mulher e meus filhos, já estava ali o cronista que me tornei agora. Para não gerar maior impaciência na “minha plateia familiar” apenas anunciava em uma frase, em poucos segundos, o título de minha crônica. Muitas vezes, meus filhos me interrompiam: “Pai, esta história nós já ouvimos”. Outra mania minha é, imitando meu passado sindicalista e a Marília política, fazer discursos de puxa-saquismo dos meus familiares. Quase sempre meus filhos diziam: “Olha a babação de ovo”. Marília me considera um bom contador de piadas: falo sério o roteiro da piada e somente dou risadas quando a piada se completa com o momento em que “explode” a graça. Já Marília não consegue contar piada: ela conta um pedacinho e ri; ou seja, “ela ri dela mesmo”; aí eu falo para ela: “Conta a piada primeiro depois você ri”.(...) Temos algumas brincadeiras que se tornaram inesquecíveis e entraram para o folclore familiar. Marília quando acha muito graça na minha piada e quando é “imitada” pelo Vinicius com sua capacidade incrível de “leitura labial” fala: “Para! senão vou fazer xixi na calça”. Somente eu consegui esta façanha. No início do casamento, ela estava grávida, atravessávamos um terreno baldio voltando para casa, fiz uma brincadeira e insisti na brincadeira, ela então, que estava de vestido, parou e fez um xixi completo na calça. (...) Uma outra brincadeira foi a seguinte: passando pela Feira vi um camelô brincando com um saco cheio de jornal, ele batia no saco com uma vara e, de dentro da boca, ele usava uma pecinha de plástico que fazia o barulho de um gato apanhando. Comprei a pecinha e deixei em casa. Num sábado à tarde, com toda a família e outras pessoas em nossa casa, subi ao segundo andar de nossa casa, fiz o barulho do gato, o som parecia mais de um tigre. Natália desceu às pressas com medo do

“animal” e o pessoal na sala ficou com muito medo. Fui descendo para o primeiro andar fazendo o barulho, o pessoal fechou a porta que dava acesso à sala. Quando cheguei na porta fechada simulei uma “um arranhão” do “tigre” na porta. Pavor geral! Podia ter feito mais movimentos mas decidi interromper a brincadeira, que estava ficando tensa demais. Quando abri a porta da sala, estava todo mundo encima da poltrona, da cadeira. Esta é para nunca mais esquecer; o “gato” que apanhava virou um “tigre” em perseguição aos seres humanos!

Eu e Marília somos “agarradinhos” com Contagem e Belo Horizonte por razões políticas, mas também por razões familiares. Os mandatos da Marília de deputada estadual, pela agenda política, foram mandatos mais compatíveis com de deputada federal. Marília até dá desculpa de que “o José não me deixa ir para Brasília”. Não é bem assim. Ela não gosta de exercer a representação à distância, quer estar sempre no meio da população, em especial em cargos executivos que “fazem” melhorias de vida para a população. A vida de um deputado federal é muito dura, passa a semana em Brasília e, nos finais de semana, tem que viajar 70, 80, 100 cidades, ao longo do ano, onde tem trabalho político. Quase não sobra tempo para a família. Por isso, não “deixei” Marília ir para Brasília para ela estar sempre perto de mim e dos nossos filhos. Mesmo quando deputada estadual, Marília concentrou violentamente o trabalho político em Contagem, Belo Horizonte e em mais algumas cidades da Grande BH. Isto seguiu uma diretriz política de buscar uma representação política orgânica da cidade e da região, ao invés de dispersar o trabalho por dezenas de cidades do interior. Mas também visou manter Marília perto de casa e da família. Militância política e tempo para a família. Talvez por isso, tenhamos chegado, depois de 38 anos de militância, bastante energizados e rejuvenescidos politicamente. Nossos três filhos não seguiram nossa militância mais engajada, temos na família uma advogada, um matemático e um futuro geógrafo todos progressistas e que tem por nós, eu sinto, uma enorme admiração. Assim é a vida!

Mãe!

Fui com minha mulher, Marília, a uma festa há algum tempo e as pessoas pediam músicas e o “DJ” dono da casa atendia aos pedidos. Marília, então, me surpreendeu e “pediu para mim” aquela música que me leva às lágrimas. É a música do “jovem” Zezé de Camargo “No dia em que saí de casa”, com versos que me cortam o coração: “No dia em que eu saí de casa / Minha mãe me disse: / Filho, vem cá!(...) Passou a mão em meus cabelos / Olhou em meus olhos / Começou falar(...) Por onde você for eu sigo / Com meu pensamento / Sempre onde estiver(...) Em minhas orações / Eu vou pedir a Deus / Que ilumine os passos seus(...) Eu sei que ela nunca compreendeu / Os meus motivos de sair de lá(...) Mas ela sabe que depois que cresce / O filho vira passarinho e quer voar(...) Eu bem queria continuar ali / Mas o destino quis me contrariar(...) E o olhar de minha mãe na porta / Eu deixei chorando a me abençoar(...) A minha mãe naquele dia / Me falou do mundo como ele é(...) Parece que ela conhecia / Cada pedra que eu iria por o pé(...) E sempre ao lado do meu pai / Da pequena cidade ela jamais saiu(...) Ela me disse assim: Meu filho, vá com Deus / Que este mundo inteiro é seu”.(...) O filme “Filhos de Francisco”, que conta a trajetória pobre dos “jovens” Zezé de Camargo e Luciano me levou a crises de soluços e choro no cinema e nas vezes que assisti em minha casa. Além disso tem o processo de criação de outra música linda: Zezé de Camargo vê sua mulher dormindo no quarto e, de madrugada, volta para a sala e compõe a maravilhosa “É o amor”, que ele interpreta muito bem e Maria Betânia ainda mais lindamente.(...) Me lembro como hoje, no final da década de 1970, me mudando para uma República no bairro São Pedro, em Belo Horizonte, a camionete parou na porta da minha casa, coloquei alguns móveis, minha mãe desolada me pedia para não ir embora. Fui para uma República junto com o Zé Luís Aze-

redo, que chamávamos de “Senador”, e com o Ronaldo. Morar fora de casa naquela época era um teste de fogo para a emancipação de muitos jovens.

Se eu tinha fortes razões para me emancipar, tenho certeza que minha mãe, Lourdes, como na música, “nunca compreendeu os meus motivos de sair de lá”. Vendo com olhos de hoje acho que fui profundamente injusto com minha mãe. Nos últimos tempos tenho analisado cada pessoa a partir das “circunstâncias históricas dela”. Minha mãe junto com meu pai, Otávio, enfrentaram dificuldades quase intransponíveis, nos tiraram da roça, éramos sete filhos, e nos trouxeram para a cidade pequena para que tivéssemos acesso à educação, sem isso não teríamos futuro. Ela teve sete filhos num prazo de 14 anos e cuidava sozinha de todos e todas, de segunda a sexta, e somente nos finais de semana meu pai, que buscava a renda no sítio com uma pequena produção e leite e de café, se juntava à família para ajudar na criação dos filhos. Minha mãe era muitíssimo estressada, tinha horror aos riscos da vida na cidade e nos mantinha, como uma galinha com seus pintinhos, debaixo das “asas” dela dentro de casa. Ela cuidava da alimentação nossa sempre muito “regrada” e sem jantar. Numa situação daquelas qual mãe não seria estressada? (...) Quando mudamos para Belo Horizonte, ela continuou cuidando da casa, também tendo que administrar os gastos devido a renda pequena que meu pai conseguia em uma mercearia.

Minha mãe me “escolheu” para ser o filho que continuaria os estudos primeiro, para se formar em uma faculdade, na esperança que eu fosse o “arrimo de família” e, quem sabe, realizasse o sonho dela da casa própria. Quando eu fui embora de casa, eu “leveei” comigo o sonho dela de uma vida melhor. Verdade que eu tive enormes dificuldades com os estudos formais e somente depois da morte dela consegui melhorar de vida, como escritor, consultor e palestrante. Casei com Marília em 1983 e, em vez de ajudar minha família, era a gente que precisava de ajuda da Silvia, minha sogra. Mas, casado, voltei para perto de minha

mãe e de meu pai, morando com Marília em um apartamento pequeno no bairro Padre Eustáquio, em Belo Horizonte, a uns cinco quarteirões de meus pais. Me lembro de minha mãe, já doente, com acho hipocondria, ela quase só falava de doença, e depois, ela começou a esquecer as coisas e outros comportamentos era o início da terrível doença de “Alzheimer” que a deixou em estágio vegetativo por diversos anos.

Já morando em Contagem, em 1992, escrevi um pequeno livro, “A luta que comoveu o Brasil”, que tratou da luta histórica dos aposentados brasileiros, e fiz a seguinte dedicatória: “Aos meus pais, Otávio e Lourdes, com os quais tive longos anos de desencontros, mas que a vida tratou de nos aproximar”. Lembro, até hoje, as palavras sentidas de minha mãe, ainda antes da doença: “Por que me homenagear e falar de desencontros?”. Uma estupidez minha, não é mesmo? Com meu pai o reencontro foi mais completo e sempre que podia, pessoalmente ou nas festas da família, prestava-lhe uma homenagem pelo que fez por mim e meus irmãos. É por estas e outras que estou voltando a minhas origens. Sou o José, o José Prata, o Zé Pratinha, filho com muito orgulho e amor da Lourdes e do Otávio.

Pai!

Meu pai, Otávio, foi para mim um exemplo da força e da fragilidade humana. Impressionante! Ele se gabava de “nunca ter chorado na vida”, e eu realmente nunca o vi chorar. Ele tinha uma “saúde de ferro” e até pelos 70 anos “nunca foi a um médico”, verdade que não tínhamos SUS na época do meu pai mas, mesmo pequenos sitiantes como ele, sempre arrumavam algum recurso, quando precisavam, para ir a um médico particular. Não me lembro de tê-lo visto usando blusa, o homem simplesmente “não sentia frio”, mesmo morando em um sítio em local muito alto, onde fazia um “frio de doer”. Meu pai era “altão”; “fortão”, sempre com mais de 100 quilos, e viveu muito até os 84 anos. O “charme” do meu pai é que ele era um homem severo, mas não era violento, ele nunca batia nos filhos, como era comum décadas atrás. Ele nos olhava com a cara feia, a gente obedecia de imediato ou saía correndo.(...) Mas na velhice o homem foi amolecendo o coração e ficou um “doce”. Ele se aposentou com 1 salário mínimo, mas o pequeno valor lhe dava dignidade. Ele dizia: “Se eu não puder dar balas para meus netos com recurso meu eu não teria dignidade”. Quando minha mãe morreu, já com as mudanças previstas na Constituição de 1988, homem também passou a ser dependente da mulher e meu pai pode receber a pensão e melhorar um pouco a renda para dois salários mínimos.

Já velho meu pai ficou muito doente. Ele tinha excesso de catarro, que quase o engasgava e não me lembro qual era o diagnóstico médico. Ele emagreceu para menos de 60 quilos, diagnóstico clínico indicava doença grave, mas ele não tinha mais saúde para fazer exames para confirmar a doença. Rodamos com ele de médico em médico, de Hospital em Hospital; eu revezava com meus irmãos nos cuidados com meu pai. E foi eu quem presenciei seus momentos e sua fragilidade no final

da vida. Marília era prefeita de Contagem, trouxemos meu pai para o Hospital Municipal de Contagem. Ele ficou internado em um quarto individual. Para minha surpresa, ao contrário do que pensava, as pessoas mais pobres não gostavam de quartos individuais, preferiam a enfermaria; é lá que tinham companhia de outras pessoas o dia inteiro, sendo um local coletivo de internação por lá passavam profissionais o dia inteiro: médico, enfermeiro, auxiliar de enfermagem, pessoal da limpeza e, nas noites, se “reuniam” para ver novelas, programas populares e futebol. Impressionante! (...) Foi no quarto individual, acomodado em uma cadeira de acompanhante precária, que fiz companhia ao meu pai por uns 10 a 15 dias. E lá presenciei cenas dramáticas: toda noite meu pai, o homem forte que conheci quando mais jovem, me acordava “balbuciando” palavras que eu não entendia e tentando acabar com a própria vida. Fiz companhia ao meu pai também nos últimos momentos de vida dele. Nós o internamos em um hospital que não me lembro o nome, e fiquei com ele num quarto com ele encima de uma maca. Certa hora, ele tremeu o corpo violentamente fazendo um barulho na maca; pensei que ele estava voltando à vida, mas era o último momento dele em vida; era a morte que chegava. Chocante!

Meu pai, Otávio, fez um esforço heroico para criar e dar educação para os sete filhos. Nós mudamos para a cidade, minha mãe e os sete filhos, e meu pai continuou morando em Palmeiras, distrito de Manhuaçu. O homem levantava todos os dias às 2 horas da manhã para tirar o leite de umas 20 a 30 vacas, com o apoio de um ajudante, que dava mais ou menos 100 litros de leite por dia. Trabalho pesado porque não existia máquina, era tudo manual. Eu nunca aprendi a tirar leite, não tinha forças nos dedos para tirar leite. O leite era colocado em dois a três latões e trazido de charrete para Simonésia, há uns 25 quilômetros de distância, e na parte da manhã, o caminhão da cooperativa passava, recolhia o leite e levava para Realeza, distrito de Manhuaçu. Meu pai, uma pessoa muito honesta, nunca colocou “água no leite”, como fazia alguns sitiantes para aumentar o faturamento. O que fazíamos, mas que era proibido também, era,

quando a charrete chegava a Simonésia e passava em frente a nossa casa, era “desnatar” o leite tirando a manteiga que surgia no transporte do leite. Meu pai, por não conseguir honrar seus empréstimos com o Banco ficava com “nome sujo” na praça. (...) Nossa casa era mantida com a renda mensal do leite e, uma vez por ano, tínhamos receita extra com a venda do café. Para melhorar a renda, meus irmãos trabalhavam em uma sapataria e numa loja de tecidos; eu passei a trabalhar numa loja de tecido e não recebia nada, trabalhava “para sair da rua”. Tínhamos ainda produtos trazidos da roça, como arroz, mandioca, frango, ovos, e, em nossa casa, tínhamos uma horta bastante ampla.

Meu pai se juntava à família nos finais de semana, e chegada no início da tarde de sábado e voltava para o sítio na segunda pela manhã. Eu cheguei a cuidar do cavalo, que o transportava do sítio para a cidade. O animal era “solto” num sítio ao lado da área urbana, mas como existia um rio sem ponte, eu era obrigado a dar uma enorme volta de uns 3 a 5 quilômetros para levar e buscar o animal. Com nove anos, tive que aprender a arriar o cavalo. Me sentia como um cowboy, “desfilando” pela cidade a cavalo, em disparada pelas ruas de Simonésia, e as ferraduras do animal fazendo barulho nas ruas de pedra. O duro era buscar o animal na segunda pela manhã; pois o pasto em que ele ficava era um tremendo morro, e, quando lá chegava torcia para ele estar perto do curral, mas, muitas vezes, o animal estava na parte mais alta do morro. Mas depois de pegar o cavalo, colocar o arreio, aí então voltava como um “cowboy” em disparada para minha casa, onde meu pai esperava para voltar para o sítio. (...) “Seu” Otávio, nos finais de semana, tomava cervejinhas, junto com amigos, no bar da cidade; almoçava com a família e cuidava do time de futebol da cidade. Meus irmãos jogavam no time, o Langlebert no meio campo, e o Luís, era ponta esquerda.

Quando mudamos para Belo Horizonte, meu pai montou, no bairro Padre Eustáquio, na rua Pará de Minas, a “Mercearia Araújo”, que nada tem a ver com “Drogaria Araújo”, éramos os “Araújo-

jo” pobres. Mais uma vez meu pai trabalhava duro para garantir a renda da família. O que mudou em relação ao interior é que, no comércio, éramos nós, os filhos, que tocava com meu pai os negócios. Então todos nós trabalhávamos duro, de segunda a sábado o dia todo, e, nos domingos, até o meio dia. A Merceria só não abria na sexta feira da paixão. No auge do nosso comércio chegamos a ter uma loja repleta de produtos e um pequeno depósito lotado. Meu pai trabalhava demais porque compramos uma Kombi e ele, duas vezes por semana, amanhcia no Ceasa para comprar verduras, legumes e frutas. Meu trabalho era também muito pesado, trabalhava menos no balcão, e mais repondo os produtos nas prateleiras e fazendo entregas com carroças similares às utilizadas hoje pelos catadores de material reciclável.(...) Os produtos “âncoras” naquela época, se me lembro eram: arroz Paranaíba e Carrijo, o inesquecível óleo Violeta de lata vermelha, macarrão Orion e Adria, margarina Doriana, café Minas Rio, extrato de tomate Elefante, biscoito Aimoré, produtos Itambé, refrescante Q-suco, sabão Rio.(...) A Merceria Araújo quebrou devido à chegada dos Supermercados na região e, principalmente, em função da hiperinflação. Certa vez vi uma explicação deste fenômeno que explica a falência de meu pai: “Hiperinflação é quando vender dá prejuízo”. Ou seja, numa inflação galopante o aumento de preços é tão acentuado, diariamente, que o preço de venda fica mais baixo do que o valor para aquisição do produto. Resultado disso, nosso depósito foi se esvaziando, aos poucos as prateleiras também foram ficando mais vazias, eu, de forma desesperada, tentava disfarçar a falência chegando os produtos para a frente para disfarçar os buracos nas prateleiras. Não deu, meu pai quebrou e encerrou os negócios.(...) Mas aí então os filhos já consolidaram a transição para o trabalho assalariado e pudemos ajudar meu pai com complemento de renda até a morte dele. Ele sempre temeu que o colocássemos em um asilo e lá ficasse sozinho sem a família. Mas isto não aconteceu e fizemos “um pouquinho” por ele perante o trabalho que ele e minha mãe fizeram por nós para que pudéssemos ter educação e dig-

nidade. Na verdade quem mais fez por ele foram as mulheres de nossa família, as minhas irmãs Maria das Graças e Fátima, e, especialmente, a Maria do Carmo, que morou com ele na velhice. Eu me sinto feliz por ter me reencontrado com meu pai ainda em vida, de dar-lhe todo o apoio material que pude, e de fazer inúmeros “discursos” em reuniões familiares de elogio ao homem valente que foi o Sr. Otávio.

MEUS PAIS E O FILME “AMOUR”. A “vida imita a arte” ou a “arte imita a vida”? Se tivermos como referência a data dos acontecimentos no caso dos meus pais, foi o filme “Amour” que imita a vida. Em 2014 assisti com minha mulher, Marília, o filme francês “Amour”, que ganhou o Oscar de melhor filme estrangeiro de 2013. O que me impressionou é a proximidade com a história dos meus pais, Otávio e Lourdes, na velhice. No filme, o marido cuida em casa, com enorme emoção e dedicação, de sua mulher, que tinha uma doença e estava em estado terminal. Na minha casa, meu pai cuidou, também em casa, durante diversos anos, de minha mãe também em estado terminal com Alzheimer, como se fosse uma missão de vida dele. Nunca o vi reclamar da vida. A diferença é que no filme, por amor sugere o diretor, o marido mata a mulher asfixiando-a com o travesseiro, para interromper o sofrimento de ambos. Na minha família, meu pai cuidou de minha mãe, com a ajuda de minhas irmãs, até o último suspiro de vida dela. O filme aprofundou em mim o reconhecimento do papel de meus pais em minha vida e de meus irmãos e, felizmente, este reconhecimento veio com eles ainda em vida. Inesquecível! Esta história mostra que as manifestações artísticas são inesgotáveis. São quase infinitas as histórias maravilhosas na vida de todos nós que estão à espera de que alguém as conte e transformem em filmes, livros, poemas, músicas. Ou em simples crônicas da vida cotidiana como eu faço.

Amor de sogra

Um dos meus maiores feitos familiares foi ter conquistado o amor e o carinho de minha sogra, Sílvia. Não é fácil “ficar bem na fita” com ela. Sou um sujeito com cara de sério mas, sobretudo na vida familiar, sou uma pessoa muito divertida. É emocionante arrancar gargalhadas de minha sogra, que me acha muito divertido, ao me autoproclamar “o melhor genro do Brasil” e ela, sem perceber, também repete os “discursos” com elogios a mim. Fui uma das pessoas que possibilitou uma aproximação, sem precedentes, entre Sílvia e minha mulher, Marília. Considero um enorme gesto de amor ajudar, de todas as formas, que a pessoa que gostamos se aproxime ou reaproxime de seus familiares. Não tenho como gostar da Marília, sem gostar da mãe dela, Sílvia, de quem ela herdou as características de mulher combativa, guerreira e valente diante da vida. Alguns homens instigam e apoiam brigas de suas mulheres com as suas sogras como forma de isolá-las. Isto é um grave erro. Na maioria das vezes mães e filhas brigam, não porque são muito diferentes, mas porque são muito parecidas. Marília e Sílvia, por exemplo, são muito parecidas. Sempre brinco com a Marília, nas frequentes vezes que adota práticas parecidas com sua mãe, a chamando de “Sílvia”. Meu filho, Vinicius, costuma chamá-la de “Sílvia Jr” toda vez que ela imita a mãe dela na vida doméstica. (...) Sílvia é uma mulher trabalhadeira: ajuda muito em nossa casa; cuida muito bem da casa dela; frequenta regularmente a Igreja Evangélica, que ela interrompeu provisoriamente devido à pandemia; liga e recebe visitas das irmãs e das amigas; depois de anos colocou TV fechada para ampliar oportunidades de assistir programas de TV e cultos que ela gosta. Já convidei minha sogra, Sílvia, inúmeras vezes para vir morar conosco em um quarto com banheiro, que eu, brincando com ela, chamo de “suíte presidencial”. E sempre brinco com ela: qual genro faria

uma coisa dessa? Ela, que preza muito a autonomia, continua morando no apartamento dela perto de nossa casa. Apartamento que foi nosso no passado, antes que mudássemos para a nossa casa. Estou empenhado em ajudar a Marília a continuar cuidando da mãe dela, que eu espero viva ainda muitos anos. Silvia não mora em minha casa, mas mora em um espaço ainda melhor: no meu coração. Olha o “discurso!”.

UMA “EXPLOSÃO DE VIDA”. Minha sogra, Sílvia Elias Campos, é uma “explosão de vida”. Ela mora perto de nossa casa, mudou para Contagem a nosso convite e foi a “segunda mãe” do Vinicius, nosso filho mais novo. Quando queremos saber quanto tempo ela mora em Contagem é só pensar na idade do Vinicius. (...) Silvia é uma figura “épica” e não tenho dúvidas da influência determinante dela na forma de ser da mulher, Marília. Ela tem 80 anos, se casou com Sebastião Oliveira Campos, com apenas 16 anos, e aos 21 anos já tinha seus três filhos: Rondon, Marília, e Margareth; tem agora oito netos e dois bisnetos.(...) Silvia ficou viúva com apenas 39 anos de idade, uma enorme perda ainda tão jovem; Marília teve problemas emocionais com a morte do pai e ficou praticamente cega nos primeiros dias, recuperando a visão mais plena somente depois de cinco a seis meses; tratou-se em Belo Horizonte, me parece no Hospital Hilton Rocha, e Silvia disse que para custear parte do tratamento “vendeu joias e algumas vacas que tinha de herança dos pais”. A vida da minha sogra, depois de viúva, foi a luta determinada pela educação dos seus três filhos, que se transformou em sua grande meta de vida. Sílvia tem apenas o segundo ano primário porque, dentre os onze irmãos, era a segunda mais velha e teve mais obrigações na família e, ao se casar muito cedo, não teve a “oportunidade” de continuar os estudos. Então para garantir uma vida melhor para os filhos, conseguiu construir uma casa em Araguari, recebia a pensão do INSS e trabalhava duro fora como cozinheira e passadeira para garantir a renda para educar os filhos. Mas mesmo depois que os filhos casaram, ela os ajudou. Veja o nosso caso: Silvia sempre nos mandava dinheiro nos momentos de maior urgência; é para a casa dela que ía-

mos nas férias junto com as crianças, muitas vezes com tudo pago com ela; e, mais recentemente, depois que conseguiu se aposentar não recebe mais pelos enormes serviços que presta em nossa casa.(...) Minha sogra perdeu o genro num acidente com uma cortadeira de grama e, algum tempo depois, perdeu também a filha Margareth que morreu em acidente de carro; deixou três netos órfãos, que propusemos trazê-los para nossa casa, mas eles são lutadores e conseguiram construir vidas independentes no Triângulo Mineiro. Sempre que temos contato nos colocamos à disposição para ajuda-los e eles sabem para podem contar conosco para o que precisar.

SÍLVIA BUSCA A PERFEIÇÃO NO QUE FAZ. Silvia trabalha em nossa casa e chega cedo, antes da seis da manhã, e chega cantando: “Entra na minha casa, entra na minha vida...”. Não tem como segurá-la: trabalha mais de oito horas por dia em nossa casa. Silvia diz que se tivesse estudado, seria palestrante, professora, que seria uma boa profissional. Como a vida lhe “reservou” o papel de dona de casa, ela não abre mão de fazer tudo muito bem feito. Ela, que é ótima cozinheira, faz o almoço e deixa comida para a janta; faz um cardápio variado, “ao gosto do freguês”, ou seja, faz um pouquinho de comida para o gosto de cada um: meu, da Marília e do Vinicius; faz o suco de frutas todos os dias. Ela arruma a cozinha com o apoio meu ou do Vinicius, na verdade a cozinha quando a comida fica pronta já está quase arrumada; dá a limpeza mais completa na cozinha, com limpeza da geladeira, gavetas, etc, uma vez por mês, fazendo parte a parte aos longo das semanas. Ela lava e passa a roupa. Falei com ela para deixar o terreiro para mim, mas não tem jeito: ela limpa o terreiro uma vez por semana e agua as plantas do quintal. A “perfeição” que ela busca como dona de casa é impressionante: lava vasilhas e, em vez de enxugar com pano, põe no terreiro para secar com o sol “para ficar brilhando”; limpa o chão da cozinha com cinco “panadas” e não usa pano usado, tem que ser pano limpinho, branquinho e, para deixar tudo “perfeito”; conclui os trabalhos com o enxugamento da pia por dentro e a colocação do lixo na frente da casa para que

coloque na rua no final da tarde; quando passa a roupa são todas as roupas, inclusive tapetes, toalhas de banho, meias, cuecas e calcinhas; nada fica sem passar. Ela é tão detalhista, que, ao estender as roupas no varal, que atravessa nosso quintal, nas sextas não deixa um “buraquinho” para eu passar sem ter que encostar a cabeça nas roupas porque “tem roupa demais” segundo ela. Sílvia tem um lema como “gestora da casa” que diz que aprendeu com a mãe dela: “Guardo o que comer, mas não guardo o que fazer”, ela “não deixa nada para depois”. Sílvia sofre em nossa casa porque o “padrão de qualidade” do trabalho meu e do Vinicius não tem nota muito elevada; ela até “arrepia” quando vê nós limpando a casa com água já suja. Sílvia, como todas as donas de casa, reclama, com razão, que os serviços domésticos não são valorizados e somente quem trabalha fora de casa é valorizado. Ela, que trabalhou 72 anos na vida, me acha, eu, que trabalhei 56 anos, “meio preguiçoso”.(...) De onde Marília herdou tamanha capacidade de trabalho e a “explosão de vida”? Marília é militante política há 40 anos, pela primeira vez em sua trajetória saiu das ruas por causa da pandemia; faz militância política como se estivesse começando agora; o poder não lhe desgasta, no poder ela fica mais bonita; faz política mas não deixa a família de lado. Impressionante!

PROBLEMAS DE SAÚDE NÃO TIRAM A VONTADE DE VIVER. Sílvia, já há muitos anos, tem muitos problemas de saúde, já fez cirurgias do coração e há uns dois anos teve três AVC que, felizmente, não deixaram nenhuma sequela. Mais recentemente, Sílvia caiu na escada, quebrou o tornozelo e ficou 1 mês “hospedada” em nossa casa. Mas ela enfrenta todos os seus problemas de saúde com muita fé e determinação. Sílvia gosta muito da vida e, diferentemente dos negacionistas, ela quis “vacina já”. Ela sempre me diz: “Eu vou morrer um dia, mas não quero morrer de covid-19”. (...) Difícil mesmo é convencer minha sogra a não assumir atitudes mais arriscadas, que coloquem a vida dela em jogo. Ela faz coisas que não pode mais fazer; subir encima de mesas para estender roupas; subir escadas para limpar armários da cozinha; descer escadas sem utilizar os “corrimão”

que colocamos nas escadas. (...) Minha sogra enfrentou risco de vida recentemente que fica até difícil não acreditar em milagre. Temos em casa uma pequena piscina; e, nas sextas ou sábados, faço a limpeza com aspirador e regulo as bombas dentro de um buraco e o varal passa por cima deste buraco. Limpava a piscina, quando vi Silvia mexendo nas roupas e ela, sem ver, com o pé metade no chão e metade suspenso no buraco; gritei e evitei uma tragédia. Nos dias seguintes, ao limpar a piscina, avisei para ela tomar cuidado e quando vi, de novo, ela com o pé igual antes: metade no chão e metade suspenso no buraco. Um milagre! Uma queda em um buraco com um pé apenas e com o corpo caindo de lado, possivelmente a mataria. Um milagre! Brinco com ela, e ela minimiza e diz que viu o buraco.

APARTAMENTO REFORMADO. Não quero mais voltar a morar novamente em apartamento, mas recentemente confesso que fiquei “balançado”. Moramos num pequeno apartamento, quando mudamos para Contagem, na mesma rua onde moramos atualmente. Quando mudamos para nossa casa vendemos o apartamento para a minha sogra, Silvia, que mudou para Contagem e veio ajudar a criar a nossa família; ela veio para cá quando o Vinicius nasceu. O apartamento virou uma espécie de patrimônio histórico da família. Recentemente a Silvia fez uma espécie de “restauração” de nosso patrimônio. Quando fui ver o apartamento restaurado fiquei emocionado. As tábuas corridas foram sintecadas e as pequenas fendas entre as tábuas foram fechadas com um tipo especial de cola; as tábuas corridas ficaram maravilhosas; o guarda roupa embutido simples do quarto de casal foi mantido; os móveis antigos trazidos pela Silvia do interior deixou o apartamento moderno, mas com jeito de patrimônio histórico. Minha sogra ficou muito feliz com a sugestão de que o nosso pequeno patrimônio histórico não seja vendido no futuro e continue sendo utilizado pela família. O Vinicius fala em morar lá futuramente, mas afirma que o temor dele é que, como ele é baguncento, teme que a vó volte para “puxar o pé dele”. A Silvia dá gargalhadas com a imaginação do Vinicius. É sensacional!

Minha filha “decifrou” a minha vida

Duas marcas minhas foi ter contado, nos almoços de domingo, os “dramas” de minha infância pobre para minha mulher e meus filhos em dezenas de capítulos curtinhos de 10 a 20 segundos. Outra marca minha é, imitando a vida lá fora, fazer “discursos sobre a vida doméstica”, em geral de puxa-saquismo e enaltecimento da Marília, da minha sogra e de meus filhos. Claro que sempre arranquei muito sorrisos e gargalhadas, especialmente da minha mulher, da minha sogra, do Pedro. O Vinicius meio “ranzinza” comigo não acha graça e ainda me compara, também brincando, com um determinado gesto e som de voz, a um “louco”. Já a Natália nunca achou graça de minhas brincadeiras. Impressionante: durante anos sempre a pressionei, constrangi minha filha pessoalmente e junto aos meus familiares, para ela me considerar “uma pessoa divertida”. Mas ela, em todas as minhas brincadeiras, se manifestava com a mesma frase: “Pai, você é muito dramático”. Durante anos sofri com isto, porque me considerava muito divertido e que minha filha estava sendo “indiferente” comigo. Eu dizia para minha filha: “Eu sou uma comédia”; e minha filha me dizia: “Não, pai, você é um drama”. Pois bem, quando comecei a “bolar” este livro, me veio à lembrança a frase da Natália. E não era somente a frase, senti o “tom de voz” de minha filha: doce, suave, carinhoso, e ela levemente emocionada. Isto ajudou a me inspirar para esta “Maravilhosa matemática do amor”: drama da infância e na adolescência, com pitadas de comédia; mas também, na fase adulta, muita luta, romance e amor. Agora entendi também porque,

quando Natália mudou-se para longe de nossa casa, para o Rio Grande do Sul, não conseguia olhar nos olhos dela que eu, literalmente, “chorava”. Via nos olhos dela “piedade”, compaixão com o meu sofrimento, por um drama que estava “parado” na minha garganta; que “desengasguei” neste livro de crônicas autobiográficas. Virei poeta. Agora, minha principal marca em casa é “ver poesia em tudo”.

Natália é procuradora no Rio Grande do Sul. Ela estudou todo o ensino fundamental em escola pública estadual, cursou o ensino médio em escola privada e depois se formou no ensino superior pela UFMG. (...) Tenho lembranças fortes da vida dela. Quando tinha 10 a 12 doze anos, não me lembro bem, fomos a um Clube no final de semana e, na volta, quando descemos do ônibus nos desesperamos: Cadê a Natália? Corremos para casa para ver se ela tinha vindo na frente, mas nada. Pensamos: então ela foi raptada. Foi um sufoco: vizinhos pegaram o carro e subiram a avenida e eu meio atordoado a procurava na região. Aí veio o alívio: ela foi conduzida até nossa casa por uma viatura policial. Aconteceu que a Natália saltou do ônibus antes do ponto certo e a sorte era que o ponto do ônibus em que ela desceu era em frente a uma guarnição da Polícia Militar. (...) Natália, mais o Pedro, foi evangélica na adolescência e, certa vez, há mais de 20 anos, pintou uma divergência entre eu e ela e fiquei meio desesperado. Fiz uma das cenas mais dramáticas e teatrais da minha vida; para estabelecer um diálogo com ela rasguei dinheiro aos montes, de menor e de maior valor, para mostrar para ela que não era “materialista” e que, mesmo não sendo religioso, era uma “pessoa do bem”. Tem brincadeiras que fazia com a minha filha que nunca “pegaram” em nossa casa, mas que sempre me lembro: de tão linda eu brincava que ela era a “Miss Contagem” e coloquei nela o apelido de “Tati-beijo”. (...) Natália foi minha confidente durante parte da vida; e “herdou” de mim algumas coisas importantes, como o autodidatismo, que ela mostrou em dois a três anos de estudo em casa para passar no difícil concurso público para carreira valorizada; e, além disso, ela é detalhista e organizada como

eu e tem mania de conferir nas maçanetas se as portas estão fechadas.(...) Passei sufoco também na primeira vez que fomos vítima do “falso sequestro”; o criminoso ligou e, imitando uma voz de uma jovem, gritava: “Pai, fui sequestrada, me acode!”; não tinha acontecido nada, a Natália estava na escola, mas é um susto que não se consegue esquecer. Depois da primeira vez, tentaram outras vezes o mesmo crime, mas aí não se tem mais susto, foi só desligar o telefone.

Natália “herdou” a valentia da mãe dela em momentos muito difíceis da vida. Ela passou no concurso e foi sozinha para o Rio Grande do Sul. Fui com Marília na posse dela, e quem deu posse aos aprovados? Foi o governador Tarso Genro, do PT, o partido do Estado Social e dos concursos públicos. Os aprovados mais novos em concursos públicos, nos cargos mais valorizados, são alocados nos locais mais longes e, somente com o tempo, conseguem voltar para as capitais. Natália foi alocada inicialmente na cidade de Uruguaiana, na fronteira do Uruguai; depois veio para Santa Maria; depois Caxias do Sul, e só, mais recentemente, veio para Novo Hamburgo, o que possibilitou que Natália mudasse finalmente para Porto Alegre. Foram quase cinco anos que minha filha viveu sozinha no Rio Grande do Sul, além de ter enfrentado outros desafios imensos na vida. Isto sem a família por perto, numa cultura muito diferente de Minas, situação que foi melhorada com a presença dos amigos e amigas que ela conquistou no Sul e com a presença constante da Marília em seu apoio.

Minha filha reclama, com razão, de minha pequena presença na vida dela no Rio Grande do Sul. Nos encontramos basicamente nas visitas que ela faz em nossa casa. Sou, desde sempre, muito caseiro. Fui criado com toda a proteção como um “pintinho” debaixo das asas da minha mãe, com muito carinho mas não desenvolvi um espírito mais aventureiro. Não tive a oportunidade de nadar, pescar, ir à cachoeiras, “vadiar” na rua na infância; morava perto do Espírito Santo, mas não nunca fui à praia na minha infância; só conheci praia depois de adulto.

Na década de 1980 e início de 1990 fui um dos pioneiros nas pesquisas sobre previdência e sindicalismo na esquerda, lancei livros e recusei, em geral com desculpas esfarrapadas, dezenas de convites para rodar o Brasil, porque, por medo, não viajava de avião. Fui convencido por um amigo e viajei de avião aos 40 anos de idade, em 1995, porque fui convencido que sem uma “dose de fatalidade”, não sairia mais de casa. São explicações “sociológicas” que a Natália não vai entender, mas que ameniza, um pouco, a minha culpa de não ser mais presente na vida de minha filha e de minha neta.

THIAGO BRITO. Meu genro, Thiago Brito, deu à minha filha, Natália, uma das maiores demonstrações de amor que um homem pode dar a uma mulher. Vivemos ainda numa sociedade machista, onde o “normal” é que a mulher acompanha o homem em todas as grandes decisões que impactam a vida do casal, como, por exemplo, no caso do local de moradia. Thiago se casou com a Natália, mudou-se de Belo Horizonte para Porto Alegre e deixou muitas coisas importantes para trás: sua família originária – mãe e irmãs; seus amigos e professores; uma carreira promissora como doutor em direito na capital mineira; uma perspectiva também promissora de tornar-se professor universitário; além do Cruzeiro, o “Cabuloso”. Fez tudo isso por amor à Natália; ele “recomeçou” a vida ao lado da minha filha. Mas, felizmente, vem tudo dando certo para meu genro, ainda que o setor de educação viva uma enorme crise com a pandemia; ele se tornou professor universitário de importantes faculdades privadas gaúchas, tem escritório de advocacia e mantém alguns clientes em Minas, o que o obriga a viagens regulares a nosso Estado, o que é bom porque Natália aproveita “a carona” e nos visita com mais frequência. E Thiago e Natália nos deram a Marina, a Nina, nossa primeira neta. E um neto, se fosse homem, se chamaria “José”; quem sabe a Nina não terá a companhia do José futuramente? Mesmo sendo meio “bicho grilo” estou “bem na fita” com minha filha e com meu genro. Fico feliz com isso.

O filho e “o raciocínio que nunca termina”

Fiz 45 anos de militância política pelas transformações sociais do Brasil, de Minas Gerais e de Contagem. Fazemos escolhas na vida, mas muitas vezes isto implica em perdas e limitações que nos cortam o coração. Em 1998, me dediquei intensamente a escrever o livro “Manual dos direitos sociais da população” e pesquisei também as lutas históricas que ajudaram nas conquistas de cada um destes direitos. Foi o livro que marcou a transição em minha vida de minha identidade como defensor da “Previdência Social” para um lutador pelo “Estado Social”, que se tem previdência deve ter também inúmeros outros direitos, como educação, saúde, assistência social, cultura, segurança, etc. Acontece que naquela época eu já trabalhava em casa em um escritório, que montei para prestação de consultoria aos movimentos sociais. Aí ficou tudo misturado: a militância social e política e a vida familiar. No embalo da redação do livro, eu era procurado insistentemente pelo meu segundo filho, Pedro, então com apenas 9 anos de idade, que buscava carinho e afeto. E eu, sem perceber, durante dias não o acolhi com a mesma frase: “Agora não posso filho, estou no meio do raciocínio”. Certo dia, eu estava redigindo o livro no computador, meu filho sentou no meu colo, pegou o mouse, arrastou o texto e viu que o livro já tinha 180 páginas redigidas. Ele me falou: “Pai, o seu raciocínio não termina nunca!”. Hoje, lembro este fato em casa e meu filho sorri e leva na brincadeira. Já eu sempre me emociono com aquela passagem de minha vida, procuro “concluir o raciocínio” e continuo tentando compati-

lizar a vida familiar com a vida profissional e política.

Pedro é pós doutorando em Matemática na República Checa. Ele fez todo o ensino fundamental numa escola pública estadual, foi para um colégio particular no ensino médio e depois se formou pela UFMG. Sua trajetória na universidade foi cheia de “surpresas”. Primeiro, passou no vestibular para Engenharia da Computação, mas desistiu do curso. Depois fez vestibular para Engenharia de Produção, quando estava próximo de se formar, já tendo a Marília comunicado aos amigos a formatura do filho e planejado estágio para ele em fábricas de Contagem, aconteceu a surpresa. Pedro chamou eu e Marília para uma reunião em casa e falou todo constrangido: “Mãe e pai, eu fiz reopção de curso e estou me formando na verdade é em matemática”. Oi! Ele argumentou que não queria formar em um curso que aplicasse a matemática, ele queria ser um matemático. Surpreso eu apoiei de imediato a opção que ele fez. Pedro fez mestrado e doutorado no Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) do Rio de Janeiro. Estive presente pessoalmente e virtualmente nas defesas de tese que ele fez, claro que não entendi nada, mas sempre brinquei com ele que o veria expondo seus estudos em um quadro lotado de fórmulas matemáticas.(...) Interessante é que a matemática, que no passado me causou traumas; agora estou cada vez mais amando a matemática, que dá nome ao meu primeiro livro de crônicas e, além disso, foram os cálculos matemáticos que “iluminaram” os meus estudos sobre previdência e os direitos sociais no Brasil. Tentei refletir sobre “mundo sem matemática”, mas não tenho conhecimento para isso; quem sabe o Pedro um dia, brincando, não faça uma crônica sobre isso.

Sempre me lembro do meu filho algumas coisas que vem à minha memória. Plantamos para ele em casa um pé de amora, uma lembrança da escola estadual onde ele estudou que tinha um pé da fruta que “vasava” para a rua por cima do muro e a gente sempre pegava algumas frutas. Para mostrar para ele que sou uma pessoa “moderna” sempre brinco com os amigos

dele: “O Pedro gosta do Los Hermanos e foi eu quem trouxe a banda para nossa casa”. Foi o Pedro que me inspirou a “liberar” meus cabelos cacheados; ele têm um cabelão grande e me ensinou como “domar” os cabelos cacheados. Pedi a ele certa vez que colocasse os conhecimentos dele a serviço dos pobres e ele chegou a lecionar, como voluntário, para pessoas pobres em uma favela do Rio de Janeiro. Sempre dizemos para o nosso filho que o quarto dele está reservado em nossa casa, para ele passar temporadas e para voltar para nossa casa se ele desejar. Agora, que não o tenho por perto, acompanho meu filho tocando violão nas redes sociais, agora mais influenciado pela música brasileira de Milton Nascimento, Maria Rita e outros cantores. Conversamos regularmente pela chamada de vídeo do WhatsApp, Pedro é uma pessoa econômica nas palavras; adoro o desafio que é dialogar com ele; e o “sorrisão” dele é maravilhoso: é meigo, suave, carinhoso, alegre, e, acho, de muita admiração pelos pais.

Há algum tempo, Pedro, falando de um momento da vida dele, postou um comentário interessante: “Já que a gente se propõe a compartilhar coisas da nossa vida no Facebook, talvez seja bom para o bem comum que nós também coloquemos publicamente acontecimentos ruins na vida pessoal. Assim, talvez uma pessoa que esteja mal não sinta que tá tudo bem com todo mundo, de menos com ela. Mas tudo bem. Nem tudo tem que estar sempre bem”. Isto se encaixa neste livro de crônicas da minha vida. Expus aos meus amigos e amigas a minha trajetória marcada por muitas tristezas, mas também por muita luta, resistência e alegrias. Como disse o Pedro: “Nem tudo tem que estar sempre bem”. Assim é a vida!

O filho que é um poeta!

No início de 2020, Lula esteve em Belo Horizonte para uma reunião com intelectuais mineiros, como uma forma de reaproximar da sociedade depois de ser perseguido, condenado e de passar um tempo, injustamente, na prisão. A convite do ex-ministro Luís Dulci fui à reunião e levei de “tiracolo” meu filho mais novo, o Vinicius. Naquele período Minas Gerais viveu um ciclo chuvoso devastador que deixou milhares de desabrigados e muitos mortos. Vinicius surpreendeu a todos, com um poema que ele fez na hora, que fazia uma vinculação dos assuntos discutidos na reunião com os dramas das enchentes vividos pela população de nosso Estado. O poema foi lido por uma pessoa presente na reunião: “Em meio ao caos / Em meio ao furacão / Em meio a lama e a comoção / Aqui discutimos a destruição de nossa nação (...) O mundo não dá voltas / O universo não cobra nada de ninguém / Tudo depende do esforço para voar ao além / E reconquistar o sonho de nossa nação ser alguém(...) Alguém que apoia a liberdade / Independente da raça, gênero, religião ou idade / Que cultiva um ideal de felicidade / Ao invés da vingança e da irracionalidade(...) Não existe nenhum salvador / O único que pode nos salvar somos nós / Lembrem-se dessa frase / Por que isso não é somente uma breve fase”.

Vinicius tem uma história, desde que nasceu, de luta pela vida. No final de 1998, Vinicius nasceu com problemas respiratórios sérios e ficou em uma uti do Hospital Mater Dei, por mais de 20 dias. Sempre que passo de carro pela Rua Gonçalves, em Belo Horizonte, ao ver o andar térreo ao lado da rua me lembro dos tempos difíceis que passamos. Diariamente, visitava o meu filho na uti, e o que impressionava é como um tambor de oxigê-

nio tão grande não conseguia resolver os problemas respiratórios de uma criança tão pequena. Depois de uns 20 dias de uti, os médicos não tinham mais solução para o meu filho, e, como dizia a minha mãe, o menino estava “desenganado” e sem mais esperança de vida. Então eu e Marília deixamos o Hospital e viemos para casa. Mas aí então aconteceu o inesperado: o médico, antes de deixássemos o Hospital, me chamou e me disse: “Preciso de sua autorização para aplicar no Vinicius um ‘sulfactante’ que somente é aplicado em criança altamente precoce, que não é o caso de seu filho. Será uma última tentativa de salvá-lo”. Eu autorizei a “experimentação”. Ao chegar em casa, recebi um telefonema do médico: “Vinicius surpreendentemente respondeu ao tratamento e vai melhorar”. Impressionante!

Vinicius nasceu numa época marcada por grandes mudanças na vida de nossa família. Com a renda obtida com meus livros, outras publicações e assessoria, mais os recursos do FGTS meu e de Marília, conseguimos comprar a casa onde moramos até hoje. Silvia, minha sogra, mudou-se para Contagem e, ao invés de empregadas domésticas, passamos a ter em casa o apoio de uma pessoa da família; ela foi a “segunda mãe” do Vinicius. Marília se elegeu vereadora, deputada e depois prefeita de Contagem. Mas Vinicius, não sabemos o motivo, teve uma infância bastante instável. Nos primeiros três anos, ele praticamente não dormia regulamente à noite. Eu revezava com a Marília para fazê-lo dormir. Eu dançava com ele ao som das músicas de “Rio Negro e Solimões”, ele dormia com a dança e quando o colocava na cama ele acordava. Dos três aos seis anos, ele, toda noite, sem faltar uma sequer, de madrugada ele passava para a cama minha e de Marília. E, por isso, que até hoje, não consigo dormir com a porta do quarto fechada, todos os dias deixo a porta “destrancada” esperando o Vinicius. Lá pelos dois anos levamos mais um susto com o Vinicius. Estávamos na cozinha e o menino sumiu. Olhamos para o terreiro e vimos o menino no degrau mais alto da escada de um pequeno sótão em cima da lavanderia, segurando apenas o corrimão fino de madeira. Corremos e pegamos o pequeno. Fechei para

sempre, com uma tábua, aquela escada perigosa.

Vinicius parece tanto comigo que, tempos atrás, ele, Natália e Pedro, olhando um álbum de fotografia, viram uma foto minha de barba e com pouco mais de 20 anos e ficaram impressionados com a semelhança com meu filho. Não sei, além da semelhança física, o que se transmite em termos de características pessoais de pai para filho. Não tenho nenhum conhecimento psicológico sobre isso. Mas uma das características do Vinicius ele herdou de mim: a dificuldade de adaptar aos estudos formais. Em nossa casa, mesmo quando tivemos renda, procuramos manter nossos filhos a maior parte do tempo em escolas públicas. Natália e Pedro estudaram em escola pública estadual, fizeram o segundo grau em escola particular e depois retornaram de novo às universidades públicas. No caso do Vinicius cometemos um erro: ao invés da escola estadual ao lado da nossa casa, o colocamos em escola municipal, com Marília já prefeita de Contagem. Acontece que como Contagem estava muito destruída, a cidade era uma das mais endividadadas do Brasil, a gestão da Marília nos primeiros anos foi dramática e corria pela cidade de boca em boca: “Esta mulher não faz nada”. Foi uma época também de muitas greves da educação, já que professores e profissionais da educação ganhavam salários miseráveis. No meio de tudo aquilo Vinicius na escola era assediado, pessoal e politicamente, como o “filho da prefeita”. Fico pensando que hoje, no terceiro mandato de prefeita, com Marília com enorme aprovação população, ser “filho da prefeita” é mais tranquilo que nos anos atribulados do primeiro mandato à frente da Prefeitura de Contagem. Vinicius, na sua trajetória no ensino fundamental e médio, estudou em duas escolas municipais, continuou os estudos em duas escolas particulares e, pelo seu desejo, concluiu o curso em uma escola estadual. E com muita luta ingressou no curso de geografia na UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais.

Meu filho, em 2018 e 2019, ficou novamente com a vida ameaçada. Foram cinco tentativas de autoextermínio nos dois anos.

Foram três internações em clínicas e hospitais psiquiátricos e, por recomendação médica, teve tratamento, por uns 15 dias, de eletroconvulsoterapia (ECT). Todos os dias eu e Marília o visitávamos; e eu dormi muitas noites na companhia dele. Vinicius abandonou o curso de geografia na UFMG e foi jubilado. Uma das formas de resistência do Vinicius foi estudar: ele leu na íntegra o “Capital do Século XXI”, do francês Thomas Piketty, uma das publicações mais importantes nos últimos tempos, com as transformações econômicas e sociais do mundo nos últimos 100 anos e os enormes desafios do mundo no presente; ele fez um caderno de resumo detalhado do livro.

Vinicius está bem e num quadro clinicamente controlado. Conseguiu, com um relatório cuidadoso que ele fez, retornar ao curso de geografia na UFMG, que ele pretende retornar quando voltarem as aulas presenciais. Redigiu para o site da Marília, ainda como deputada, diversos artigos sobre as grandes polêmicas da internet, que figurou sempre como um dos mais lidos; artigos longos de duas a três páginas redigidos com incrível agilidade em poucas horas. Na campanha política da Marília para a Prefeitura de Contagem teve um papel importante. No auge da primeira onda da pandemia, na pré-campanha da Marília, o que contávamos na prática era com a equipe familiar: Marília, eu, José Prata, e o Vinicius. “Entrincheirados” em nossa casa, eu redigia o roteiro e o Vinicius se tornou peça chave ao assumir a tarefa de produção dos vídeos caseiros com a Marília, que eram editados por pessoas amigas. Vinicius teve que conter a sua impaciência e, eventualmente, repetir diversas vezes a gravação até que o vídeo me fosse trazido para uma análise final. Vinicius foi fundamental também na constituição do Time Marília Campos, onde era o administrador, um grupo de WhatsApp que criamos para dar sustentação à campanha de Marília na internet e nas ruas e foi a pessoa de nosso Time mais presente no combate em defesa de Marília, onde, muitas vezes, se colocava como o “filho da Marília”. Vinicius recebe uma ajuda de custo nossa como “Social Mídia” nos perfis individuais da Marília nas redes sociais; ajuda nos serviços domésticos, de

bom grado, na faxina da casa e na arrumação da cozinha. Ele, pela primeira vez, participou, junto com amigos, de duas manifestações de rua contra Bolsonaro e está mais intimista e menos explosivo. E, depois de ganhar muito peso com a doença, agora está perdendo peso com uma dieta mais controlada e, de forma imaginava, faz exercícios físicos nos jogos do “óculos de realidade virtual” que ele comprou. Vinicius garante humor e diversão em nossa casa com as provocações, e, com as imitações de toda a família com sua incrível capacidade de leitura labial, ele fala quase ao mesmo tempo de quem ele está imitando; além disso se diverte com as brincadeiras radicais com nossa cachorrinha. Vinicius planeja mudar de casa e viver em uma república com amigos, como ele é muito austero diz que consegue viver com pouco dinheiro; a Sílvia, minha sogra, está em “campanha” para convencê-lo a mudar de ideia. Vinicius é muito imaginativo, “viaja” o dia todo com seus planos e ideias fantásticas. Tem pinta de escritor. Será?

Marina, minha primeira neta!

Eu e Marília temos uma linda neta, a Marina, já chamada para sempre de Nina. Ela é filha da Natália e do nosso genro Thiago Britto e vive com os pais longe de nós, em Porto Alegre. Com a distância nos vemos, pessoalmente, muito pouco, ainda mais sendo eu uma pessoa muito caseira e não afeito às viagens. Com a pandemia do coronavírus, então, nossos encontros ficaram mais escassos. A saudade da pequena Nina só diminui um pouco com os contatos praticamente diários através da chamada de vídeo do ZAP, dos belos vídeos que a Natália e o Thiago gravam e com as belas fotos que nos mandam quase todos os dias. Quando pequenininha a pegamos no colo, mas, agora, nas visitas em nossa casa, a Nina fica meio “arisca” e “desconfiada”, porque se nos vemos pelas redes sociais, quando nos encontramos não temos aquele “olho no olho” e aquela “vivência” de avós que moram perto de seus netos. Mas com o tempo e com mais encontros esta interação vai acontecer, tenho certeza.

Dizem que a arte imita a vida e/ou a vida imita a arte. Sempre me impressiona muito os contatos diários com a Nina e os belos vídeos que a Natália nos manda, uma seleção dos melhores dentre os mais de mil que foram gravados. Como estou vendo arte em tudo brinco com a Natália dizendo que ela tem uma produção cinematográfica da filha. Na verdade, nos vídeos “a arte é a vida filmada ao vivo e em cores”. Acompanhamos, em detalhes, a vida de nossa neta desde o nascimento: nos contatos diários e nos belos vídeos e fotos, vimos nossa neta engatinhando; os primeiros passos da menina; as sonecas dela; a autonomia dela e a sujeira que apronta na alimentação, ao chupar

frutas e ao tomar água; as idas com os pais nos parques, sítios; as belas fotos da Nina tendo ao fundo a imensidão do mar e do Rio Guaíba; as brincadeiras nos parques de diversão; os encontros com o amigo “Nino”; a paixão de nossa neta com os desenhos animados “Pepa” e “Patrulha Canina”; as saídas dela para a escola; as habilidades como “pintora” e como “cantora”; o raciocínio da pequena nos “quebra cabeças”; o deslumbramento com a nossa cachorrinha “Skye” e a felicidade dela agora com o “Marshall”, cachorrinho que ela ganhou, nomes escolhidos por ela do desenho “Patrulha Canina”; as brincadeiras de “cambalhotas” no colo da mãe.

Alguns dos vídeos gravados pela Natália com a Nina foram em “homenagem” a mim. A pequena com apenas dois anos, foi filmada vendo uma foto com os avós, pais, tios, e ela própria. Ela me reconheceu e, perguntada quem era a pessoa, ela disse: “Vovô José”. Emocionante! (...) Em outra vídeo Marina, dentro do carro, tendo um picolé à mão, reclama, de forma “sentida” e quase chorando, que o pai, o Thiago, “mordeu” em outro picolé dela; esta cena a Natália sempre me lembra da infância, que ela diz que eu pedia um pedacinho do picolé dela e “mordia” a metade.(...) Natália também me mandou a Nina, de forma gulosa, chupando “uva roxa” como eu sempre faço; esta fruta, gelada, é uma das coisas que me faz perder o controle e, certa vez no Natal, acho que chupei uns dois quilos em um único dia.(...) E Nina também entrou na brincadeira que fazem comigo em casa, com a forma discursiva que eu usava na redação, como se estivesse em um palanque, quando me tornei escritor. Marília criou o bordão: “BASTAAA...de sindicalismo atrelado”. Esta brincadeira virou “meme” em minha casa. A Natália gravou um vídeo com minha neta, Marina, de pouco mais de dois anos de idade, que também entrou na brincadeira: ela levantou o braço e gritou “BASTA...” e a Natália completou: “...de sindicalismo atrelado”. Muito engraçado!

Minha esperança é que com o fim da pandemia, as famílias possam se encontrar mais frequentemente. Então irei conhecer

a minha neta mais de perto: pegá-la em meus braços; caminhar; brincar; nadar de “cavalinho” na nossa piscina; continuar fazendo o suco de acerola para ela com as frutas colhidas em nosso quintal; e quando ela for maior fazer para ela a mágica que aprendi, com um vendedor, na época que meu pai tinha uma mercearia: “engulo” grãos de feijão, faço os grãos aparecerem novamente, os coloco na mão fechada, a criança assopra e os grãos desaparecem misteriosamente”. Faço esta mágica e as crianças ficam “loucas”. Uma das coisas mais lindas que vi em minha vida foi um festival de mágica, promovido pela Prefeitura em uma praça de BH, com tendas fechadas e mesas em espaço abertos, onde os mágicos nos “narizes” das crianças (e nossos também de adultos), faziam coisas misteriosas. As crianças iam à “loucura” com as mágicas. Fica aí uma sugestão para a Marília fazer um festival deste para as crianças de Contagem. E agora, com alma de poeta, me sinto mais preparado para encantar a minha neta Marina, a Nina.

Marília: “Uma estrela no meio da constelação”

Quase sempre nossa militância e até mesmo pessoas do povo veem no carisma a principal qualidade da nossa prefeita Marília Campos. Marília, como toda grande liderança, é uma personalidade complexa. Ninguém tem uma trajetória vitoriosa de 40 anos de militância política sem qualidades excepcionais. Quem melhor definiu o significado da liderança de Marília foi o professor Etevaldo Brito Dias, em um depoimento em 2000, de apoio à pré-candidatura dela a vereadora. Foi uma das principais contribuições teóricas ao nosso projeto político em Contagem. No documento denominado “A política com que sonho”, o professor definiu Marília como “uma estrela no meio de uma constelação”.

Ele afirmou sobre Marília: “Na minha concepção de política, eu nunca engoli esse negócio de paraquedismo eleitoral. Sonho com processo inverso: uma determinada comunidade humana, nas suas lutas pela vida, reconhecendo a necessidade de atuar junto aos organismos de decisão, organiza-se politicamente para ter acesso a tais instâncias e escolhe, entre os agentes mais empenhados aquele(s) e aquela(s) que mais eficazmente possa(m) representá-la perante os quadros políticos instituídos. Não precisa nem dizer que, nesse processo representativo, a pessoa indicada estará naturalmente sintonizada com as lutas de sua comunidade e terá, na prática, estabelecido com ela um pacto de fidelidade às suas causas. Isso, evidentemente, implica troca permanente de informação, estratégias, mútuo esforço, aprendizado sobre os limites e possibilidades da polí-

tica institucional, etc. Utopia? Pode ser. Mas esse é o sonho que vejo representado em Marília: uma mulher da classe média, trabalhadora, esposa, mãe, gente como a gente, sensível, incomodada com a podridão que reina neste país, estado e município, indignada como nós com a sujeira e omissão da maioria de nossos políticos. Enfim, uma mulher do meio do povo, que é chamada por sua comunidade, a comunidade de Contagem, a cumprir uma difícil missão: ajudar a passar a limpo a maneira vigente de fazer política, para que a política não continue significando a arte de usar e abusar do patrimônio público em benefício dos próprios interesses ou ainda a arte de enganar o povo, tendo o próprio povo como cúmplice. Marília nunca se impôs como candidata. Foi sempre procurada por grupos de cidadãos comuns, que viram nela uma digna representante. O que fez sempre foi discutir com seus apoiadores o sentido da candidatura proposta por eles e então colocar seu nome à disposição dos projetos políticos e sociais dos grupos solicitantes, apresentando como condição não ficar sozinha como estrela solitária, mas irradiar a sua luz no meio de uma constelação. Eleger Marília vereadora de Contagem é semear a esperança de voltar a acreditar em política como a nobre arte de promover o bem público e a ele se dedicar com o zelo e a garra de quem se vê lutando por um bem imprescindível à vida. Eu acredito em política assim. E você?”.

Eu, que acompanho do ponto prático e teórico a trajetória da Marília, nunca compreendi precisamente a trajetória vitoriosa dela de 40 anos de militância política. Ela atravessou, com uma liderança praticamente intacta, as mais diversas conjunturas políticas: fim da ditadura militar; liberalismo da década de 1990; emergência dos governos de esquerda; golpe de 2016 com impeachment de Dilma, condenação de Lula e enorme enfraquecimento do PT e da esquerda em geral; retorno do ultraliberalismo; vitória de Bolsonaro.(...) Marília sempre atuou em grandes cidades do Sudeste – Belo Horizonte e Contagem-, onde recolheu votos que lhes deram três mandatos de deputada e três mandatos de prefeita; grandes cidades são

“cemitérios de lideranças políticas”; quase ninguém sobrevive por muito tempo com o apoio popular e os votos dos cidadãos e cidadãs metropolitanos; para sobreviver politicamente deputados estaduais e federais “interiorizam” o trabalho junto aos moradores de pequenos municípios.(...) E mais: Marília foi fundadora do PT; teve, assim como o partido, uma base social muito vinculada à classe média até 2002; ganhou base social popular ao se tornar prefeita de Contagem e Lula presidente do Brasil; mas quando o PT perdeu base social nas grandes cidades do Sudeste, Marília manteve em Contagem a base social das duas fases do PT.

Por que a liderança de Marília não apagou? Minha resposta hoje a esta pergunta é a seguinte: Marília é uma “pessoa inesquecível”. Impressionante: somente agora depois de aposentado, com o despertar da minha alma de poeta e cronista, consegui formular esta síntese. Nas pesquisas de opinião a aprovação / desaprovação dos líderes políticos se dividem: fatores exógenos (o legado de realizações nas políticas públicas) e endógenos (atributos políticos e individuais da liderança). Marília se tornou uma liderança, até hoje, “indestrutível”, na expressão de Wanderley Guilherme dos Santos em relação a Lula, porque é uma grande gestora e tem uma grande aprovação “exógena”, ou seja, tem um legado de realizações nos cargos que ocupou que a população reconhece, especialmente como prefeita. Mas são inúmeros os políticos que tiveram administrações reconhecidas pela população e que foram “esquecidos”. Marília é reconhecida porque pragmaticamente é tida como uma mulher “boa de serviço”. Mas são os seus atributos políticos e pessoais, fatores “endógenos”, que deram “liga” para que sua liderança mantivesse intacta ao longo de 40 anos. Dentre estes atributos que as pessoas consideram inesquecíveis podem citar: a política como algo permanente e não somente em época de eleição, a presença cotidiana no “meio do povo”; a pessoa afirmativa, alegre e vibrante; a liderança que é “gente como a gente”, que não é uma pessoa “especial” e “extraordinária” é “uma de nós” no comando da Prefeitura; a política voltada para

a transformação social e não para o enriquecimento pessoal, materializado na recusa aos privilégios, como a aposentadoria de deputado, nunca empregou parentes e a transparência até hoje como prefeita com a divulgação mensal de seu contracheque; o compromisso com os direitos sociais, com o direito à vida, especialmente com o emprego, saúde, educação, previdência e assistência social, independente do cargo que ocupa; a mulher “guerreira” que não manda seus “soldados” e “soldadas” para a “guerra” sozinhos, ela os lidera no “campo de batalha”; Marília é “mulher de palavra” que não trai os seus compromissos com a população; Marília retirou Contagem de “cidade satélite” de Belo Horizonte e desenvolveu a autonomia da cidade e a autoestima da população.

O Brasil antes do SUS

Sou de uma família de pequenos sítiantes (meus pais: Otávio e Lordes, e somos sete irmãos), que vivia da produção do café e do leite, e na infância não tínhamos acesso à saúde. Vivi na infância uma situação dramática, devido a inexistência de qualquer política de saúde, como o SUS que temos hoje. A qualidade de vida depende muito: de saneamento básico, sistema de saúde, disponibilidade de remédios e vacinas, acompanhamento médico, educação, maternidade, alimentação adequada, entre outros. Na minha infância tudo isto era muito precário. A “corrida pela vida” começava logo no primeiro ano, e, na década de 1950, a mortalidade infantil era absurda: de 131 mortes por 1.000 nascidos vivos (a título de comparação hoje é de 12 por 1.000). (...) O meu caso pessoal na infância e de minha família mostra um painel da vida há cinco, seis décadas atrás quando não tínhamos o SUS. Tive, como todas as crianças da época do interior do país, sarampo e catapora, que aguardávamos com ansiedade a “chegada” com medo de morrer e, depois que sobrevivíamos, sentíamos uma espécie de “libertação” em nossa vida. (...) Devido à falta de saneamento básico – água tratada e rede de esgotos – era comum que eu tivesse lombrigas – vermes que se devolviam no intestino –, tomávamos “lombrigueiros” e, nas fezes, expelíamos aquelas “cobrinhas” horrorosas; chocantes. Era como se nosso corpo tivesse sendo invadido por “bichos”. Na minha casa, o esgoto doméstico corria pelo quintal, e, me lembro, que a sujeira passava debaixo do pé de manga, o que era triste porque, além da sujeira, ainda todas as mangas que caíam do pé, quase sempre, eram perdidas porque caíam dentro do esgoto. (...) No interior não existia

tratamento dentário, quem não nascesse com dentes “bons” sofria demais, como foi o meu caso. Se me lembro bem dentes erram arrancados sem anestesia; para encaixar as peças, dentes eram danificados; e dor de dente, como eu tinha muito frequentemente, era “curada” com algodão molhado com álcool. (...) E como era a higienização antes do papel higiênico? Meus relatos mais remotos da minha infância são uma mistura de imaginação e realidade. Eu poderia conversar com meus irmãos sobre os relatos, mas perderia um pouco a graça, então eu deixo minhas recordações da infância na fronteira: da imaginação e da realidade. Mas a higienização era tão absurda que preferi pesquisar no Google para ver se não era imaginação minha. Isto mesmo: há 60 anos atrás na roça a higienização era feita com “sabugo de milho”, que todos tinham “estoque”, que passávamos “no local” limpando e arrancando tudo. Inacreditável! Depois que mudamos para a cidade então foi possível uma “modernização” da higienização com utilização de todo tipo de papel, aquele utilizado para enrolar pão, jornal velho, etc.(...) Não me lembro de médico, de hospital, de assistência “eficaz” à saúde só me lembro da minha avó, Joaquina, que era uma famosa benzedeira em Manhauçu e que, por diversas vezes, me curou de dores de cabeça e até me lembro de uma simpatia com quiabo que conseguiu acabar com uma verruga em meu joelho. Lembro também que meu pai, já velho, se gabava de “nunca ter ido ao médico”; antes do SUS era “uma sorte” enorme ter uma boa saúde. (...) Hoje, vivemos o drama da covid-19, que afeta de forma mais forte os que tem mais de 60 anos, que é o meu caso, e se não fosse o SUS a situação estaria muito pior. Por isso: Viva o SUS!

“Atacar” a fome!

Minha família sempre foi muito unida. Nos inesquecíveis almoços familiares de domingo, que reuniam mais de 20 a 30 pessoas – nossos pais; os filhos; cunhados; netos, e outros “agregados”, quando a comida era servida, em vez de fila, a ordem era: “ATACAR”! Durante um longo período pensava que aquilo era “falta de educação” de meus familiares, apesar de que eu sempre também participava do “ataque”. A Marília sempre achava aquilo meio esquisito e me olhava com olhar de “recriminação”. Mas por que eu participava do “ataque” se aquilo era “falta de educação”? Mistério! Não sei quem em minha família transformou o almoço de domingo em uma operação e guerra. Mas hoje minha reflexão é a seguinte: não tivemos na infância aquilo que o Lula transformou em um princípio sagrado: o direito a três refeições ao dia, o café da manhã, o almoço e o jantar. Éramos de uma família de pequenos sitiantes, com sete filhos, e a renda era muito pequena para alimentar nove pessoas. Somente me lembro do almoço; na parte da manhã e à tarde era apenas um lanchinho. Até hoje, eu e meus irmãos, não temos o costume de jantar porque “nos adaptamos” às restrições alimentares da infância. Ou seja, ATACAR! era o nosso “grito de guerra” e de felicidade por termos uma mesa farta em contraposição à comida “regrada” que tivemos na infância. Emocionante! Lula está certo: façamos uma guerra para que todos tenham três refeições no dia. (...) Esta história, meio trágica, de criança pobre eu contei para minha família e para os meus filhos ao longo de minha vida. (...) Contei para a minha família a alimentação regrada de que dispúnhamos, sobretudo carne. Lembro-me do frango, que era dividido por toda a família e cada um tinha direito a um pedaço; o meu era a “aposta”, parte do peito do frango que tem um ossinho, que tinha este nome porque era motivo de disputa depois do almoço, e quem que-

brava a maior parte ganha a “disputa”. Minha mãe, para fazer o frango “render”, fazia também paneladas de macarrão grosso com frango, a gente comia o macarrão com caldo, sentia um gostinho da carne, e no final comia um pedacinho de frango. Carne também, de vez em quando, tínhamos bifés de boi com molho de tomate, acho que era do extrato de tomate “elefante”, marca que existe até hoje. (...) Meu pai era pequeno sitiante e vivíamos da renda do leite e do café. Um drama que marcou a minha vida era como num determinado dia chupar manga e, “para não morrer” como alertava a minha mãe, tinha naquele dia que deixar de tomar leite que sempre dispúnhamos em casa. Na dúvida eu espaçava os dois alimentos: chupava manga pela manhã e leite à noite, ou vice-versa.(...) Outra mania que tínhamos, eu e meus irmãos, era amassar a “banana ouro”, furar um burquinho na ponta e comer a banana amassada; às vezes pendurávamos uma penca desta banana na árvore e imitávamos “bezerros” mamando no peito da “vaca”; ainda hoje amasso banana ouro e a Marília fala: “Ai que nojo!”.(...) Lembro também dos bingos com disputa de frango assado nas festas locais; quase sempre perdíamos e lamentávamos não poder comer o frango.

A educação iluminou minha família

Filhos na roça, há 60 anos atrás, eram “braços para a lavoura”. Sou filho de uma família de pequenos proprietários rurais de Simonésia, no Leste de Minas de Minas Gerais. Prevalencia então na área rural naquela época famílias muito numerosas – somos sete irmãos – e os filhos eram vistos como “braços para a lavoura”. A educação pública não chegava ao campo e era oferecida, de forma precária, somente nas áreas urbanas. A educação só era universal até o 4º ano primário; não sei como eu e meus irmãos passamos no curso de “admissão” para o quinto ano primário, deduzo que o critério era político provavelmente para aliados dos políticos locais e de fora. Meu pai continuou morando no sítio na roça e minha mãe, eu e meus irmãos mudamos para a área urbana. Meus pais sofreram fortes críticas de outros sítiantes, que os consideravam “bobos” e “idiotas” porque, ao invés de usarem os filhos para tocar a lavoura, ofereceram a eles uma oportunidade de emancipação, através da educação. Se filhos eram tratados de forma economicista como “braços para a lavoura” dá para imaginar a violência física e moral a que eram submetidos. (...) Sofri uma opressão brutal na infância. Minha mãe tinha muito medo e era muito estressada, tinha pavor da vida na cidade e único local em que ela se sentia segura com os filhos era dentro de casa. Meu pai, um “homem que nunca chorou” como dizia, era também muito severo nos finais de semana, quando se deslocava do sítio para a cidade e se juntava a família. Fui empurrado para o trabalho infantil aos nove anos de idade, sem remuneração para não “ficar na rua”

e trabalhei até a adolescência, quase sempre no comércio, de domingo a domingo. Algumas pessoas que têm uma trajetória parecida com a minha fazem uma leitura positiva do trabalho infantil na formação do caráter. Eu não penso assim: o trabalho infantil roubou minha infância e minha adolescência. Tenho 65 anos, 56 anos de trabalho e me aposentei pelo INSS há poucos anos. Até hoje tenho dificuldades de descansar e ter o meu merecido direito à preguiça, pois meu corpo e minha mente foram condicionados para o trabalho. Suponho que muitas pessoas como eu, que são chamadas de “incansáveis”, tenham também uma trajetória de trabalho infantil.

Felizmente, consegui, com meus pais ainda em vida, descobrir muitas razões para gostar deles. Para amá-los profundamente. Meus pais foram muito severos mas nunca me bateram e nem nunca presenciei agressões de meu pai à minha mãe. Meus pais foram amolecendo o coração com o passar do tempo e eu fui diminuindo a raiva deles, e conseguimos fazer uma bonita reconciliação. (...) Meus pais foram guerreiros que saíram da vida dura do campo e trouxeram os sete filhos para serem educados na cidade. Foi o caminho para que eu e meus irmãos superássemos a pobreza. Ninguém ficou rico, mas todos têm uma vida digna. O emocionante é que eu, José Prata, e meus seis irmãos Maria das Graças (a líder da família), Luís, Fátima, Vera, Maria do Carmo, e Langlebert (era o mais velho e morreu) nunca permitimos que ninguém passasse necessidades extremas. De educandos passamos a educadores: quatro irmãs minhas são professoras; eu sou economista e agora contador de histórias; outro irmão tem um pequeno comércio atacadista. Sempre fomos muito solidários e cotizamos para completar a aposentadoria de meus pais, para ajudar irmãos em dificuldades e, até mesmo, para melhorar a renda e pagar o carnê da previdência de quem ganhava menos. Lourdes, Otávio, Langlebert: PRESENTES!

Década de 1960. Fake News e “bolsonarices”

O “bolsonarismo” não é novo no Brasil; é uma ideologia regressiva do século passado. É uma mistura de reacionarismo de extrema direita; moralismo nos costumes e atrocidades comportamentais, o “falso moralismo”.(...) Vivi, ainda criança, com seis a oito anos de idade, as atrocidades da extrema direita em nosso país. O “falso moralismo” praticamente matou a minha fé e minha religiosidade. Na época a fake News mais divulgada era de que “comunistas comiam criançinhas”. Me parece que havia na região do Leste de Minas Gerais os chamados “Grupos do Onze”, de inspiração da esquerda brizolista, para buscar avançar mais rapidamente as reformas de base. A extrema direita na cidade, se me lembro muito vinculada às elites locais, professorado, e Igreja espalharam o terrorismo, que Simonésia estava prestes a ser invadida pelos comunistas que “comiam criançinhas”. Uma fake News para aterrorizar as famílias e, especialmente, as crianças. O impacto psicológico foi tão grande que é o único acontecimento que me lembro, de uma forma um pouco mais articulada, da minha infância aos seis a oito anos. Tinha dois planos para me esconder dos comunistas. O primeiro era criar um esconderijo em casa; eu ficaria de barriga para baixo no guarda roupa debaixo dos cobertores e travesseiros e, para respirar, seria furado um buraco redondo ao fundo já que o móvel era suspenso por pequenos pés. Claro que meu terror era os comunistas invadirem nosso casa, retirarem as roupas de cama e me descobrirem. O segundo plano era, quando os comunistas invadissem a cidade, fugir para uma mata ao fundo do nosso quintal; dois problemas: à época não tinha ponte para atravessar o rio que passava ao

fundo de minha casa e, se desse uma grande volta, e chegasse até a mata o meu medo era me perder e nunca mais ver minha família. Me lembro também da propaganda da guerra fria, da defesa dos Estados Unidos, onde supostamente a pessoa mais pobre teria “um caminhão”.(..) Me lembro também uma campanha lançada pela extrema direita, numa articulação de professores e polícia: proibição da “bolinha de gude” porque entendiam que a brincadeira sujava as mãos e as crianças comiam com mãos sujas. Certa vez, jogava bolinha de gude com amiguinhos, eu estava de cócoras, chegou um soldado atrás de mim, meus amigos correram. Quando eu olhei para trás enxerguei o policial com cara feia; paralisado fiz xixi nas calças. Os “coordenadores” da campanha diziam que as bolinhas de gude recolhidas eram atiradas no rio; certa vez o filho do policial disse que ficava com ele as bolinhas de gude; foi minha primeira experiência com a corrupção policial.

SEXUALIDADE E ATROCIDADES. No final da década de 1970, já morando em Belo Horizonte, fui ao cine Pathé, na Savassi, em Belo Horizonte, para assistir um filme mexicano que não me lembro o nome, que abordava o México rural. No Pathé, não entendi a razão, ao contrário dos outros cinemas de rua mais comerciais, não tinha cadeira estofada; sentávamos em cadeira de madeira, com poltronas niveladas; por isso sempre que podia sentava na cadeira do corredor para ter mais flexibilidade para ver o filme e, no limite, sentava no chão. Acho que é por isso que até hoje só me sento nas poltronas laterais. Voltando ao filme. No meio do filme, de forma chocante, teve cenas de sexo de homens com animais, a “zoofilia”. Lembro como hoje: no cinema escuro, choros e soluços incontidos de muitas pessoas, sendo que algumas saíram do cinema. Como o cinema era da classe média intelectualizada, não acredito que a reação tenha sido por falso moralismo, provavelmente, deduzo, eram pessoas originárias do campo.(..) De fato aquele filme retratava, não somente o México rural, mas também o Brasil rural. Na minha região eram comuns a prática de sexo com animais; com diversos animais. O assunto era tratado de forma muito sigilosa, mas uma ou outra histó-

ria vazava na cidade. Na escola, uma criança sofria um enorme bullying porque, segundo se comentava, transava com galinha e, certa vez, transando na beira do rio, foi flagrado por familiares, baixou o bico do animal na água e teria dito: “Quer beber bebe e se não quiser não bebe”. Esta criança era conhecida como “Zé galinha”. As transas mais “ecológicas” estas eram tratadas de forma mais aberta: jovens furavam buracos nos pés de bananeira e, abraçando a árvore como uma mulher, “transavam”. Ou então a transa com melancias: furava-se um buraco e, com a vantagem da lubrificação, também “transavam” e se comentava mas não me lembro que destino eram dada às frutas na hora da “colheita”. Muitos jovens sempre relatavam a prática de sexo solitário, que era a minha opção.(...) Lembro também de um relato escabroso de estupro: um determinado sitiante que tinha muitas filhas, estuprava cada uma delas quando casava sob o argumento de que: “Não criei o porco para dar a carne para os outros de graça, quero comer a minha parte”. Minha cidade tinha uma única prostituta, a “Marreca”, que era o “saco de pancada” preferido dos falsos moralistas da cidade como sendo o exemplo de “depravação humana”; ela morava num morro acima do estádio de futebol; e, nos dias de jogo, quando ela chegava na janela, as pessoas a recebiam com o “grito do marreco”, uma demonstração dramática da “indignidade humana”. Moças que passeavam pela praça eram consideradas também perigosas porque potencialmente prostitutas. Lembro vagamente que eu era o “dedo-duro” da minha mãe na fiscalização das minhas irmãs e nas fugidas que elas davam, sobretudo nas festas populares da cidade.(...) Não tenho relatos da sexualidade em relação às mulheres da época, que devido à repressão sexual não tínhamos envolvimento, mas, com certeza, é uma história de repressão violenta, estupro, abortos, e outras coisas dramáticas. Os falsos moralistas nunca se preocuparam com educação sexual; pelo contrário lideravam as maiores atrocidades, religiosos se envolviam sexualmente com beatas da cidade sem nenhum pudor.(...) Não é uma história muito diferente dos falsos moralistas de hoje, com fake News da “mamadeira

de piroca”; crimes sexuais brutais; e o presidente se caba, em uma entrevista ao CGC, de ter praticado zoofilia na juventude, que ele, às gargalhadas, não considera uma tragédia, mas se orgulha de ter sido viril e pegador desde cedo. Estes são os “cidadãos de bem” e “moralistas” defensores da família brasileira. (...) O impressionante é que com a revolução sexual, com a sexualidade também para o prazer, como que numa provocação ao falso moralismo, se popularizou posições sexuais como o “papei-mamãe”, a transa mais completa e charmosa; posições de alguns animais, como a dos simpáticos “cachorrinhos”; e até de outros animais mais “agressivos”.

MINHA RELIGIOSIDADE E FÉ FORAM ABALADAS. Toda religião, de alguma forma, tem uma dose de maniqueísmo: bem X mal; céu X inferno; Jesus X capeta. O mundo que eu via na infância não tinha os dois lados: era somente maldade, inferno e capeta. Eu era obrigado a ir à missa aos domingos, mas o clima era de estranhamento, em particular com os discursos contra a “depravação humana”. Tinha a confissão individual que me deixava em pânico. Uma madrinha minha, sempre me visitava nossa casa, procurava convencer minha mãe que eu deveria virar padre e, quando ia embora, era um enorme alívio; os padres que eu conhecia não eram uma referência para mim e, certa vez, um padre jovem que chegou à cidade, que se tornou amigo das crianças e da juventude, por pressão dos conservadores, foi afastado da cidade. Respeito e sinto necessidade da religiosidade e da fé; sinto falta daquilo que não tive na infância. Gosto um pouco das coisas em cada religião. Da Igreja Católica gosto mais de não se organizar como partido político, de respeitar um pouco mais o Estado laico e de ser mais comprometida com a justiça social. De Igrejas Evangélicas me sinto mais identificado com a superação de dogmas seculares: mulheres podem ser pastoras e pastores podem se casar. Uma síntese disso talvez seja as igrejas evangélicas mais tradicionais. Mas gosto mesmo, e seria com certeza praticante, de Igrejas Evangélicas dos negros dos Estados Unidos, que vejo nos filmes, com suas experiências de vida e cânticos maravilhosos.

Sorridente: Marília me “ensinou” a sorrir!

O processo de exclusão social no Brasil pode ser visto nos dentes e no sorriso da população. Em uma matéria belíssima, Rosana Pinheiro Machado relata o caso de uma brasileira da Bahia, Maria da Luz, que se mudou para São Paulo, que extraiu todos os dentes da frente sem anestesia: “Ela nunca tirava foto. Dizia que era infeliz com sorriso e que seu sonho era fazer um tratamento dentário. Em 2015, conseguiu fazer implantes com a poupança de muitos anos. Hoje, não coloca mais a mão na boca para sorrir. A história de Maria, contada a mim por sua filha Maya, é um pouco da história de dezenas de milhões de brasileiros que têm suas vidas atravessadas por dores de dente e falta de autoestima – quadro que só muda quando as famílias experimentam alguma mobilidade social. Mas o desfecho positivo do caso de Maria, hoje com 47 anos, é incomum. Os problemas relacionados à saúde bucal tornam miserável o cotidiano de pessoas pobres. A dor física latejante e constante se soma à dor moral – o sentimento de vergonha, a humilhação e o trauma por não conseguir sorrir. Apesar da onipresença desse sofrimento do cotidiano brasileiro, surpreende o quão invisível é o apartheid bucal que divide o país”. (Intercept Brasil, 14/05/2019). (...) Em 2004, pesquisa do Ministério da Saúde indicou: “No Brasil, apenas 55% dos adolescentes têm todos os dentes. Entre os adultos, a falta de dentes afeta 54% da população e 10% dos idosos. Ao todo, são 30 milhões de brasileiros desdentados. Desses, oito milhões precisam de prótese dentária completa”. Foram estes dados que levaram Lula a lançar o

Brasil Sorridente, o maior programa de saúde bucal da história brasileira. Lula dizia que o brasileiro precisava “voltar a sorrir”, e isto mostra porque ele se transformou numa pessoa inesquecível para milhões de brasileiros, especialmente para os mais pobres.

Minha família, meus pais, eu e meus irmãos, sofremos na pele a falta de SUS e de programas de saúde bucal para a população. Meus pais faziam parte das estatísticas dos 8 milhões de brasileiros que “perderam” todos os dentes e precisavam de prótese dentária completa; não sei por qual razão, se por falta de recursos ou por dificuldade de adaptação, eles usavam dentadura apenas na parte superior da boca. Todos nós, os filhos, somos parte das estatísticas dos que perderam parte dos dentes naturais. No interior não existia tratamento dentário, quem não nascesse com dentes “bons” sofria demais, como foi o meu caso. Se me lembro bem tratávamos de dentes com “dentistas práticos”, que não tinham experiência em saúde bucal, a “solução” que apresentavam era sempre arrancar os dentes, praticamente sem anestesia; para encaixar as peças, dentes bons eram danificados; e dor de dente, como eu tinha muito frequentemente, era “curada” com algodão molhado com álcool. Quando me mudei para Belo Horizonte, sem acesso aos caros tratamentos dentários, melhorei um pouco mas os problemas continuaram. (...) Como passei a escrever textos e livros sobre direitos sociais, era muito comum que fosse convidado para dar palestras em Minas e no Brasil, e, sempre, meu pavor era de cair um dos dentes da frente perante às grandes plateias de trabalhadores para quem eu palestrava. Felizmente isto nunca aconteceu publicamente. Mas no folclore familiar ficou registrado um desses momentos de vergonha e constrangimento. Em visita à minha sogra, Silvia, em Araguari, nos belos almoços que ela nos fazia, ao morder um pedaço de frango um dos dentes da frente ficou agarrado na carne; peguei de volta e coloquei no lugar e encerrei o almoço.(...) Rosana Pinheiro Machado descreve o que ocorreu comigo: a questão da saúde bucal “só muda quando as famílias experimentam alguma mobilidade social”. Durante 12

anos de casamento com a Marília nossa renda era muito baixa, éramos dois escriturários de banco, o que não permitia gastos mais elevados para alguma forma de “reconstituição da boca”. Então, em 1995, Marília recebeu uma parte da herança da avó, e me deu todo o valor para que eu fizesse um tratamento mais caro, que foi, me lembro bem, do preço de um carro popular na época. Um tratamento penoso de tratamento de canal de quase todos os dentes que sobraram e a colocação de pontes dentárias. Devolvi à Marília, em 1996, com o dinheiro que ganhei com meu segundo livro, um presentão, um GOL vinho zerado, que foi o carrinho dela nas campanhas para a Prefeitura em 1996, deputada em 1998 e na campanha vitoriosa em 2000. Vitoriosa ela abriu aquele sorriso bonito que todos nós conhecemos. Quando iniciei minha trajetória nas mídias sociais, no Facebook, sempre pedi a ela que tirasse minhas fotos, que quase sempre não ficavam boas. Então pedi a ela que me “ensinasse” a sorrir. Ela me deu a dica: “vire a cabeça de lado, relaxe e vire a cabeça novamente para a câmera e sorria suavemente”. Foi aí que surgiram minhas fotos com o meu sorrisinho “manjado”. Não é aquele “sorrisão” que eu gostaria, mas é o que consegui. Fico feliz em ver que meus filhos tiveram uma vida melhor que a minha e contemplo neles o sorriso que eu acho que nunca não vou conseguir dar. Assim é a vida. É por estas e por outras que meus grandes ídolos são Lula e Marília.

A vida precária na cidade

Mudamos para a cidade (Simonésia, no Leste de Minas), minha mãe, e os sete filhos para termos acesso à educação; meu pai continuou cuidando do sítio, com uma pequena produção de leite e de café, em Palmeiras, distrito de Manhuaçu, a 25 quilômetros de nossa casa, e, nos finais de semana, se juntava à família. Os sitiantes vizinhos do meu pai, que criticavam a nossa mudança para a cidade, sempre diziam: seu “Otávio” você vai perder os braços para a lavoura, que são os seus filhos, e ainda vai ter duas casas para sustentar”.(...) Morando no meio urbano enfrentamos os desafios da precariedade da vida na cidade. Nossa casa, que era da família, era muito precária, com todos os pilares de madeira, assoalho de madeira, e fundo da casa era “suspenso” deixando uma espécie de andar de baixo vago. Eu morria de medo de andar à noite dentro de casa, porque o assoalho tinha fendas entre as tábuas e eu temia “pessoas do mal” enfiarem facas nos meus pés e ou atirarem de baixo para cima. O quarto de meus pais era quarto de passagem para o quarto de minhas irmãs, o que os deixava sem nenhuma intimidade.(...) Não tinha gás de cozinha, a comida era feita no fogão a lenha dentro de casa e, certa vez, catando brasa no chão, minha mãe se desequilibrou e despejou um caldeirão de feijão cozido nos meus ombros e costas, uma dor insuportável por diversos dias.(...) Não tinha luz da Cemig, a cidade era abastecida por uma pequena usina, que pouco produzia para o abastecimento das casas e para o comércio.(...) Durante um longo tempo não tínhamos TV, assistíamos filmes, novelas nas casas de coleguinhas, cujas famílias nem sempre eram muito receptivas à nossa presença.(...) Não se tinha saneamento básico, o esgoto corria a céu aberto pelo quintal da casa até o rio

que passava nos fundos de nossa casa; e a água era encanada mas não tratada, o que, acredito, era um dos principais fatores para que tivéssemos diversos vermes e doenças.(...) O que eu mais ressentia era a falta de geladeira, tínhamos que contentar com água “quente” em pleno verão e nas estações mais secas. Era terrível não poder tomar água pura gelada. A única alegria minha era comprar K-suco gelado no bar da cidade nos finais de semana; o problema é que meu dinheiro só dava para um copo (acredito que minha mesada era alguma coisa como 1 a 2 reais em dinheiro atual por semana); tomado aquele copo de refrescante em pó o meu final de semana praticamente acabava por não conseguir “matar” a minha sede com coisa gelada. De vez em quando conseguia juntar dinheiro para tomar um “Crush”, um refrigerante de laranja que eu amava; mas aí a “abstinência” de coisa gelada ficava ainda mais dolorida porque o último gosto que ficava na boca era daquele refrigerante delicioso. (...) Com isso não “aprendi” a tomar água na infância; tudo que ficou foi o gosto dos refrigerantes e sucos artificiais. Gosto muito de sucos naturais bem gelados de laranja, limão, acerola, abacaxi, e tenho um pequeno pomar e um “estoque regulador” de acerola no freezer. Adoro Fanta uva, Fanta laranja e guaraná antártica; o máximo que consegui me acostumar foi com refrigerantes diet com menos açúcar. E descobri o suco diet Clight que eu adoro de quase todos os sabores que existe. Água só aprendi a tomar à noite no quarto; levo para meu escritório a vasilha de água e quase sempre me “esqueço” de tomar. (...) Uma mania politicamente incorreta que implantei em minha casa é tomar refrigerante e suco “no bico” da garrafa ou da vasilha; a Marília acha horrível esta minha mania, mas ela é “voto vencido” junto a mim, Vinicius e Pedro. Então ficou assim: a minha sogra, Silvia, e a diarista, a Célia, que trabalhou conosco até pouco tempo, sabendo de nossa mania, passaram a só tomar refrigerante e suco abertos ou feitos na hora. Para não passar vergonha, visitas em nossa casa somente também com sucos naturais feitos na hora.

Botafogo!

Sou uma pessoa muito discreta em relação ao futebol, até porque não tenho muitos motivos para não ser discreto. Mas confesso a minha paixão: sou botafoguense desde sempre, sou fiel à estrela solitária e não consigo torcer para mais de um time de futebol. Sou tão apaixonado que não consigo, na maioria das vezes, assistir pela televisão os jogos do Botafogo, quase sempre mudo de canal e vejo os gols depois do fim da partida. Tem sido assim também porque não temos muito o que comemorar, nosso sonho é não ser rebaixado para a segunda divisão; e, na segunda divisão, não afundar de vez para a terceira divisão. Me emociona assistir a torcida botafoguense cantando uma das mais bonitas músicas do futebol brasileiro; os torcedores batem palmas com as mãos para o alto e cantam assim: “E ninguém cala / Esse nosso amor / E é por isso / Que eu canto assim / É por ti Fogo / Fogoôôô”. Os flamenguistas, nos estádios, arrasaram a nossa música, pois eles debocham: “E ninguém cala / este chororô...”(…) Como torcedor do Botafogo vivo, como todos os botafoguenses, das glórias do passado. Por que Botafogo? Sou “carioca” de Simonésia, no leste de Minas, e quando lá morava, até 1970, toda a nossa influência era do Rio de Janeiro: futebol, música, canais de TV (me lembro muito bem da novela Irmãos Coragem). É isso que explica ainda hoje meu sotaque carioca, falo puxando o s, como se fosse x. Eu e meus seis irmãos fomos “treinados” pelo nosso pai, Otávio, a sermos botafoguenses. (...) Na minha juventude, Botafogo e Santos eram os dois principais times brasileiros, de onde saíram os principais jogadores da seleção brasileira. Garrincha, Jairzinho, Gérson, Manga, Carlos Roberto, são nomes que estão ainda em minha memória. Acompanhava os jogos pela rádio Nacional, onde ouvia as locuções épicas de Jorge Curi, narrando as vitórias e glórias do meu Botafogo. A última grande alegria que tive foi em 1995, quando o Botafogo de Túlio Maravilha

e Donizetti ganhou o campeonato brasileiro (antes o Botafogo ganhou a Taça Brasil, em 1968). (...) Uma das grandes desvantagens de torcer para um time que não é do nosso Estado é que não passamos a tradição para os nossos filhos, que passa por uniformizar as crianças desde cedo, envolvê-las com as músicas do clube e levá-las aos campos de futebol ou então convidá-las para assistir as partidas pela televisão. Com isso, dos três filhos somente a Natália gosta de futebol, torce para o Cruzeiro e não para o Botafogo, mas com o Pedro e Vinicius a tradição se interrompeu totalmente, pois os dois não gostam de futebol. (...) Acho urgente que o Brasil rediscuta – sociedade e governo – a situação do futebol de alto rendimento e encontre caminhos e soluções para os grandes clubes de futebol que estão correndo risco de desaparecer, como o meu Botafogo, Cruzeiro, Vasco e outros. Esta discussão tem que ser feita com menos paixão; até porque a rivalidade de Atlético e Cruzeiro vai acabar se um dos rivais for destruído, como no caso do Cruzeiro por exemplo. No Rio de Janeiro, de que adianta ter o Flamengo bem estruturado se os outros clubes que dão densidade ao futebol carioca, como Botafogo e Vasco, não sobreviverem.

Na pandemia, “liberei” meus cabelos cacheados

Nunca pensei que isto aconteceria. Depois de 65 anos de idade decidi mudar o meu visual e “liberar” meus cabelos cacheados. Na fase inicial da pandemia, grande parte das pessoas fizeram um isolamento social muito forte. Em minha casa, só saíamos para coisas essenciais, como para fazer compra de alimentação e remédios. Ir ao cabelereiro nem pensar. Eu que era muito conservador em termos visuais, com meu cabelo baixinho e “amassadinho”, fiquei meio “desesperado”. Comprei pela internet uma tesoura especial para a Marília cortar o meu cabelo, que teve o pedido cancelado e nunca chegou. Então meu cabelo foi crescendo e meu conservadorismo visual teve que, em função das exigências da vida, de mudar para uma postura um pouco mais despojada em termos visuais.(...) E o legal é que acabei gostando do meu novo visual. Aposentei, em definitivo, as velhas escovinhas de “amassar” cabelo e deixei aparecer o cabelo um pouco maior e cacheado; não chego a adotar um visual como o do meu filho, Pedro, que tem um cabelão parecido com a imagem de Jesus Cristo; gosto demais do visual dele mas não tenho coragem de adotar. E a Marília gostou demais. Ela sempre achava meus cabelos “amassadinhos” meio “cafona”. Ela agora me olha de uma forma diferente: ela acha, suponha, que estou mais bonito e, muito legal, comemora a novidade com puxões de cabelo, que agora podem ser arrastados pelos dedos dela.(...) E legal também é que meus três filhos – Natália, Pedro, e Vinicius – viram finalmente de quem “herdaram” os cabelos cacheados, que não são lisos como os da

mãe e nem lisos e amassados como os meus de antes. E meus filhos se tornaram meus conselheiros de como viver com cabelos cacheados. Me deram as seguintes dicas: depois de lavar a cabeça, passar a toalha levemente e deixar os cabelos “um pouco molhados”; passar um creme para “domar” um pouco os cabelos para que fiquem menos “esvoaçantes”.(...) Outra coisa: mesmo antes de mudar meu visual vinha tentando utilizar um shampoo para tirar um pouco a branquidão dos meus cabelos. As primeiras indicações que tive dos meus amigos não funcionaram: em vez de escurecer, os shampoo deixavam meus cabelos azulados, muito feios. Eu acabava de usar o shampoo no banho e aqui em casa me diziam: “Seu cabelo ficou azul”. Não dava para continuar. Depois de muitas experimentações acho que achei o produto ideal: o produto tira a brancura e o amarelão dos cabelos brancos e os deixa mais prateados e bonitos. (...) Na verdade, minha mudança de visual vem de “reflexões” filosóficas anteriores à pandemia. Há uns dez anos, chamou minha atenção as roupas de uma das principais lideranças de esquerda, sempre vestida com blusa branca. Aquilo me deixou curioso: se era para usar uma única cor, uma revolucionária usaria vermelho e não branco. Pois bem, certa vez, não me lembro onde, veio uma explicação para a blusa branca daquela pessoa: era uma forma de defender uma espécie de “pureza ética”, uma contraposição ao que ela considerava “falta de ética” de nós petistas. Comentei aqui em casa: “Como uma pessoa quer mudar o mundo se não muda nem de roupa?”. Esta reflexão ficou em minha cabeça. Então, na pandemia, decidi mudar. Afinal para uma pessoa que quer mudar o mundo como eu não fica bem não conseguir mudar sequer o visual. E o visual mais despojado me deixou mais jovem e com mais cara de “intelectual” e agora de “cronista da vida cotidiana”. E tenho visto também muitos amigos adotando cabelos mais longos; cada um tem uma história para explicar o novo visual.(...) Meu cabelo me lembra histórias muito tristes de pobreza e exclusão social. Quando pequeno, no final da década de 1950, não tínhamos espelho em casa para ver nosso rosto. Meu cabelo não chegara

a ser loiro, mas era mais claro do que de meus irmãos. Então o Luís, meu irmão, brincava comigo: Seu cabelo é “pretinho igual algodão”; certa vez ele me mostrou o algodão e, segundo contam na minha casa, e “eu chorei demais”. Mais tarde, já morando na área urbana, como a renda da minha família era pequena para sustentar “nove bocas”, minha mãe, para economizar, mandava o barbeiro raspar meu cabelo; hoje pessoas raspam o cabelo e é moda, para mim era exclusão social e motivo de humilhação na escola e na cidade. Depois de tempos de sofrimento, minha mãe deixou eu adotar o que ela chamava de “meia cabeleira”, ou o cabelo cortado com uma lâmina que não raspava totalmente minha cabeça. “Liberar” meus cabelos na pandemia me ajudou a me libertar de um fantasma do passado; o cabelo “amassadinho”, era “meia cabeleira” que, se me tirou da humilhação, nunca me libertou.(...) Mas não acabou ainda a história. Estou feliz com meu cabelo branco, mas tem um problema: as fotos com fundo branco que somem com parte de minha cabeça, seja no sol, ou com fundo branco da carteira de motorista. Então eu tive que ser criativo: minhas fotos “oficiais” são tiradas pelo meu filho Vinicius, tendo como fundo paredes mais escuras e principalmente plantas. Até nisso tiver que aguçar meu veio ambientalista.

Venci a preguiça de fazer exercícios físicos

Tenho 65 anos, me aposentei depois de 56 anos ininterruptos de trabalho. Trabalhei desde os 9 anos de idade. Mas até recentemente nunca conseguia “arrumar um tempo” para fazer exercícios físicos, ou seja, para cuidar da saúde. Era uma pessoa bastante “enferrujada”, porque trabalho sentado e meu corpo “desabava” e eram dores de todo tipo, dificuldades com o sono, dentre outras consequências negativas. Em 2019, consegui romper esta trajetória sedentária de preguiça para os exercícios físicos e consegui manter uma rotina de academia e caminhadas semanais. Com a pandemia, interrompi os exercícios físicos, mas consegui retomar a rotina. Tive novamente dificuldades para “engrenar” e, mais uma vez, usei as mesmas estratégias para vencer a preguiça que tinha utilizado antes da pandemia. Felizmente, estou fazendo caminhadas quatro vezes por semana, na pista de caminhada perto da minha casa.(...) Como eu consegui disciplina para a prática de exercícios físicos? Antes, não tinha nenhuma disciplina. Já no planejamento semanal eliminava as sextas feiras, porque era véspera do final de semana, e eliminava a segunda feira, porque era o primeiro dia após o final de semana. Meu planejamento ficava muito apertado, e, com outros acontecimentos em minha vida, sobrava somente um ou dois dias de atividades físicas. Aí eu parava de caminhar porque se ficava restrito a um dia, por exemplo, era melhor não fazer atividade alguma. Pois bem, aprendi que, se você não tiver disciplina, nunca vai fazer atividades físicas regularmente. Devemos caminhar ou fazer outras atividades físicas, no míni-

mo, três vezes por semana, sem arrumar desculpas para falhar. Não caminhar segunda e sexta não faz nenhum sentido, como era o meu caso. Não se pode deixar de fazer exercício físico por ter dormido mal ou por estar mal humorado, até porque nestes dois casos a atividade física é um santo remédio. Se perco o sono levanto às 7 horas para a caminhada e é ótimo; durmo mais cedo e “recupero” o sono. Agora que estou mais disciplinado e engrenei de vez acontece o inverso de antes: fazer exercícios físicos virou uma rotina e falhar nos dias planejados é que virou um grande problema. É incrível isso!

Por que gosto de me vestir bem em casa?

Como bom “noveleiro” assisti há alguns anos atrás a novela “o Clone”. Num determinado capítulo um personagem representado pelo ator Stênio Garcia, em diálogo com um brasileiro, afirmou: “Não entendo vocês do Ocidente. Aqui vestimos as melhores roupas quando estamos em casa para agradar nossas parceiras e parceiros. No Ocidente, as pessoas usam as piores roupas em casa e isso é muito esquisito”. Impressionante! É realmente muito esquisito vestirmos as melhores roupas quando saímos de casa para o trabalho, por exemplo, para nos mostrarmos para o “distinto público” como estamos bonitos e bonitas, mas em casa usarmos as peças de roupas mais feias diante de nossas companheiras e companheiros. (...) Esta é uma das reflexões da vida cotidiana que me levou a me vestir bem em casa. Sempre que me visto bem recebo elogios de minha mulher, Marília. E eu sempre cobro de minha mulher, com uma pontinha de ciúme, quando ela fica muito bonita para ir trabalhar ou ir em algum compromisso importante: “Por que você não fica bonita assim para mim?”. De fato, a maioria de nós, quando está em casa, prefere as roupas mais velhas e acabadas, que, muitas vezes, são confortáveis, mas são muito feias. Pijamas velhos de nossas companheiras e companheiros, então, eu considero “intoleráveis”, sendo que alguns deles, mesmo sendo horrorosos, são os “preferidos” principalmente nas épocas de tempo frio. De forma “autoritária” costumo “sumir” aqui em casa com estes pijamas acabados ou então, quando não somem, eles aparecem misteriosamente “rasgados”. Conteí esta história, junto com a

Marília, num encontro de casais da Igreja Católica (para 100 casais e 200 pessoas) e causou uma enorme “agitação”. Muitos homens e mulheres gritaram literalmente que dariam também um fim, especialmente, aos pijamas horrorosos. (...) Mas gosto de me vestir bem em casa por outras razões. Trabalho em casa, em meu escritório, nos últimos 25 anos, desde 1996. Se não visto roupas não consigo me concentrar no trabalho, pois roupas mais informais me deixa disperso e com raciocínio muito lento. Já nas épocas de temperaturas frias então é mais uma boa razão para vestir roupas em casa, com blusa e tudo, pois me deixa confortável sem ter que apelar para aquelas roupas velhas que eu acho que me deixa decadente.

Dar e receber presentes

Uma coisa que a Marília ressentia muito é uma maior troca de gentilezas na família. Ela dá presentes para todos os familiares o ano inteiro, especialmente para mim, e praticamente não recebe presentes. Para ela eu, além de não dar presentes, não eduquei nossos filhos para o ritual de troca de presentes. Não tenho muitas lembranças de presente que dei a ela. No início do casamento dei a ela o primeiro carro que tivemos, um Gol vinho, que foi o que viabilizou o início de sua trajetória política em Contagem, especialmente as eleições de 1996, para prefeita, quando ela despontou para a política com 20% dos votos, e a eleição vitoriosa para vereadora em 2000; além de ser o carro da família que nos conduzia para as inesquecíveis idas semanais ao Clube do Bemge, em Betim. Dei a ela o carro e nunca aprendi a dirigir (tenho carteira e não dirijo) e ela acabou se transformando na motorista da família. Também no início do casamento dei a ela um violão, mas ela não queria um violão. Já dei também de presente perfumes, que ela tinha alergia. Mais recentemente, enfim, acertei um presente do gosto dela. Um presente que virou folclore: roupas íntimas. Mas como não errar no tamanho? Como minha situação era acertar ou acertar no presente, decidi então levar um mostruário dela para servir de referência para as vendedoras da loja. Cheguei na loja, que tinha três vendedoras, e tirei da sacola duas peças íntimas (sutiã e calcinha) e pedi dois conjuntos daquele tamanho. Claro, que as vendedoras deram muitas risadas, disseram que foi o primeiro caso daquele tipo e eu entrei para o folclore da loja. Fiquei bastante constrangido, mas aquela atitude foi por uma grande causa: agradar a Marília. E ela gostou muito do presente. Que alívio!

Sou de uma família de grandiosos gestos de amor, mas não fui “treinado” para os detalhes da vida que tanto encantam as mulheres, como a troca de presentes. Brinco com a Marília que sou assim por razões “sociológicas”, mas ela não aceita minhas explicações. Me sinto sem jeito e sem competência pessoal para pequenos gestos de amor. Sou de uma família muito numerosa de nove pessoas, sendo sete filhos e nossos pais. Eu e meus irmãos tivemos uma infância e parte da adolescência com muitas carências, pois todos viviam, quando meu pai era sitiante, de uma pequena produção de leite e de café. Quando mudamos para Belo Horizonte meu pai montou uma pequena mercearia, no Padre Eustáquio, que também gerava uma renda pequena para manter muita gente. Não tenho a vivência de outras famílias onde as pessoas tiveram um pouco mais de conforto. Não vivi as experiências de comemorar aniversários, fazer festas nos dias dos pais, das mães. Não aprendi a dar e receber presentes na minha infância e parte de minha adolescência porque, sendo de uma família muito numerosa e de baixa renda, as prioridades eram a alimentação, a moradia e outras coisas básicas. Minha família – meus pais e meus irmãos – para vencer as dificuldades teve que criar uma identidade mais coletiva, de jogar coletivamente como um time de futebol. Não me lembro de pequenos gestos de amor em minha família, só de grandes gestos de amor, como a mudança para a cidade para garantir a educação; os cuidados do meu pai com minha mãe no final da vida dela; os inesquecíveis almoços de domingo, com as partidas de “buraco” ao final do dia; a paixão pelo Botafogo. Meus irmãos e meus sobrinhos (dos quais eu gosto demais, pelo inacreditável carisma e bondade que eles têm) viajam em bando por Minas e pelo Brasil numa demonstração de união e amizade raras nos dias de hoje. Presentes simbólicos são dados, ou melhor “tomados”, na brincadeira de Natal, o “desapega”, que eu adoro.

Já Marília me dá presentes o ano inteiro, especialmente roupas e sapatos. Ela compra meus presentes em uma determinada loja, que tem roupas que parecem que “foram feitas para mim”.

Ela não erra nunca. Sapatos também são comprados em uma mesma loja e sempre me agradam. Ela não fala mas a preocupação dela é me dar roupas bonitas e modernizar o meu visual. Durante 62 anos usei sapatos sociais. Tênis, única e exclusivamente, para exercício físicos. Marília sempre defendeu que eu fosse mais informal e moderno e que passasse a usar, socialmente, tênis e sapatênis, shorts e camisas de malha. Certo dia, fui com ela em um Shopping e ela e a Natália foram ver as lojas e eu fiquei sentado em um banco esperando-as. Era um sábado à noite e eu, sem querer, comecei a prestar a atenção nos homens que circulavam pelo local, e, para minha surpresa, de uns 500 que passaram nenhum se trajava como eu, de calça e sapato social. Pensei comigo: a Marília está certa! Então me modernizei nas atividades sociais, com sapatênis, shorts e camisas de malha. Hoje, dou “bronca” nela e cobro porque ela não me convenceu antes a ser mais informal. (...) Marília é uma pessoa muito vaidosa, mas é austera na maioria das coisas (a exceção das roupas). Sendo uma pessoa de hábitos simples não é difícil agradá-la. Surpreendi ela no escritório dela pela janela, durante uma reunião virtual, com uma flor de manacá da serra e ela cheirou e flor e me olhou como há muito não via. Acho que estou mais preparado para agradá-la.

NA INFÂNCIA NÃO TINHA PRESENTES; BRINQUEDOS ERAM FABRICAÇÃO PRÓPRIA. Sem dinheiro para comprar brinquedos tínhamos que improvisar. Um dos meus brinquedos favoritos era “criar gado”, fazendo “bozinhos” e “vaquinhas” de jiló ou manga, não me lembro bem, que eram colocados em um curral feito de sabugo de milho.(...) Brincadeira também legal era de “queimada”, que era feita com uma bola feita de meia recheada de papel ou qualquer outra coisa, que era para ser acertada em outra criança à distância.(...) Bolas não lembro de ter uma mais cara e decente, pelo que me lembro as que eu ganhava eram de plástico e furavam rapidamente; jogava bola com os amigos mas era um péssimo jogador ao contrário dos meus irmãos que jogavam no time da cidade.(...) Brincava de esconde-esconde, e eu escondia e gritava “pute” não sei o sen-

tido desta palavra e de “carrinho de carretel”, uma geringonça feita de carretel, gominha de borracha, pauzinho de madeira e vela, que andava sozinha (pesquisei no google e está lá tudo sobre este brinquedo improvisado).(…) E um dos brinquedos favoritos era jogar “bolinha de gude” de vidro; fazíamos uma “meia lua” riscada no chão e colocávamos bolinhas nos traços e ganhava quem conseguisse tirar com uma bolinha outras bolinhas da meia lua.

Filosofia de criança sobre pássaros

Uma das minhas melhores lembranças da infância foi a minha primeira reflexão filosófica e ambientalista. Foi sobre a liberdade dos pássaros. Durante um período tive dois pássaros em gaiolas, feitas com galhos de madeira chamadas “embaúbas”, sendo um “canarinho chapinha” e um “coleiro ou papa capim”, que alimentavam com cangiquinha e capim marmelada; os dois comiam na minha mão. Achava os pássaros tristes e “amudados”. Firmei decisão de soltar os dois pássaros, meus amiguinhos diziam que, eu estava errado, porque “se os pássaros estivessem tristes elas não cantavam nas gaiolas”. Observava o canto dos pássaros na gaiola e achava o canto deles tristes em comparação com o canto dos pássaros soltos. Era um canto “engaiolado”. A prisão dos dois pássaros me levou à primeira “reflexão filosófica” em minha vida. Passei a defender a tese de que pássaros presos cantavam não era de alegria, mas porque “não sabiam chorar”. Com base nesta “reflexão filosófica” soltei meu dois pássaros. Elas voltaram algumas vezes na minha casa e depois sumiram no mundo. (...) Também nunca fui, felizmente, um bom “caçador” de pássaros. Minhas armadilhas para pegar passarinhos – arapuca e alçapão –, que eu confeccionava em casa, nunca funcionavam; os passarinhos comiam as comidas e iam embora sem que os instrumentos desarmassem e os pegassem.(...) Para cassar pássaros fazia “atiradeira”, também conhecidas como “estilingue” e “botoque”, usando a madeira de um galho de árvores em V, com duas tiras finas de borracha de câmara de ar de pneus de carro; pois bem nunca acertei um

pássaro sequer com as pedras que atirei, a única coisa que eu conseguia era espantá-los das copas das árvores.(...) Considero uma violência a prisão e pássaros silvestres. Se para os seres humanos, que não voam, a prisão já é insuportável; ver um pássaro, que voa nas alturas, engaiolado pulando nos poleiros e de lado nas laterais da gaiola é muito triste.(...) Moro em casa, com quintal, com árvores e um pequeno pomar. É maravilha ver que pássaros transformaram meu quintal em morada e lugar de reprodução, como as “rolinhas”. Praticamente todos os dias recebo a visita dos “bem-te-vi”, que tomam banho mergulhando em uma pequena piscina que temos em casa. De vez em quando aparecem “sabiás”, que são extremamente ariscas, em minha casa. Só não conheço um pequeno pássaro de peito amarelo que aparece eventualmente.(...) Já tive em minha casa, vasilhas onde colocava água com açúcar para atrair os beija-flor, mas abandonei esta ideia porque isto não faz bem àqueles pássaros e o problema também é que atrai muitos morcegos durante à noite. Minha família e também eu morremos de medo de morcego.

A VIDA DE UM BEIJA FLOR. Quem mora em casa está acostumado com pássaros “perdidos” no interior de nossas casas e com morcegos. Pombas e rolinhas são os “visitantes” mais comuns aqui em casa e também no meu escritório. Mandar embora estes visitantes é fácil porque eles voam baixo e acabam achando a porta ou a janela de saída. Invasão de morcegos eu considero aterrorizante, e, neste caso, coloco um lençol na cabeça para colocá-los para fora. Aconteceu o que nunca vi antes: um beija flor “se perdeu” na sala de nossa casa e não voava baixo, ficava todo o tempo voando alto e batendo no teto de gesso. Fizemos uma mobilização familiar eu, a Marília, o Pedro e o Vinicius para retirar o pequeno pássaro de dentro de casa. Tentamos de tudo: peneira de piscina, escada, lençol. Aí tive uma ideia perigosa e tomei um tombo terrível. Quando o beija flor pousava de costas no detalhe do gesso, eu subia na cadeira, sem ele me ver, e tentava pegá-lo com as mãos, mas ele fugia. Na terceira tentativa, a cadeira quebrou e eu tomei um tombo

horrível e quase bati com a cabeça na mesa. Felizmente nada aconteceu de grave, mas o joelho ficou muito inchado e doeu muito.(...) Com o tombo desisti de tentar salvar o beija flor, mas passei a tarde no quintal porque não conseguia ficar na sala vendo o desespero do pequeno pássaro. Já considerava que o beija flor não seria tirado da sala e eu planejei só voltar a sala quando o pássaro morresse. No final do dia, voltei para dentro de casa, a sala estava escura, com o início da noite as cortinas fechadas, e aí vi, para minha surpresa, o beija flor na madeira da cortina quietinho e dormindo. Custei a acreditar. Peguei o banquinho na cozinha, me aproximei do beija flor e o peguei. Feliz, mostrei o beija flor para todos e todas, fui para o quintal e o soltei. Como já estava escuro, mas tinha ainda algum clarão, vi o beija flor subindo e desaparecer na cidade. Esta cena já virou um folclore familiar e vamos nos lembrar dela para sempre.

Crônica de cachorro

Desde que moramos em uma casa, há 22 anos, já tivemos cinco cachorros e cachorras: Dunga, Lili, Chuck, Bela e Xena. Cachorros(as) dão muitas alegrias, mas, como todas as coisas da vida, também dão muitas tristezas, como doenças, acidentes e mortes. Nos últimos anos, foram mais tristezas do que alegrias com cachorros em nossa casa. Depois de um longo “luto” pela causa animal concordei novamente em ter um novo cachorro em nossa casa. É a “Skye”, nome dado pela nossa neta Marina, a “Nina”, inspirado em um desenho preferido dela: “Patrulha Canina”. Uma pequena alegria em meio a tanta tristeza na pandemia. (...) Fazem dois anos, que decidi que nunca mais, se dependesse de minha vontade, teria um cachorro(a) em nossa casa. Eu tinha 100% de certeza disso. Em todo este período, Marília utilizou de toda a sua capacidade de negociação para me convencer a mudar de posição. Em todo este período, quando assistíamos um filme, um programa de TV ou um vídeo na internet, quando aparecia um cachorro ela imitava o “choro de um cachorrinho” e me falava: “Eu quero uma cachorrinha!”, “Me dá um cachorrinho!”. Eu olhei na internet para ver se tinha uma forma de expressar, na linguagem escrita, o “choro” dos cachorros para mostrar para vocês o apelo “dramático” da Marília. (...) O certo é que o “choro” dela, uma coisa ridícula e emocionante, sempre me deixou desconcertado. Eu, para responder ao “choro” dela, fazia também um gesto ridículo: eu imitava o “latido” e dizia para ela: “Você não precisa, você já tem um cachorrinho!”. Cachorros são bichos muito apaixonantes de fato, que levam seus donos e pretendentes a dono a fazerem coisas muito exóticas. Marília, todos sabemos, desafia as impossibilidades. O que sempre me impressionou é que Marília, mesmo eu tendo 100% de certeza contra arrumar um bichinho, ela nunca desistiu. Continuava “chorando” de forma interminável para ter um bichinho. (...) Depois de longas negociações, enfim cedi aos apelos da Marília e decidi dar a ela uma cachorrinha. Ela

me fez uma proposta “irrecusável” e eu “dei os braços a torcer” e dei a ela a Skye. Tomamos a principal providência para tê-la em nossa casa e cercamos a piscina, que foi onde perdemos nossa última cachorrinha. Tenho brincado com a Marília que minha preocupação é que ela dê atenção demais para a “Skye” e me deixe um pouco “de lado”. Recentemente, perguntei a ela, de zero a 10, qual a nota da cachorra, ela deu 10; e, para mim, a nota foi 8,9. Fiquei com ciúme! (...) Passados alguns meses, a esperta Skye ganhou os corações de toda a família. Eu estou adorando ela; o Vinicius faz brincadeiras radicais, que a cachorra adora; a Silvia se rendeu aos encantos da Skye e agora a pega no colo; a Nina se emociona com a cachorra através nos contatos diários que fazemos pelas mídias sociais; e a Marília está tendo uma “overdose de amor” da Skye, que não desgruda dela quando chega do trabalho. (...) Levamos um susto porque a Skye fugiu de nossa casa; pelas câmeras pudemos ver ela saindo quase deitada e de fininho para a rua. Marília e todos nós fizemos uma ampla divulgação nas redes sociais, e, felizmente, ela foi encontrada no mesmo dia; ela estava com uma vizinha que a encontrou na rua e cuidou muito bem dela.

Nossos três primeiros cachorros eram um de cada filho: o Dunga, da Natália; a Lili, do Pedro e o Chuck, do Vinicius. Claro que cada um tinha o seu cachorro e eu, que trabalhava em casa, cuidava de todos eles. Dunga era sério e sisudo era o “cão de guarda” de nossa casa. Lembro dele, principalmente, porque nossa casa, quando Marília já era deputada, em 2003 e 2004, foi vandalizada durante seis a oito meses, por uma turma de desconhecidos que remetia ovos e frutas podres; o Dunga nos avisava dos ataques e nos mantinha alertas. A Lili tinha um olho amarronzado claro e era muito sensível; passava o dia deitada em meus pés no escritório e tinha depressão por parto. O Chuck tinha este nome por exigência do Vinicius em referência a uma série de TV de terror. Minha proposta e da Marília é que o cachorro se chamasse “Pingo”; cheguei a um acordo com o Vinicius de definir o nome por um sorteio; “manipulei” o sorteio e não teve jeito porque a escolha foi a que o Vinicius queria. O Chuck era muito egoísta, tomava frente

em tudo dos demais cães, destruía o nosso jardim (tivemos que colocar cerca de arames em todas os canteiros), mas gostávamos dele pelo seu jeito arrogante e rebelde. Ele causou uma enorme crise familiar em nossa casa. Minha sogra não tinha muito empatia com ele, cruzava o terreiro com a vassoura na mão para se defender dos avanços do cachorro. Sem paciência, ela deu um basta: “Ou eu ou o Chuck”. O Pedro não aceitou a escolha nestes termos, queria a Sílvia e o Chuck. Para encerrar a crise tive que contratar um adestrador de animais, pagando caro, para “amansar” o Chuck, mas ele acabou fracassando. Mas as coisas acabaram se acalmando em nossa casa.(...) De todos os cachorros e cachorras que tivemos a coisa mais inesquecível para mim era a recepção de manhã, eu era recebido com latidos e pulos nas minhas pernas. Inesquecível!

Quando Dunga morreu, minha filha, Natália, escreveu a seguinte crônica: “Eu não sei se, quando a gente escolhe o nome, a personalidade do cachorro se adapta, mas não poderia haver nome mais perfeito para esse cachorro. Dunga, o cachorro mais dengoso do mundo. Ele, que te esperava todo dia de manhã e sempre saía da casinha à noite para te dar um cheiro, mesmo se isso fosse às 4 da manhã. Ele, que adorava uma mexerica, e até chorava por uns gominhos. Ele, que quando a gente chegava de carro, pulava dentro e gostava de ficar lá uns minutinhos. Ele, que era o cachorro sábio. Enquanto o meu cachorro mais novo corria feito um idiota pela casa, o Dunga só observava. Eu acho que ele ria por dentro. No momento certo, ele jogava o outro no chão. Ele, que sempre tinha um olhar profundo, como se tivesse descoberto o segredo da vida. Ele não era um cachorro fútil. Ele, que chorava na grade do quarto, porque ele gostava de dormir na cama da gente. Ele, que era meio estúpido, e sempre tomava chuva e sempre estava com aquele cheiro nada gostoso de cachorro molhado. Mas fazer o que... Ele curtia uma chuva. Ele era querido, mas tão querido, e tinha um coração do tamanho do mundo. Infelizmente ele morreu. E levou um pedaço do meu coração com ele. Um pedaço grande. Vou sentir sua falta para sempre”.

Na pandemia, “descobri” os meus olhos

Emocionante! Na pandemia “descobri” os meus olhos. Durante a pandemia publiquei duas crônicas onde dizia que minhas sobrelhas acima dos olhos deixa meu semblante muito sério. Sobrelhas “acima”, “emendadas” nos olhos. Meus olhos, assim, quase não aparecem; não se vê em mim aquela pelinha que separa os olhos das sobrelhas, é tudo emendado. Reparo nas pessoas e quase nunca vi sobrelhas tão “coladas” nos olhos como as minhas; quase todas tem sobrelhas bem separadas dos olhos, o que deixa o semblante mais leve e suave. Brincando com meu filho, Vinicius, chegou a me fotografar “levantando” as sobrelhas, o que deixou meu semblante mais suave.(...) A minha amiga Poli Dias escreveu um primeiro comentário muito simpático e sensível: “Todos os seus textos tem me levado a refletir sobre a forma de ver a cidade, a política, a família. Hoje me fez pensar no futuro, no que vou escrever sobre meu relacionamento com a Karol Maia daqui 38 anos... sobre mudar hábitos depois de tanto tempo. Ao ler o texto, me gabei também sobre minha percepção, sua sobrelha não conseguiu me enganar”; num segundo comentário ela escreveu: “Amor Karol Maia, lembra que eu te falei que um dia um poeta iria me citar ??? Chegou o dia! O moço de carinha brava e coração mole, que através de suas crônicas tem feito eu mudar meus passos. O universo é muito maravilho né gente?! Tudo muito bem sincrozinado e movido pelas energias que emanamos. Estou grata”. “Moço de carinha brava e coração mole”, assim minha amiga Poli Dias “mata o moço” do coração de tanta emoção, pois me ajuda a superar um estigma de sempre, que

eu mesmo incorporei, de ser uma pessoa brava demais, e até uma “pessoa má” para algumas pessoas que me analisam pela aparência.(...) Pois bem, passado alguns dias de receber comentários tão sensíveis fui ao cabelereiro em Contagem, o Helinho Lessa, cortei o cabelo e, conversando sobre mídias sociais, ele me pediu para tirar uma foto minha com o cabelo cortado para colocar no Face e no Instagran. Vejo, então, na minha timeline, uma das fotos que ele tirou de mim. Pela primeira vez eu vi, de perto, uma foto dos meus olhos. Fiquei emocionado com a foto dos meus olhos e com o cabelo mais despojado que estou usando; a melhor foto de toda a minha vida. Um pequeno detalhe mudou a foto: sentado na cadeira tive que arregalar os olhos para cima um pouquinho para a câmera e aí meus olhos se abriram e se destacaram das sobrancelhas. (...) Na verdade uma das coisas, no meio deste sofrimento todo da pandemia, que mais me fascina, são os olhos das pessoas. A máscara tapa a boca, o nariz e grande parte do rosto, então temos que nos comunicar com os olhos. Mesmo nas pessoas que já conheço, até demais como a Marília, vejo os olhos delas como nunca os vi antes. Em relação às pessoas que não conheço então é fascinante, como no caso dos repórteres da Televisão. Sempre pergunto para a Marília: vejo os olhos e digo “que rosto tem por detrás daquela máscara?” Uma das cenas mais bonitas recentes foi de uma repórter da GloboNews, que só conhecíamos pelos olhos, tirar a máscara ao vivo. (...) Que a pandemia nos ensine, dentre muitas outras coisas, que a comunicação, a empatia, o amor acontecem principalmente é no “olho no olho”. Na política também o “olho no olho” é que faz a diferença. Cândido Mendes, um grande intelectual, descreveu magistralmente Lula: “O segredo de Lula está nesse olho no olho da sua gente e na capacidade desta de se reconhecer nele. É como se, com Lula, essa gente tivesse chagado ao Planalto na primeira grande – e talvez única – saga da nossa população”.

Casa ou apartamento?

Já morei, desde que mudei para Belo Horizonte e depois Congatem, em apartamentos e casas. Não quero mais voltar para apartamento. Temos uma casa grande, confortável mas sem nenhum luxo, onde moramos há 25 anos. Tem gente que depois que os filhos “voam” sentem desconforto com as casas grandes e vazias; eu curto lugares amplos, para receber inclusive nossos filhos quando eles dão uma “pousada” em nossas casas; temos em nossa casa ainda, mesmo nossos filhos morando longe, o “quarto da Natália”, o “quarto do Pedro”. A casa que moramos é um pouco a identidade histórica de nossa família. E nossa casa foi reconstruída respeitando padrões ambientais, como, por exemplo, a reserva de 25% do terreiro para área permeável e a plantação de uma árvore na calçada. Temos um quintal com muita grama, plantas e flores: ipê, exorais mini e grandes, orquídeas, azaleas, buganville, manacá da serra, antúrio e quero mais flores, principalmente aquelas que ficam floridas o ano inteiro. Temos um pequeno pomar; temos dois pés de jabuticabas que dão frutos três a quatro vezes por ano; um pé é na porta do meu escritório; temos acerola, que também dão safra e safrinhas diversas vezes ao ano, e temos em casa um “estoque regulador” no congelador; temos limão, com o qual fazemos deliciosas e saborosas limonada suíça; e plantamos, a pedido do Pedro, um pé de amora. Temos uma pequena piscina e uma churrasqueira. (...) Tenho portanto, em meu quintal muito espaço, ar fresco, sol, sombra, água, cadeiras de praia para relaxar, frutas, flores, pássaros, churrasco, cerveja. Tudo isso fez com que o longo isolamento na pandemia se tornasse menos sofrido; luto para que todas as pessoas tenham também direito à casa própria, com a volta de programas como o Minha Casa Minha Vida.

REFORMA DA CASA NÃO TERMINA NUNCA. E reforma de casa, todo mundo tem uma história para contar. A reforma de nossa casa, em 2005 foi surrealista. Marília tinha acabado de se eleger prefeita e decidimos fazer uma ampla reforma da casa. Reforma é assim: você sabe quando começa e nunca sabe quando termina. Fizemos tudo dentro da legalidade, com trabalhadores contratados com carteira assinada. A reforma, prevista para seis meses, durou um ano. Para viabilizar a reforma tomamos uma decisão equivocada: mudamos para um barracão do lado de nossa casa da nossa vizinha Cida; muitos móveis ficaram amontoados nos quartos, na garagem; além disso como foi um período de grande venda de minhas publicações tínhamos que estocar caixas e mais caixas de cartilhas. No barracão, Marília recebeu certa vez o presidente da Fiemg-Federação das Indústrias, que falou para a Marília: “Pelo amor de Deus Marília, você não pode morar assim”. Uma situação caótica, agravada com a crise do governo Lula e no primeiro ano de governo havia uma ampla desaprovação da Marília e o que corria nas bocas era que “esta mulher não faz nada”; e, eu, com a crise, vivi uma depressão “política” e emagreci 10 quilos. Desesperados com o atraso das obras, ansiosos com a casa reformada para que pudéssemos retomar uma certa normalidade de nossa vida, decidimos, então, fazer um “mutirão” para ajudar os pedreiros a terminarem o mais rápido possível a obra. Marília, prefeita, colocou a “mão na massa”. Em quase todos os finais de semana, eu e ela coávamos areia para adiantar o serviço para os pedreiros. Eu ficava com a peneira e ela com a pá colocava areia para eu coar. Eu e Marília, para surpresa total dos peões da obra, coamos diversos caminhões de areia. Inesquecível. E mais: convoquei uns três a quatro amigos para me ajudarem a furar o buraco da pequena piscina que construímos; durante um mês era mutirão todo final de semana e a terra foi utilizada para aterrar o quintal e para criar os “desníveis” que decidimos fazer. Foi uma loucura, mas no fim deu tudo certo: Lula se reelegeu em 2006 e Marília se reelegeu em 2008 e, nós ficamos felizes com nossa casa reformada.

Dirigir, dançar, nadar e cozinhar

Em um “planejamento” de final de ano, há alguns anos, fixei como “meta” aprender quatro coisas que não fiz ou não fiz direito como criança e depois de adulto: dirigir, dançar, nadar e cozinhar.(...) Compramos o nosso primeiro carro em 1996, um Gol vinho, que foi fundamental nas primeiras campanhas políticas da Marília para prefeita e deputada estadual. Mas eu nunca dirigi, Marília sempre foi a motorista da família. Compramos o nosso segundo carro mais recentemente, um Chevrolet Onix 2013, vermelho socialista. Então decidi entrar na aula para tirar carteira de motorista para, tardiamente, aprender a dirigir. Aprendi com rapidez e tirei carteira na segunda tentativa. Uma amiga minha demorou mais vezes, porque teve um “trauma” com o pessoal do Detran: na segunda vez em que tentou tirar a carteira, ela cumprimentou o avaliador com um “bom dia” e recebeu dele como resposta: “Será um bom dia mesmo para você?”. Voltando ao assunto: na verdade, não gosto de dirigir. Para a maioria das pessoas o carro é um sinônimo de “liberdade”; para mim, ao contrário é “opressão”, sinto desconfortável de ter que “carregar” aquele “trambolho” de 1.200 quilos. Gosto mesmo é de andar de carro e ir contemplando as cidades, as pessoas, e nas estradas não tiro os olhos da natureza. Acho que mesmo se tivesse persistido como motorista não teria em casa nenhuma “cobaia” para os meus experimentos e a própria Marília sempre me “encorajava”: “Com você eu não ando de carro”. Renovei a carteira de motorista duas vezes e na última vez dei vexame nos testes psicológicos e a médica ficou irritada comigo; era muito “complexo” para a minha inteligência e minha carteira ficou horrorosa, com minha cabeça branca em um fundo branco. (...) Meu planejamento de aprender a dan-

çar não aconteceu; Marília ficou animada mas não nos matriculamos em uma escola de dança. A única dança em que sou bom é no samba dançado individualmente. Aprendi há muitos anos na discoteca da Face, escola de economia da UFMG, na Rua Tamoios com Curitiba, em Belo Horizonte. Bebi duas cervejas, estava “leve” e vi uma amiga minha dançando o samba e, primeira vez, consegui concatenar os passos da dança. Nunca mais esqueci. Marília e Natália me apelidaram de “Coisinha de Jesus”, personagem que dança o samba com passos minúsculos e sem sair do lugar. Coisinha de Jesus era um personagem criado pelo Casseta & Planeta e interpretado por Marcelo Madureira. O nome é uma paródia do dançarino Carlinhos de Jesus (que já apareceu no programa dizendo que aprendeu a dançar com o Coisinha). Em toda festa dançante que eu vou aguardo ansiosamente o samba para dar meu “showzinho” à parte, desmentindo a gozação de que eu o “Coisinha de Jesus”. Tenho vontade de entrar numa aula de dança. É muito bonito e sensual a dança, algumas danças são mais que sensuais, são “indecentes”. Fica o convite: “Marília dança comigo?”. Acho tão poético a dança, que vou fazer para a Marília uma crônica para cada vez que eu dançar com ela. (...) Natação é um trauma desde criança. Minha mãe cuidava sozinha dos sete filhos e tinha um verdadeiro horror a rio; para que se tenha uma ideia, o Rio passava no fundo do nosso quintal e praticamente não íamos lá para nadar, pescar, para nada. Só me lembro do rio quando chovia, ele enchia o nosso quintal até pertinho de nossa casa. Corria muita notícia de afogamentos na cidade; uma lenda é que para aprender a nadar bastava comer um pequeno peixe vivo e sair nadando, coisa que eu nunca fiz. Pois bem, entrei na aula de natação, aprendi o básico, consigo nadar pequenas distâncias, consigo boiar na água, mas não aprendi a respirar, não consigo concatenar as braçadas com a respiração. Tenho planos de voltar a aula de natação para aprender de vez a nadar, para ter mais independência quando vou à praia, cachoeiras, etc. (...) Cozinhar é outro plano, antes tarde do que nunca. Temos em casa uma boa divisão do trabalho doméstica, inclu-

sive a Marília tem as tarefas dela, mas é uma divisão de tarefas onde mulheres cozinham, lavam e passam roupa e homens fazem uma série de outras tarefas, como faxina da casa, limpeza do quintal, etc. Não acho legal isto. Minha próxima meta agora será cozinhar, vou aprender com minha sogra, Silvia, e ao mesmo tempo conhecer melhor esta figura épica que é minha sogra. Penso comigo: não tem como ser poeta sem saber cozinhar. Cozinhar é um gesto de amor insubstituível!

A bandeira “Arco-Íris” tremula em minha casa!

Desde cedo nos meus estudos sobre os direitos sociais incorporei os direitos da população LGBTQIA+. Minha referência é uma mulher inesquecível: Marta Suplicy. Uma mulher da elite paulistana, que enfrentou a incompreensão de muitos e usou sua sensibilidade e humanidade na luta pela felicidade humana. Marta era para mim, com seus programas na TV, uma luz no meio da escuridão da repressão da sexualidade. Seu livro, “Conversando sobre sexo”, me ajudou a superar a minha ignorância que vinha desde a infância e juventude na roça e em uma pequena cidade do interior de Minas. No meu livro, “Manual dos direitos sociais da população”, de 1998, dediquei todo um capítulo ao projeto de parceria civil de pessoas do mesmo sexo. Registrei a fantástica justificativa do projeto de lei. Com a palavra a então deputada Marta Suplicy: “O projeto pretende fazer valer o direito à orientação sexual, hetero, bi ou homossexual, enquanto expressão dos direitos inerentes à pessoa humana. Se os indivíduos têm direito à busca da felicidade, por uma norma imposta pelo direito natural a todas as civilizações, não há porque continuar negando ou querendo desconhecer que muitas pessoas só são felizes se ligadas a outras pessoas do mesmo sexo. Longe de escândalos ou anomalias, é forçoso reconhecer que estas pessoas só buscam o respeito às uniões enquanto parceiros, respeito e consideração que lhes são devidos pela sociedade e pelo Estado”. Este projeto não tramitou e, com o tempo, acabou ficando superado com as decisões judiciais muito mais avançadas, mas fez parte da história da luta de

resistência da causa LGBTQIA+ no Brasil. Não consigo esquecer aquela loira pioneira e valente na luta pela liberdade de orientação sexual. Marta Suplicy: Eu te amo!

Pois bem, quando Marília foi eleita deputada estadual, em 2002, redigi para ela um projeto de lei que reconhecia a dependência homossexual, para fins de pensão por morte, na previdência dos servidores estaduais. O projeto nunca tramitou, mas transformou Marília numa das precursoras da causa homossexual no Parlamento mineiro. (...) Marília, com este projeto de lei, e enquanto candidata a prefeita de Contagem em 2004, sofreu um dos maiores ataques homofóbicos que já vi em minha vida. Em um folheto traiçoeiro e nojento, com tiragem de 500 mil exemplares, publicado um dia antes da eleição em primeiro turno e distribuído nas caixinhas de Correio de toda a cidade, o candidato tucano, puxou o gatilho daquilo que diziam ser a “bala de prata” contra Marília. Guardei o folheto, digitei seu texto e registrei para a história. (...) O folheto “Pouca vergonha! Safadeza!” dizia o seguinte: “Tramita na Assembleia Legislativa Mineira a maior agressão à família brasileira. Trata-se de um projeto de Lei Complementar 472/2003 de autoria da candidata do PT, Marília Campos, à Prefeitura de nossa cidade. Quer o projeto incluir o(a) companheiro(a) homossexual como dependente do seguro do Instituto de Previdência do Estado de Minas Gerais – IPSEMG. O que isso significa? O primeiro passo para a legalização do casamento gay, proibido no Brasil. Marília Campos quer o casamento do João com o João, da Marília com a Marília. Como ficará a família com esta anomalia? Agora, além da violência física, a candidata do PT está nos impondo a violência moral. A desagregação da sociedade. Homem beijando homem. Mulher casando com mulher. É a promiscuidade instalada. A pouca vergonha liberada. Como deputada é esta degeneração. O que acontecerá se ela chegar à Prefeita? Como você compactua com isto? Você vota em mulher? E mulher pervertida? E nossa Contagem, como fica? Qual será a fama da cidade?” (...) A ofensiva conservadora não deu certo e Marília Campos conquistou, de forma consagrada, seu primei-

ro mandato como prefeita. Contagem com a petista viveu um novo tempo de tolerância e respeito à diversidade. Foi criada a Secretaria de Direitos e Cidadania; foram iniciadas em 2005 as marchas LGBT, que passaram a acontecer anualmente; foi aprovada a lei do “Dia da Parada do Orgulho LGBT; foram realizados ciclos de debate, Mostras da Diversidade e exposições fotográficas; adoção pela Secretaria de Educação do Programa Gênese – Gênero e Sexualidade.

Dando segmento aos meus estudos, publiquei, em 2010, pela Editora Fundação Abramo, do PT, o livro “Guia dos direitos sociais”, onde dediquei um capítulo mais amplo, ao “Brasil sem Homofobia”: princípio da não discriminação; dia do Orgulho LGBT (era assim o nome à época), o projeto de parceria civil registrada, previdência social, planos de saúde, direito à herança, partilha de bens, guarda ou adoção de crianças, cirurgia de transgenitalismo, legislações nos municípios e estados. Logo após a publicação do meu livro tivemos a decisão histórica do Supremo Tribunal Federal – STF legalizando o casamento de pessoas do mesmo sexo além de outras conquistas nos anos seguintes. Quando Marília voltou a ocupar o cargo de deputada estadual, em 2015, participei do processo de construção de uma ampla agenda legislativa e de projetos de lei em defesa da população LGBTQIA+: nome social para travestis e transexuais; Conselho Estadual LGBTQIA+; dependência homossexual na previdência e na saúde do governo do Estado; licença adotante para mulheres e homens homossexuais. Mais uma vez estes projetos não tramitaram no Parlamento mineiro. (...) Mais uma vez Marília, agora nas eleições de 2020, sofreu ataques violentos na campanha eleitoral para a Prefeitura; panfletos com fotos da petista no meio da Marcha LGBTQIA+ foram distribuídos nas portas das Igrejas. Felizmente, as baixarias não surtiram efeito e Marília foi eleita, pela terceira vez, prefeita de Contagem.

Uma coisa que impressiona é como Marília, com uma pauta de forte compromisso com a população LGBTQIA+, manteve um grande diálogo de Marília com a comunidade evangélica. Na

eleição, no segundo turno de 2020, a petista teve o apoio de muitas igrejas evangélicas de nossa cidade. No governo este diálogo continuou em torno de medidas de combate à covid-19 e de assistência social. Marília foi uma das precursoras em Minas Gerais de grandes iniciativas no plano institucional de adoção de propostas e políticas de igualdade, em relação às mulheres, negros e negras e população LGBTQIA+. Por que isto não a estreitou politicamente junto à comunidade evangélica? São diversas as hipóteses para explicar esta situação: a) a petista sempre defendeu a combinação das políticas de igualdade, muito centradas ainda em segmentos da classe média, com a defesa dos direitos sociais universais de toda a sociedade, o que tornou possível uma interlocução com segmentos mais pobres da população onde a presença evangélica é muito expressiva; b) dentre as bandeiras das políticas de igualdade, foram dado destaque aquelas de maior consenso social, como no caso da luta contra as violências contra as mulheres; c) Marília sempre travou a luta pelas políticas de igualdade sem estabelecer rupturas com segmentos mais conservadores em termos de valores, ou seja, priorizou a defesa do estado laico, mas com um profundo respeito aos valores morais e familiares dos evangélicos vivenciados na vida privada; d) Marília convive na sua família com pessoas evangélicas; sua mãe, Sílvia, é evangélica, dois de nossos filhos foram evangélicos quando adolescentes, por cinco a seis anos, o que desenvolveu um aprendizado de convívio familiar plural em termos religiosos; e) Marília é de uma “família tradicional”, é casada há 38 anos e tem três filhos, o que fortalece e amplia a defesa de todas as formas de família.(...) Mas uma dos principais mérito da Marília foi fugir a uma polarização simplista de família tradicional versus família de pessoas do mesmo sexo, ao defender o “conceito ampliado” de família. Em um banners divulgado na pré-campanha de 2020, foi feita uma defesa deste conceito: “Marília é de uma família tradicional, mas respeita e defende a proteção para todas as famílias. Marília é de uma ‘família tradicional’, é casada com o economista José Prata há 37 anos e tem três filhos. Mas ela

defende a proteção a todas as famílias. O Brasil tem 57 milhões de lares. As famílias tradicionais, formadas por homem, mulher e filhos, são 23,355 milhões, 41% do total; as outras famílias são 33,645 milhões (59% do total). São muitas as outras famílias: casais sem filhos; homens com filhos; mulheres com filhos; famílias com pessoas do mesmo sexo; casais com filhos e outro parente; mulher com filho e outro parente; homem com filho e outro parente; casais sem filhos e outro parente; casal com filhos com não parentes; mulher com filhos com não parentes; casais sem filhos com não parentes; homem com filhos com não parentes. Onde existe amor, tem família. Qual família é a sua?”. Foram maravilhosos os comentários de resposta à nossa pergunta; pessoas se reconhecendo nas mais variadas formas de família.

Sempre defendi o respeito e os direitos da população LGBTQIA+ por razões político sociais. Mas também porque em minha casa tremula a bandeira “Arco-Íris”.

O líder que “fez” a minha cabeça

Fausto Drumondo, ex-presidente do Sindicato dos Bancários de Belo Horizonte, assim como Olivio Dutra e Pepe Mujica, me ensinaram a beleza e a leveza de uma vida simples e sem privilégios; com Fausto Drumond aprendi que o socialismo, mais que um projeto de sociedade, é uma forma de vida.(...) Quando fundamos a CUT e o PT, demarcamos duramente com o trabalhismo e com os Partidos Comunistas; nos considerávamos a única esquerda que existia no Brasil. De fato aconteceu no Brasil, com a ditadura militar, um corte histórico entre as lideranças de esquerda de antes e de depois de 1964. Com a democratização surgiram a CUT e o PT, dos quais fui um dos fundadores. Minha geração foi muito arrogante ao menosprezar muitas das experiências positivas da esquerda pré-1964 e de seus dirigentes, a exemplo da luta histórica do “Petróleo é nosso”, que culminou com a criação da Petrobras. Ferimos profundamente o coração e a história das esquerdas e dos grandes líderes do passado, como do meu líder, Fausto Drumond, ex-presidente do Sindicato dos Bancários antes da ditadura militar. Lutei uns 10 anos junto aos velhos sindicalistas para superar as mágoas e ressentimentos com nossa geração. Nós, da CUT, tomamos posse no sindicato em 1987, e, na eleição de 1990, depois de três anos de muitas conversas, muitas vezes emocionadas, consegui trazer para a direção cutista o nosso Fausto Drumond, que eu apelidei carinhosamente de “Faustão”. Pesou muito meus estudos de Previdência, que estabeleceu vínculos muito fortes com os velhos companheiros. Para mim, mais que a defesa dos direitos sociais dos idosos, a luta dos aposentados era uma forma de resgatar o sentido histórico de nossa luta (...)

Dois episódios envolvendo Fausto me marcaram. O primeiro foi a constituição de um Departamento de Aposentados e de Previdência no Sindicato, que Fausto passou a coordenar; toda a direção cutista concordou com o novo departamento, mas eu, nas brincadeiras, era tido como o “Diretor de Geriatria” do Sindicato, o que mostra que a consciência previdenciária era incredivelmente inexistente. Particpei com Fausto do fortalecimento da Federação dos Aposentados – FAP, que liderou em 1992, em Minas Gerais, o “Movimento dos 147%”, pioneiro da luta pelo “Fora Collor”. Outro episódio que marcou minha vida foi a oposição frontal de Fausto à profissionalização da diretoria do Sindicato, que era uma proposta de pagamento do piso do Dieese para todos os diretores do Sindicato, através de uma complementação entre o salário do Banco e o piso do Dieese. Faustão enfrentou sozinho toda a diretoria do Sindicato, pregou que a saída para o arrocho dos diretores era a luta de toda a categoria, que, sendo vitoriosa, beneficiaria também todos os dirigentes. Nos rendemos aos argumentos do velho líder dos bancários. Este episódio marcou a minha vida, retomei a minha trajetória de vida, e passei a me colocar com um defensor incansável da luta por uma vida mais simples e com menos privilégios. Retomei minha história de vida, e abracei a beleza de uma vida simples, austera nos hábitos e sem privilégios. (...) Faustão, como outros dirigentes bancários, foi duramente perseguido pela ditadura, tendo ficado preso por quatro anos. Uma das principais acusações foi uma caixa de um mimeógrafo encontrada pela Polícia no Sindicato, que se dizia que era uma caixa de armas. Sobre a prisão ele me contou a seguinte história. Sendo casado com a irmã com colunista social de O Globo, Ibrahim Sued, que tinha estreita ligação dos militares, foi, através de uma “carteirada”, conseguido para ele a libertação da prisão. Fausto recusou e decidiu cumprir a pena junto com seus companheiros. Certo dia, o delegado não o liberou para o banho de sol e liberou seus colegas de cela, que aceitaram. Fausto, magoadíssimo, então nunca mais dirigiu a palavra aos seus companheiros durante todo o período que permane-

ceu na prisão.(...) Fausto Drumond fez parte de uma geração de grandes líderes sindicais mineiros, onde, para ficar apenas no caso dos bancários, se destacaram também o lendário Armando Ziller, João Vieira e Bujione. Infelizmente perdi o contato com estes líderes. Fausto Drumond eu fui visitar em 2013 e, chegando à porta do prédio, na Avenida Paraná com Tupinambás, em Belo Horizonte, o porteiro me informou que ele tinha morrido e nem pude me despedir do meu grande mestre. Armando Ziller, o líder mais reticente a perdoar a arrogância de minha geração, me procurou certa vez em um Congresso do PT no Mineirinho, me propôs um Encontro; fiquei muito feliz em tocar o coração do lendário líder, mas, infelizmente, ele morreu antes que nos encontrássemos.(...) Presto esta homenagem ao velho líder Fausto Drumond e a todos os homens e mulheres que lutaram no passado para legar-nos um mundo melhor. Muitos foram presos e perseguidos e não tiveram reconhecimento sequer das gerações mais jovens da esquerda da minha época. A esses companheiros e companheiras, expressando o sentimento de muitos dirigentes de minha geração, eu peço desculpas. São pessoas que merecem a consideração e o carinho pelas batalhas que travaram que, por vezes, custaram muitas lágrimas, sofrimentos e a própria vida.(...) Quem sabe alguns jovens deste nosso tempo não cometam o erro que cometemos no passado, quando éramos jovens, contra nossos velhos líderes. Como já disse no início deste post: é preciso resgatar o sentido histórico de nossas lutas.

Lula é indestrutível

Dediquei grande parte da minha vida, sobretudo nos últimos 20 anos, à defesa de Lula, não uma defesa personalista, mas ao que ele representa, historicamente, para a transformação política, econômica e social do Brasil. Escrevi livros, cartilhas e dezenas de artigos e banners ao longo deste período. Meu livro “Um retrato do Brasil – Um balanço do governo Lula”, de 2006, foi considerado pelo ex-ministro Luiz Dulci como “o melhor livro” do primeiro governo Lula; nele, logo na apresentação, indiquei a polarização da eleição e 2006, a concepção de Estado, e a defesa das estatais. Publiquei outro livro “O Brasil de Lula e o de FHC – Um roteiro comparativo para a disputa política-eleitoral plebiscitária de 2010”, em 2010, com um balanço dos dois primeiros governos Lula. No ano de 2014 publiquei 27 artigos mais densos numa coleção que dei o nome de “Brasil 1994/2014”, que publiquei no site da então deputada Marília Campos. Mais recentemente, publiquei também pelo Mandato da Marília uma cartilha sobre a trajetória pessoal de Lula e uma cartilha sobre os 13 anos de governos de esquerda no Brasil, de 2003 a 2015. Valeu a pena este esforço que fiz em defesa de Lula, a maior liderança popular da história brasileira, que colocou a questão social e a democracia no topo das prioridades nacionais; a democracia social.

As melhores análises sobre a liderança de Lula foram feitas por intelectuais que não são filiados ao PT. Cândido Mendes disse que Lula representa a primeira grande saga de nossa população: “A grande realidade política hoje do país é o que se chamaria esta ‘subversiva’ popularidade do presidente. É um laço de identidade absolutamente inovador que liga a liderança do presidente a seu apoio, hoje, a saltar inclusive da nucleação do país destituído que chegou com ele ao Planalto. Enganam-se também os que querem atribuir este sucesso a um carisma do presidente. O impacto de Lula nada tem a ver com uma adesão

irracional ou, com a delegação irrestrita de mando a um Messias ou a um enviado, como protagonizou o país, por exemplo, na eleição de Collor”. O sociólogo completa: “Trata-se de um fenômeno de um inconsciente coletivo que alguns tolos confundem com um irracional. O segredo de Lula está nesse olho no olho da sua gente e na capacidade sempre de se reconhecer tal como chegou ao Planalto na primeira grande – e talvez única – saga da nossa população”.

Maria Rita Kehl disse que “o crime de Lula foi abalar o conformismo frente à desigualdade”: “Os que condenam o presidente Lula sabem muito bem que ele não é corrupto. O crime imperdoável que ele cometeu foi abalar de uma vez por todas o conformismo da sociedade brasileira frente à miséria, à desigualdade, às injustiças sociais. Seus oito anos de governo não foram suficientes para erradicar essas três doenças sociais com as quais o povo brasileiro tinha se acostumado a conviver, quase conformado. Mas evidenciaram a falta de vontade política, a falta de coragem e de senso de justiça social características de todos os governos anteriores.” (...) “Os que condenam o presidente Lula não perdoam a maré de esperança e de engajamento, mobilizada durante seus dois mandatos. A condenação injusta do presidente Lula nos confronta com a mais grave forma de miséria que vitima a sociedade brasileira: a miséria da falta de sensibilidade, de solidariedade e de generosidade das nossas elites”. (...) Mas mais que “abalar o conformismo” com a miséria (a resignação de que somos pobres porque “Deus quer”), Lula cometeu o “crime” de construir uma base social para um projeto de governo, um feito político extraordinário nas palavras do historiador Luís Felipe de Alencastro: “Lula transformou a maioria social em maioria política”.

Wanderley Guilherme dos Santos é outro intelectual que compreendeu em profundamente o fenômeno Lula. Ele disse, certa vez, que era Lula o verdadeiro “pai dos pobres” porque foi o petista que levou proteção social e direitos sociais para os trabalhadores para além do mercado formal de trabalho, como é

o caso do programa Bolsa Família e outros programas. Getúlio Vargas introduziu muitos direitos sociais no Brasil, mas, de fato, foram direitos importantes mas fortemente vinculados ao mundo do trabalho: direitos trabalhistas, previdência, e saúde. Lula, na verdade, seguiu os passos da Constituição de 1988, que implantou o nosso Estado Social: direitos trabalhistas, saúde universal, previdência com grande cobertura, assistência social como política pública e educação pública ampla.(...) Em um artigo, Wanderley disse que destruir Lula seria silenciar a voz dos pobres e dos oprimidos: “O ex-presidente é um dos mais importantes recursos políticos dos miseráveis deste País, líder de governos capazes de provocar justamente esse ódio amparado em toga. Destruí-lo, seria uma derrota imensurável para os pobres e humilhados; destruí-lo injustamente, aproveitando os privilégios de classe e corporação, é inaceitável. Se for comprovada a precipitação e o infundado da coação ao ex-presidente, o insulto não poderá passar em branco. Juízes e procuradores deverão pagar pela ameaça em que se constituíram aos pobres do Brasil. Pedidos de desculpa serão insuficientes. Hora de preparação para o que estão pedindo. No grito, não mais”. (...) E Wanderley fez um prognóstico impressionante: “O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva é indestrutível. A direita e a esquerda de nariz torcido evitam reconhecer que a indestrutibilidade de Lula não é propaganda partidária, mas fenômeno sociológico”. E Wanderley previu um triste fim para os falsos moralistas da Operação Lava Jato: “Lula, o intérprete dos desassistidos, entrará pra a história; já os reacionários não terão memória, não terão registro; serão abolidos”.

Bolsonaro agora tem adversário: Lula. O Brasil vive uma dramática crise sanitária e também, como consequência, uma profunda crise econômica. Mas a saída para estas duas crises é política. Não deixa, portanto, de ser um enorme alívio a volta de Lula à cena política. Bolsonaro agora tem adversário. A anulação dos processos contra Lula e o discurso épico do petista mexeram com o Brasil. Lula não opõe saúde à economia, enfrenta Bolsonaro nas duas frentes. Suas palavras no discurso de

São Bernardo são inesquecíveis: “Então, se tem um brasileiro que tem razão de ter muitas e profundas mágoas, sou eu. Mas não tenho. Sinceramente, eu não tenho porque o sofrimento que o povo brasileiro está passando, o sofrimento que as pessoas pobres estão passando neste país é infinitamente maior do que qualquer crime que cometeram contra mim. É maior do que cada dor que eu sentia quando estava preso na Polícia Federal. (...) Porque não tem dor maior para um homem e mulher em qualquer país do mundo do que levantar de manhã, e não ter a certeza de um café e um pãozinho com manteiga pra tomar. Não tem dor maior para um ser humano do que ele chegar na hora do almoço, e não ter um prato de feijão com farinha para dar pro seu filho. Não tem nada pior do que o cidadão saber que ele está desempregado, e que, no final do mês, ele não vai ter o salário para sustentar a sua família. (...) É essa dor que a sociedade brasileira está sentindo agora que me faz dizer pra vocês: a dor que eu sinto não é nada, diante da dor que sofre milhões e milhões de pessoas. (...) É muito menor que a dor que sofrem quase 270 mil pessoas que viram seus entes queridos morrerem. Seus pais, seus avós, sua mãe, sua mulher, seu marido, seu filho, seu neto, e sequer puderam se despedir dessa gente na hora que nós sempre consideramos sagrada: a última visita e o último olhar na cara das pessoas que a gente ama. (...) E muito mais gente está sofrendo. E por isso eu quero prestar a minha solidariedade às vítimas do coronavírus. Aos familiares das vítimas do coronavírus. Ao pessoal da área da saúde, sobretudo. De toda a saúde, privada e pública”.

Tortura psicológica, sofrimento e alívio

Os anos de 2005 e 2006 marcaram minha vida. Tive uma depressão, emagreci 10 quilos. Vivi uma situação de tortura psicológica patrocinada pela grande mídia, que quase derrubou o presidente Lula. Em Contagem, Marília recém eleita prefeita em 2004, encarou uma situação difícil de reconstrução da cidade, e viralizou pela cidade a avaliação: “Esta mulher não faz nada”. Pensava comigo: se Lula for derrubado e nosso projeto naufragar em Contagem seria a luta de uma vida toda que “não teria valido para nada”. (...) A ofensiva golpista da grande mídia, especialmente da Rede Globo, transformou meu dia a dia num suplício. Trabalhava no escritório em minha residência e convivía diariamente com o linchamento político da mídia. Acordava de manhã, com o barulho dos jornais sendo jogado na nossa casa; e já um prenúncio de manchetes bombásticas contra Lula. No café da manhã, ao lado de minha mulher, líamos com enorme tristeza os quatro jornais diários que recebíamos. Ao longo do dia, a tortura era o noticiário em tempo real pela internet e as sessões das CPIs comandadas pela oposição liberal conservadora. O justo descanso do final do dia era duramente perturbado pelo noticiário noturno, que repercutia a ofensiva diária do PFL e PSDB. Nas sextas feiras começava o terrorismo das revistas semanais, com as prometidas bombas que arrasavam todos os meus finais de semana. (...) Esta tortura psicológica repercutiu fortemente, como não poderia deixar de ser, na minha saúde. Nos dois primeiros meses da crise do governo Lula já levantava sem apetite. No almoço me alimentava pouco e, muitas vezes, nos dias de maior linchamento político, a comida literalmente “não descia”. Não sei porque mas me dava um nojo de carne. Passava nestes dias somente à base de leite, pão e frutas. Como sou hipertenso, a agitação da crise política prejudicou muito o meu trabalho e meu

sono – quase sempre minhas noites eram mal dormidas. Resultado disso foi o descontrole da pressão. Num certo momento, para não ter um infarto, tive que me isolar um pouco da realidade. Passei a não ler mais os jornais diários nem assistir às sessões da CPI. Wanderley Guilherme dos Santos, nosso maior cientista político, disse que fomos submetidos pelo jornalismo-OBAN “a um estado de sítio psicológico como são capazes os mais competentes torturadores terroristas”; a OBAN foi o temido centro de repressão e tortura de presos políticos em São Paulo na ditadura militar. Wanderley se transformou, no meio intelectual, na mais importante referência de luta contra o golpe midiático: “A imprensa tem que fiscalizar, tomar conta, sim. Desestabilizar não. A estabilidade não pode depender de militar, nem da Igreja nem da imprensa” (Carta Capital, julho de 2005).

PREVISÕES GENIAIS DE CÂNDIDO MENDES. Sobrevivi à tortura psicológica. O “remédio” que me curou, me retirou da crise e restabeleceu minha tranquilidade foi um pequeno artigo do sociólogo Cândido Mendes, um dos fundadores do PSDB, que se aproximou de Lula, divulgado na Folha S.Paulo, no auge da crise, em julho de 2005: “Lula depois de Lula”. Simplesmente espetacular! Em contraposição à previsão da direita de que o Brasil “ficaria livre desta raça por 30 anos”, até mesmo do enorme pessimismo da maioria da esquerda, Cândido Mendes tinha certeza da continuidade do governo Lula. Para Mendes, com Lula foi todo um inconsciente coletivo que chegou ao poder: “O Brasil de salão continua a considerar os vaticínios sobre a opinião pública como seu animal de estimação. Só que não internalizamos a profunda diferença, hoje, de apoio do dito povo ao presidente. Foi todo um novo inconsciente coletivo que chegou ao poder, atarantado até pelo seu êxito, no espetáculo da tomada de posse no Planalto em 2003”.(...)Impressionante: Cândido Mendes disse que direita e a esquerda (o situacionismo e o oposicionismo tradicionais) subestimavam a reeleição de Lula porque olhavam o Brasil com os olhos do passado: “Por mais que o velho moralismo se alevante e volte à água de barrela das comissões de inquérito, um próximo pleito será visto por esse Brasil de fundo como as

tentativas de desmonte e de forra do país apeado do poder nas últimas eleições. Tal como essa contabilidade de classes e seus votos das previsões políticas tradicionais não põem a nu todo o peso real de voto para o novo pleito. Isso porque, após o acesso simbólico dos excluídos ao poder, deparamos o quanto a consciência desse fato desbarata os jogos do situacionismo e oposicionismo tradicionais. Um vetor novo da coisa pública rompe a ronda da representação de interesses só compatíveis com o país oligárquico. A avalanche de Lula –essa que mantém íntegra a sua base e reeleição– nasceu da percepção da vitória diferente e se nutre dessa primeira fruição, independentemente dos resultados do governo”. (...) Cândido Mendes disse que a força de Lula não derivava do carisma, mas de uma “identificação primária” com o povo: “Não funciona a lógica das predições da queda da legitimação tradicional, para a do desgarrar da base social de um governo, nessas condições tão específicas de acesso de Lula à Presidência. O país de agora não incorporou, ainda, a expectativa e a paciência do voto nascido desse inconsciente coletivo que transborda das representações clássicas ou de suas crises de legitimidade. O que lhe importa é a identificação primária com o presidente no Planalto, e que lá está por sua vontade. Sua decepção não é a dos desgostos de ocasião dos velhos donos do poder”. (...) Quem quiser entender o fenômeno Lula terá que compreender melhor este diagnóstico genial de Cândido Mendes. Nunca vi em toda a minha militância histórica na esquerda previsões tão geniais. Interpretar grandes acontecimentos a posteriori já é muito difícil, interpretá-los a priori, no calor dos acontecimentos, com o grau de acerto deste velho sociólogo eu nunca vi na minha vida. O artigo de Cândido Mendes virou para mim uma espécie de “anti-depressivo”. Nos momentos de angústia, incerteza, depressão – e eles foram muitos –, eu sempre relia o artigo do velho sociólogo. Com certeza devo tê-lo lido mais de 200 vezes, de manhã para começar bem o dia, mais tarde para me manter convicto e à noite para dormir mais tranquilo. Lia, sempre de forma emocionada, e muitas vezes aos prantos. Histórico!

ALÍVIO COM A VITÓRIA DE LULA. Desde que estourou a crise política em junho de 2005 e a ofensiva da oposição liberal-conservadora, coloquei como meta de vida um esforço pessoal, ainda que modesto numa disputa nacional, para que a esquerda e o governo Lula superassem as dificuldades e dessem a “volta por cima”. Eu pressentia que aquela disputa política, para o bem ou para o mal, repercutiria no resto de minha vida. Lancei quatro exemplares do boletim que editava à época, o BIS, em cadernos mais densos para formar e preparar a militância para os grandes embates das eleições de 2006. O caderno de 100 páginas, “O Brasil que queremos”, teve grande tiragem de 15 mil exemplares somente em Minas Gerais. No ano de 2006 lancei pela Editora Fundação Perseu Abramo do PT, o livro “Um retrato do Brasil – Balanço do governo Lula”, livro considerado pelo ex-ministro Luís Dulci, a “melhor publicação sobre o governo Lula”.(...) Pelos meus estudos, as denúncias de corrupção no governo Lula, na verdade tinha como pano de fundo a defesa de uma nova concepção de Estado, ou seja, para os liberais o Brasil deveria abandonar de vez o “Estado social e desenvolvimentista” e adotar o “Estado liberal ou até mesmo ultraliberal”. Quem era um dos principais cronistas do jornal O Globo à época? Ele mesmo: Paulo Guedes, que passou a escrever também na revista Época. Paulo Guedes sempre foi ultraliberal, mas sem “papas na língua”, escreveu um artigo no O Globo, em 13/06/2006: “A corrupção é apenas a face oculta do modelo estatista. A mãe de todos os corruptos é o excesso de gastos do Estado”.(...) O meu livro “Um retrato do Brasil” partia do pressuposto então que o debate não era sobre corrupção, mas sobre concepção de Estado. Logo no início do primeiro capítulo escrevi: “A concepção de Estado é questão mais importante que estará em disputa nas eleições de 2006”. No primeiro turno, o tucano Geraldo Alckmin encostou em Lula com 41,64% dos votos contra 48,61% do petista; no segundo turno, numa eleição polarizada em torno da concepção de Estado, em particular das estatais, aconteceu algo histórico: Geraldo Alckmin perdeu 2,4 milhões de votos e recuou para 39,17% e Lula avançou 12 milhões de votos e foi a 60,83%. Depois de um longo sofrimento e muita luta: o alívio da vitória!

Lula: “Nunca antes na história deste País”?

Não gosto desta frase, que se tornou uma das “marcas” do presidente Lula. Reconheço que ela foi pronunciada inicialmente nas disputas de 2005 e 2006 quando a ordem da elite era “destruir” o operário “atrevido” que, saindo do Nordeste pobre, ousou governar o Brasil. Então para tirar um “sarro” da oposição Lula falou: “Nunca antes na história deste país”. Em um vídeo sobre isso o presidente explicou: “Não estamos descobrindo o Brasil. Apenas estamos fazendo o que outros governos não fizeram. E quando os outros não fizeram o que a gente fez, a gente diz: nunca antes na história deste país”. Uma nação é fruto da construção histórica de seu povo e de seus governos. Nunca antes na história deste país, queira ou não, deixa a entender que a história de melhoria para o povo brasileiro está começando com o PT e acaba fortalecendo um “patriotismo de partido” que eu não gosto. Se é importante ressaltar “o que outros governos não fizeram” é igualmente importante ressaltar “o que outros governos fizeram e que nós demos continuidade”. Então o mais importante é estabelecer vínculos históricos com o que foi feito no passado no Brasil. E nós temos três pactos progressistas na história brasileira, liderados por Getúlio Vargas, Ulysses Guimarães, e Lula. E temos que reconhecer até mesmo em governo de centro direita alguns avanços, como o Plano Real do PSDB, sobretudo naquilo que ele conseguiu acabar com a hiperinflação no Brasil.

O Brasil teve ao longo de sua história três grandes pactos progressistas: o de Getúlio Vargas, que criou a legislação trabalhista

ta e as leis de previdência, industrializou o Brasil e transformou o Brasil em um país mais soberano, com a criação da Petrobras, Vale do Rio Doce, Companhia Siderúrgica Nacional – CSN e do BNDES. O segundo grande pacto progressista foi liderado pelo PMDB de Ulisses Guimarães, que, ao final das lutas pelo fim da ditadura militar, coordenou o movimento que resultou na Constituição Cidadã de 1988, que avançou as bases do Estado Social brasileiro, com a criação do Sistema Único de Saúde – SUS; ampliou os direitos previdenciários; transformou a assistência em política pública; ampliou e constitucionalizou muitos direitos trabalhistas; criou leis de proteção ao trabalho, como o seguro-desemprego e avançou muitas outras conquistas sociais e democráticas. O terceiro grande pacto progressista do Brasil foi de Lula e no primeiro governo Dilma, marcado por enorme inclusão social, com a criação de 20 milhões de empregos de carteira assinada; reajuste real do salário mínimo, acima da inflação, de 76%; criação de grandes programas sociais como o Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida; avanços enormes na educação, da “creche ao pós graduação”, como são os exemplos do ProUni, cotas, escolas infantis; descoberta e regulamentação do pre-sal; constituição de reservas internacionais de US\$ 370 bilhões.

Pois bem, estes três pactos progressistas estão sendo destruídos com o projeto ultraliberal que se apossou do Brasil com o golpe contra Dilma Rouseff. Trata-se de uma revanche histórica da direita liberal (ultraliberal na economia e autoritária na política) contra as conquistas sociais do povo brasileiro nos últimos 100 anos. A elite empresarial nunca engoliu a CLT, a legislação previdenciária, a universalização da saúde e da educação e os demais programas sociais. Nunca engoliu as grandes estatais brasileiras, como Petrobras, Eletrobras, BB, Caixa, BNDES.(...) Aldo Fornazieri explica porque esta revanche ultraliberal quer destruir os líderes populares: “Costuma-se dizer que o povo brasileiro não tem heróis no sentido nacional, popular e político do termo. Há uma boa dose de verdade nisso. A singularidade da nossa desditosa história, a indignância da nossa formação

política e cultural, a carência de movimentos nacionais e populares na nossa formação, fraqueza das nossas virtudes coletivas e as dos nossos líderes e, principalmente, a violência recorrente das elites e do Estado contra os movimentos e líderes que lutaram por direitos e bem estar coletivo constituem causas dessa carência de heróis.(...) Em que pese tudo isto, existem, contudo, em nossa história, dois líderes que se aproximam da ideia de herói no sentido nacional, popular e político do termo. Trata-se de Getúlio Vargas e de Lula. Claro que quando se fala de Lula há algo de problemático na medida em que nunca é possível dizer algo definitivo de quem está vivo. Mas, com essa ressalva, cabe reconhecer que Vargas e Lula são os dois líderes nacionais que mais imprimiram um sentido ético à nação, no sentido de tentar unificá-la em torno do propósito de uma sociedade justa e do bem estar coletivo. O termo “ética” aqui é empregado no seu senso aristotélico, vinculado aos fins públicos comuns do bem estar e da justiça.(...)Dito isto cabe observar que tanto Vargas, quando vivo e mesmo que morto, e Lula em vida, sofrem uma perseguição tenaz por parte de setores das elites. Ao querer se destruir sua representação simbólica quer-se destruir a sua expressão enquanto referencial do sentido ético do Brasil e de seu povo. Quer-se destruir aquela energia simbólica que pode ser fonte de emanção de lutas e mobilizações, no presente e no futuro, por mais direitos e justiça. Quer-se destruir o sentido orientador da ideia de igualdade na construção de uma sociedade mais justa e digna. A destruição de Vargas e de Lula é a destruição de uma reserva de combate, por mais contradições e paradoxos que ambos representem. O fato é que as elites brasileiras sequer suportam a presença e a simbologia de figuras como Vargas e Lula mesmo que em seus governos partes das elites tenham sido beneficiadas”.(Jornal GGN-16/01/2017).

Direita trata idosos como “massa podre”

Tenho 65 anos e vivi o Brasil da expansão demográfica, com altas taxas de natalidade, e o Brasil mais velho, com o aumento muito positivo da expectativa de vida, o que, combinado com a redução forte da natalidade, resultou em um país com mais idosos. Nas minhas centenas de palestras sobre previdência pelo país sempre fazia uma pesquisa junto ao público sobre o número de filhos em suas famílias. A maior família natural que encontrei foi de 22 filhos. Minha família é formada por sete irmãs. A população está envelhecendo com as extraordinárias avanços na medicina e melhoria na qualidade de vida e com a redução da taxa de natalidade para menos de dois filhos por casal. No passado, a direita, especialmente a direita liberal, dizia que a “culpa” do Brasil não dar certo era o “excesso” de filhos que tinham os pobres; hoje, com a transição demográfica, os “bodes expiatórios” são os idosos. (...) No final da década de 1990 lembro-me da resistência de muitos idosos à vacina da gripe. O que se falava era o seguinte: FHC dizia que aposentados eram “vagabundos” e por que então salvar os velhos da doença? Muitos não tomavam a vacina com medo de ser “veneno”.

Uma das palestras marcantes de minha vida foi em um encontro nacional dos procuradores da previdência, era um congresso com uns 200 delegados em Brasília. Os convidados era eu e um ex-ministro da Previdência Social. Cheguei ao encontro de manga de camisa, e todos os procuradores estavam de terno e também o outro palestrante. Apavorado, antecipei o retorno

de Brasília para as 16 horas, almocei e fomos para a palestra. Na palestra, o ministro falou primeiro e disse o seguinte: o envelhecimento da população inviabilizava a previdência pública, porque teríamos cada vez mais idosos e menos contribuintes; já a privatização era o caminho inevitável porque levaria a um modelo “neutro” diante do envelhecimento porque cada trabalhador pouparia na ativa para bancar a sua própria aposentadoria. Tive uma “luz” espetacular então e na minha fala perguntei ao ministro: se a previdência for privatizada a sociedade deixará de envelhecer? Então eu disse: senhor ministro com sistema público ou privado o envelhecimento da população é inevitável e é muito positivo que as pessoas estejam vivendo mais. Portanto: a privatização não “resolve” o envelhecimento da sociedade; o que faz é excluir idosos mais pobres da cobertura previdenciária, ficando a proteção na velhice, na morte, na invalidez, como uma coisa de mercado. Ou seja, terá previdência quem puder pagar. Deixei a palestra mais cedo sob aplausos de pé dos procuradores presentes. Histórico!

Fala-se em genocídio de Bolsonaro nas mortes pela covid-19; mas também podemos falar em genocídio no modelo de previdência privada chileno defendido por Paulo Guedes. Quando a previdência é privatizada há uma violenta quebra do pacto social: cada novo trabalhador passa a poupar para si e os já aposentados (passivo benefícios concedidos) e os trabalhadores em atividade (passivo dos benefícios a conceder) ficam sem a cobertura solidária das contribuições dos trabalhadores e do governo. Na privatização é como se a previdência começasse do zero: a previdência privada fica com todas as receitas e o governo fica com todas as despesas e com receitas decrescentes, já que o grupo de contribuintes ativos passa a ser um “grupo fechado” que não entra mais ninguém.(...) Veja o que disse Júlio Bustamante, chefe da previdência privada chilena, numa palestra em Brasília, em 1993: “A curva de despesas começa a descer porque - perdoem-me dizer assim tão friamente - começam a morrer os antigos pensionistas do sistema, de tal maneira que o Estado vai eliminando a sua carga. Assim,

ossos cálculos mostram que, daqui a 15 anos, praticamente um milhão de aposentados desaparecerão, chegando a 20% do que é atualmente”. Assim, a previdência privada só se consolida com a morte de todos os aposentados e pensionistas da previdência pública, que representam o passivo indesejado do Estado no processo de transição. A previdência, que é um pacto de vida, com a privatização vira um pacto de morte. (...) No modelo de privatização que defende Paulo Guedes, os trabalhadores são divididos em dois fundos: um financeiro em extinção para aposentados e aposentandos da previdência pública; e um fundo de capitalização para os novos trabalhadores da previdência privada. Já presenciei muitas vezes conversas com um destes atuários ortodoxos, que classificam os aposentados e todos nós que estamos em fundos financeiros de previdência de “massa podre”. Ou seja, somente com a morte de toda esta “massa podre”, a capitalização estaria concluída e os entes públicos “ficarão livres” do passivo indesejado representado pelos segurados dos fundos financeiros de previdência. Daí porque falam em “segregação de massas”, ou seja, é preciso “isolar” a “massa podre” dos fundos financeiros de previdência, senão ela “contamina” a “massa sadia” dos fundos de capitalização. Genocídio!

MINHA MILITÂNCIA NA PREVIDÊNCIA. Iniciei minha militância na Previdência Social quando fui eleito para a CIPA – Comissão Interna de Prevenção de Acidentes do BEMGE, banco em que eu trabalhava. Estudava os direitos previdenciários dos trabalhadores acidentados. Mais tarde ampliei meus estudos para a Previdência Social de conjunto. Previdência, 40 anos atrás, quando a classe trabalhadora era ainda muito jovem, era um assunto tratado de forma artificial. Eu era motivo até de gozação; no Sindicato dos Bancários a criação de um Departamento de Aposentados e de Previdência foi um consenso, mas eu, nas brincadeiras, era chamado de “Diretor para assuntos de geriatria”. Grande parte de minha produção teórica foi sobre previdência: livros, cartilhas, jornais, folhetos; além disso ministrei centenas de palestras em quase todos os estados brasileiros.

Palestrei para os mais jovens, sempre destacando que previdência é prevenção, é seguro público, é “pagar para não utilizar”. Sempre esclareci: os únicos benefícios que são desejados são a aposentadoria por tempo de contribuição e por idade, como forma de compensação por anos de serviço, e a licença maternidade, para bancar a licença da mãe; quem quiser “pagar para utilizar o mais rápido possível” terá que “torcer” para invalidar para receber a aposentadoria por invalidez; terá que ficar doente para receber o auxílio doença; terá que se acidentar para receber o auxílio acidente; terá que morrer alguém da família para receber a pensão por morte. Ou seja, previdência é sim um programa para os mais jovens, mas é bom não precisar dele porque são benefícios por incapacidade e por morte. Esta brincadeira eu sempre fazia para “vingar” da gozação de que era “diretor de assuntos de geriatria”.(...) Previdência para mim abriu muitas portas, como, por exemplo, ao criar as condições para uma grande aproximação com o movimento dos aposentados e pensionistas e, por ser um programa com enorme interface social, consegui expandir meus estudos para todos os direitos sociais. Encerro minha militância de 35 anos em previdência social, mas, como aposentado, sempre estarei atento a esta política fundamental à vida humana.

A pandemia vai mudar o mundo?

Durante um certo período acreditei que a pandemia mudaria o mundo, com mais solidariedade entre as pessoas e os povos. Pensava comigo: depois de meses e anos de isolamento social, como incredivelmente cantou Raul Seixas na música “No dia em que terra parou”, e com milhares de pessoas infectadas e mortas, alguma mudança histórica nós teríamos. Acho que a maioria das pessoas de esquerda e progressistas acreditaram nisso. Deixamos de acreditar sem saber muito bem porquê. (...) Para mim um verdadeiro “balde de água fria” foi um artigo histórico de José Luís Fiori, logo no início da pandemia. Fiori explicou porque as “pestes” não geram mudanças sociais ao falar da comparação de uma epidemia a uma guerra: “Acho que é uma comparação muito forte e que pode ser útil para mobilizar as populações e os atores sociais e econômicos mais importantes para o combate à doença. Mas, ao contrário das guerras, as epidemias não costumam destruir cidades, infraestruturas, equipamentos físicos, fábricas ou qualquer outra atividade econômica. Por outro lado, as guerras envolvem pelo menos dois atores ou Estados que se consideram inimigos e que têm uma materialidade e uma identidade emocional que provoca uma imediata solidariedade nacional por cima das próprias classes sociais. Já as epidemias contagiosas, como a que estamos vivendo, não têm uma materialidade clara e afetam as classes sociais de um mesmo país de forma inteiramente diferente, provocando uma reação defensiva de tipo “egoísta”, por parte dos Estados, das classes e dos indivíduos, sendo muito comum a estigmatização dos grupos sociais mais vulneráveis ou contagiadas. Por fim, e essa é uma diferença fundamental, nas guerras sempre existem os vencedores e os perdedores, e cabe ao vencedor impor as

regras de sua “paz hegemônica”, que devem ser acatadas necessariamente pelos derrotados. No caso das grandes pandemias, como a que estamos enfrentando, não há vitoriosos e perdedores nítidos, e não há nenhuma força material que imponha qualquer tipo de acordo em torno do que poderia ser um eventual plano de reconstrução coletivo. Ou seja, as guerras são muito mais destrutivas, mas as saídas das pandemias são muito menos solidárias” (Carta Maior, 14/04/2020). Como se vê, o artigo de Fiori é do início da pandemia, o que me fez perder cedo as ilusões no caráter regenerativo da pandemia.

Mas a pandemia pode sim ter efeitos, senão redentores e revolucionários para a sociedade, muito importantes na vida das famílias e das sociedades. Acho que vai haver tão logo a pandemia seja amplamente controlada uma onda apoteótica de aglomeração das famílias e das pessoas de um modo geral. Depois de tanta tristeza, da “crise de abstinência” de tantas coisas legais, poderá explodir os encontros familiares, os encontros entre amigos, os encontros sociais nas festas familiares, no carnaval, nos shows musicais, no futebol e outros esportes, nas praias, nos botecos, enfim em todos os eventos que envolvam as famílias e as multidões. O que mais queremos conversar, abraçar, beijar, dançar, cantar, sorrir, beber, comer um tira-gosto, dar um mergulho na água, gritar “gol” nos estádios de futebol. Ou seja, voltar a viver “sem medo de ser feliz”. Mas no Brasil voltaremos a nos aglomerar também para protestar contra o genocídio de milhões de brasileiros na pandemia. Com todo o amor vamos protestar pela memória dos milhares de brasileiros que morreram devido à imprudência de um governo negacionista contrário ao isolamento social, a máscara e a vacina. Um governo genocida. Vamos nos solidarizar com as milhares de famílias que perderam seus entes queridos.

A volta épica de Lula ao cenário político reacende nossa esperança em um “Brasil feliz de novo”. Acho que nem Lula esperava a reabilitação política que aconteceu na vida dele. Em certo momento, recomendou que Fernando Haddad “colocasse o bloco

na rua”. Lula, acho, não esperava que o Supremo Tribunal Federal lhe desse, ainda que tardiamente, tantas vitórias, uma reparação das injustiças que sofreu, com sua exclusão das eleições de 2018 e sua prisão em Curitiba. Lula é inocente: teve suas duas condenações anuladas; o juiz Sérgio Moro foi considerado parcial, o que anulou as provas de seus julgamentos; e em decisão de Gilmar Mendes a parcialidade de Moro foi estendida a todos os processos contra Lula. Com isso, Lula fez um “retorno épico” ao cenário político, agora com uma pessoa inocente e com os seus direitos políticos, inclusive para a candidatura presidencial, resgatados. (...) 2016 foi um ano catastrófico para o PT e a esquerda: aconteceu o golpe contra Dilma e o PT foi simplesmente esmagado nas eleições municipais; perdeu quase todas as grandes cidades que governava. Muitas pessoas de direita e até mesmo de esquerda previram o fim do PT, já que consideravam que o “antipetismo” não seria mais superado no Brasil. Mas rapidamente, o PT mostrou que estava vivo: Fernando Haddad foi para o segundo turno e conseguiu 47 milhões de votos, fazendo do PT a principal força de oposição à Bolsonaro; o PT elegeu a maior bancada da Câmara dos Deputados e governadores de quatro estados do Nordeste (Bahia, Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte).(...) Nas eleições municipais de 2020, já com Lula livre, mas impedido de participar das campanhas de rua em função da pandemia, o PT teve novamente um resultado muito fraco nas eleições municipais, com vitória em apenas quatro das cidades do G-94, grupo de cidades com mais de 200 mil eleitores: Contagem, Juiz de Fora, Diadema e Mauá. Mas uma vez muitos afirmaram que Lula e o PT tinham acabado e que o antipetismo era irreversível. Não é bem assim. Os resultados do PT foram fracos pelo seguinte: com a pandemia, os prefeitos tiveram uma forte elevação da aprovação popular e as eleições de 2020 foram eleições de continuidade e não de mudança. Como o PT tinha poucas prefeituras, especialmente nas grandes cidades, o partido não tinha como se sair vitorioso de uma “onda de continuidade”, já que eram candidaturas de oposição na maioria das cidades. Em poucas grandes cidades, onde o PT venceu enfrentou governos, que por

razões locais estavam mal avaliados, tendo como candidatos ex-prefeitos muito bem avaliados, como nos casos de Contagem e Diadema. E veja só: nas cidades médias que o PT governava, os prefeitos foram reeleitos: Teófilo Otoni, Araraquara, Maricá, São Leopoldo e Lauro de Freitas.

Lula é favorito na disputa de 2022 não é somente porque é uma liderança de impressionante capacidade de comunicação e porque tem um legado de enormes realizações quando esteve no governo. É favorito porque o Brasil quer mudança e quer “mudança pela esquerda” em sintonia com a “virada à esquerda” na América Latina. Uma pesquisa XP/IPESPE, encomendada pelos bancos, mostrou resultados “redondinhos” neste sentido. Primeira pergunta expressou o enorme sentimento de mudança na sociedade. Perguntada qual o “desejo para próxima eleição”, a população respondeu: 50%, que mude totalmente a forma como o Brasil está sendo governado; 31%, que mude um pouco a forma como o Brasil está sendo administrado, dando continuidade a algumas coisas e mudando outras; 17%, que dê continuidade a forma atual como o Brasil está sendo administrado; 3%, não sabe / não respondeu. A segunda pergunta foi sobre que política econômica deve ser adotada pelo governo. Perguntada qual a “melhor maneira para recuperar a economia depois do Coronavírus”, a população respondeu: 65%, mudar a política econômica com mais investimentos do governo para o Brasil voltar a crescer; 25%, manter a política econômica atual com as reformas, e maior participação das empresas privadas para retomar o crescimento; 10%, não sabe / não respondeu.(...) Seja qual for a polarização em 2022, ela favorece a candidatura de Lula: se for contra Bolsonaro haverá, provavelmente, um enorme sentimento de mudança; se for contra a centro direita as chances são boas também porque Lula tem apoio popular, tem legado enorme de realizações e defende um programa de mudanças, com destaque para a política econômica; já a centro direita é continuidade da política econômica. É muito provável que a onda aglomerativa a que me referi se dê também na campanha presidencial, numa campanha de massas semelhante, e

até mais forte, a que tivemos em 1989 e 2002. (...) Mas é preciso que a esquerda se prepare para uma disputa dura, vamos vencer a disputa, mas não será “um passeio”. Para isso será necessário uma enorme politização da sociedade brasileira, é preciso tirar Bolsonaro e a centro direita da “zona de conforto” e disputa legado de realizações e programa de mudanças para o Brasil. Não podemos reduzir a eleição a uma disputa de “memes” e provocações ao gosto da extrema direita.

Precisamos divulgar o legado de realizações de Lula. Existem muitas publicações que trazem o legado dos governos Lula. Não se trata de fixar num saudosismo do passado, mas é evidente que para Lula, como para qualquer político, seu legado de realizações é uma referência da sua força política e é isso que dá vida ao programa de governo para o futuro, pois “quem fez poderá fazer muito mais”. Eu mesmo tenho dois livros e uma cartilha (esta última publicação entreguei pessoalmente para Lula numa reunião em Belo Horizonte no início de 2020). Na cartilha “Os avanços e conquistas do povo brasileiro nos governos de esquerda (2003 a 2015)” fiz uma síntese dos governos Lula: “O Brasil com Lula teve crescimento econômico com redução da vulnerabilidade externa da economia; distribuição de renda; controle da inflação; desendividamento e democracia. Nos governos do PT e partidos aliados, o crescimento da economia teve um conteúdo que marcará a história brasileira. Diversos impasses históricos, que minaram o crescimento da economia no passado, foram enfrentados de forma séria. Primeiro: o Brasil cresceu com uma forte redução da vulnerabilidade externa, que no passado quebrou o nosso país diversas vezes, com a constituição de um volume de reservas internacionais de US\$ 369 bilhões. Segundo: o Brasil cresceu distribuindo renda, colocando um fim na tese de que “o bolo tem que crescer primeiro para ser distribuído”, com a retirada de 33 milhões de brasileiros da pobreza e incorporação de 40 milhões de brasileiros à chamada “nova classe média”. Terceiro: o Brasil cresceu com o controle da inflação, não voltou a hiperinflação como previram a mídia e a direita, sendo que os índices médios de inflação de 6,28% ao ano, ainda que precisam

ser reduzidos, são os menores dos últimos 73 anos na série histórica divulgada pelo IPEA. Quarto: o Brasil cresceu nos governos do PT e partidos aliados com um processo histórico de forte desendividamento, sendo que a dívida total líquida (dívida bruta menos os ativos do governo) recuou de 60% para 36% do PIB. Quinto: não se pode esquecer que o Brasil cresceu aprofundando a sua democracia, ao contrário do passado onde crescemos muito mas com regimes ditatoriais e autoritários”.

Paulo Nogueira Batista Jr disse que Lula “precisa de uma campanha centrada e de um governo ousado”. Existe quase que um desespero dos segmentos democráticos e progressistas da sociedade brasileira: ninguém consegue pensar em outra coisa senão em derrotar Bolsonaro e encerrar o tempo das trevas que vivemos no Brasil; para isso será preciso constituir uma “frente ampla”, que poderá brotar já no primeiro turno, não pela aceitação da centro direita da candidatura de Lula, mas como uma manifestação de “baixo para cima” da sociedade brasileira, de transformar a eleição em um grande plebiscito contra Bolsonaro. Se a eleição não se resolver no primeiro turno será preciso uma ampla unidade das forças democráticas em torno da candidatura que for ao segundo turno; significa ninguém “viajará para Paris”, será um combate para derrotar Bolsonaro, sendo que esta aliança será desfeita na formação de governo; mas quem for para a oposição não mais assumirá posições golpistas como em 2016. Uma hipótese que não pode ser descartada é um enfraquecimento acentuado de Bolsonaro, que inviabilize sua candidatura para o segundo turno; sendo a polarização entre a esquerda e a centro direita.

Neste caso, será inevitável, um processo de diferenciação no interior da Frente Democrática. A polarização principal será em torno da política econômica e social de Bolsonaro e Paulo Guedes, que é a mesma da centro direita não bolsonarista; e a esquerda deverá apontar mudanças profundas, como Lula já declarou de extinção do teto de gastos; e na questão democrática a esquerda vai discutir o papel da centro direita na desestabilização da

democracia brasileira ao não aceitar os resultados das urnas em 2014 e a defesa do impeachment, sem crime de responsabilidade, o golpe contra Dilma.

Mas Lula vitorioso precisará fazer um governo muito melhor do que seu governo de antes, senão haverá uma decepção enorme de sua base social. Mesmo com todos os retrocessos, considero que as condições atuais são melhores do que antes, até pela manutenção de alguns de seus legados de governo. Nosso país pode ter um desenvolvimento mais autônomo em relação ao mundo com suas grandes reservas em dólar; a inflação se mantém sob controle, e não vivemos o drama da Argentina que índices de 50%, 60% ao ano nem a hiperinflação da Venezuela; a taxa de juros está mais em linha com o mundo, uma das poucas boas heranças de Paulo Guedes, o que favorece o crescimento econômico e a situação das finanças públicas; com os juros mais baixos o câmbio está mais desvalorizado, o que favorece as exportações e um projeto de reindustrialização do Brasil; a dívida bruta não chegou aos patamares previstos pelo mercado de 100% do PIB e, com a retomada do crescimento da economia, a questão fiscal poderá ser equacionada.(...) Isto favorece a retomada do crescimento da economia, com o fim do teto de gastos, com uma forte retomada dos investimentos públicos e privados, com a melhora das contas públicas; será necessário uma nova política internacional, com um reposicionamento do Brasil no mundo; o Estado terá que ser reconstruído nas políticas públicas e nas empresas públicas; será necessário uma forte retomada do diálogo social e construção e reconstrução de novos instrumentos de participação popular e de fortalecimento da democracia.

Mas o maior desafio será o de sempre: como tornar o Brasil uma país mais justo e menos desigual. No Brasil temos um processo distributivo importante nas políticas sociais, especialmente nas de transferência de renda, que é muito subestimado pela esquerda. Mas a tributação é fortemente regressiva, ou seja, os pobres proporcionalmente pagam mais impostos. (...) Pablo Or-

tellado diz que a experiência internacional mostra que não é possível construir uma nação mais igualitária sem grandes conflitos, e até com guerras como falou José Luís Fiori. Diz Ortellado: “Resolver o problema da regressividade dos impostos, no entanto, não é trivial. Num instigante estudo comparativo sobre o surgimento e o desenvolvimento dos impostos progressivos, Kenneth Scheve e David Stasavage demonstraram, apoiados na história de vinte países, que a introdução de impostos progressivos e a consequente diminuição da desigualdade na Europa e nos Estados Unidos não se deveu ao chamado “efeito democrático” (pelo qual maiorias pobres com direito a voto imporiam um sacrifício aos mais ricos), nem a uma reação política à desigualdade crescente, mas a circunstâncias muito específicas do esforço de guerra, sobretudo durante as duas guerras mundiais.(...) Num contexto que era de turbulência e ameaças, as esquerdas conseguiram fazer prevalecer o argumento de que assim como os trabalhadores estavam se sacrificando, colocando a vida em risco nos campos de batalha, os empresários também deveriam se sacrificar, contribuindo para o esforço de guerra com impostos muito mais elevados sobre a sua renda e o seu patrimônio. (...) É o que os autores chamam de “argumento compensatório”, no qual o fardo de um imposto elevado é visto como compensação por um privilégio.(...) A guerra criou as condições para que impostos sobre a renda e sobre a propriedade fossem elevados para níveis muito altos –e ainda que os impostos tenham diminuído quando a guerra acabou, eles permaneceram num patamar muito superior ao que havia antes, mudando de maneira estrutural o padrão distributivo desses países.(...) Nosso desafio, no Brasil e em outros países desiguais como o nosso, é encontrar, em tempos de paz, meios políticos para distribuir o fardo de um Estado social de maneira que os privilegiados paguem mais. Mas, antes, teremos que convencer a opinião pública que combater a corrupção é necessário, mas não é suficiente para criar o país justo que queremos”. (Folha de S.Paulo, 10/10/2017). (...) Como se vê, o desafio é arrumar um caminho no interior da democracia brasileira para que problemas seculares do nosso país sejam enfrentados, minimizados e até mesmo resolvidos.

Amor e política

Nestes tempos de trevas, virou “meme” a recomendação para “ninguém soltar a mão de ninguém”. Já eu e Marília “não soltamos a mão um do outro durante 38 anos”. Por que temos uma militância tão duradoura um ao lado do outro? Por diversas razões. A primeira delas é que, como se diz, “tem muito amor envolvido”; por falar nisso, como minha vida imita a arte, adoro grandes filmes de amor e política, como, por exemplo, Casablanca, Hemingway & Gellhorn e Frida. Segundo, gosto de atuar ao lado da Marília porque é uma liderança muito inspiradora; é do petismo que eu gosto, muito vinculado à presença no meio do povo, a recusa de privilégios, a política afirmativa. Terceiro, estando vinculado ao projeto liderado pela Marília pude desenvolver uma reflexão política mais livre e autônoma, sem os constrangimentos da burocracia e do centralismo partidário; liberdade que tive para defender bandeiras que o partido abandonou como o combate aos privilégios, que deixou de figurar, em 2020, da Carta Compromisso dos Candidatos do PT. Quarto: Marília não é uma liderança de Gabinete, estuda muito, e como nos velhos filmes heroicos, ela não manda seus “soldados” e “soldadas” para a guerra sozinhos, ela os lidera no “campo de batalha”; ela une teoria e prática. Quinto, porque aconteceu uma convergência “natural” da nossa agenda política, muito centrada, desde as lutas sindicais, nos direitos sociais, e, com o passar do tempo, incorporou, de forma mais clara, a defesa da democracia, a soberania nacional e os direitos humanos. Sexto, eu e Marília sempre fomos contra o nepotismo, mesmo quando era permitido legalmente, assim, ao lado dela na militância, construí um caminho profissional próprio, como escritor, palestrante, e com parcerias com sindicatos – o “tira dúvidas” de previdência; sempre fui “militante” do projeto liderado pela Marília, mas nunca fui “funcionário” dela. (...) Pas-

sado tanto tempo na militância comum torna-se difícil separar o que é dela e meu no legado político que construímos juntos. Quando atuávamos no movimento sindical, a direção era colegiada, então a apropriação política era mais coletiva. Em cargos parlamentares e no executivo fica parecendo que tudo que foi feito é do líder político. Já a sistematização histórica, como é eu que assino, fica parecendo que é tudo minha. Mas não é assim. Nosso legado é uma construção coletiva da Marília, minha, de pessoas dos governos e mandatos que ela liderou, e até mesmo formulações centrais de nosso projeto político foram de militantes de base. Eu e Marília “brigamos” muito pela autoria das “grandes ideias” dos seus mandatos; mas nem nós mesmos conseguimos saber de quem são as ideias “originais”.

SINDICATO SOMOS NÓS, NOSSA FORÇA E NOSSA VOZ. Dedi-quei 20 anos de minha vida às lutas sindicais dos bancários de Belo Horizonte e Região Metropolitana. Entrei para o banco em 1977 e já participei da primeira campanha salarial da categoria naquele mesmo ano. No BEMGE, banco do Estado, trabalhava numa gráfica rápida, que imprimia todas as circulares da Diretoria, inclusive as CC – Circulares Confidenciais, como ativista eu sabia de todas os “rolos” do Banco, como, por exemplo, os empréstimos para políticos; não sei porque nunca me tiraram de lá ou me demitiram.(...) Formamos a Comissão de Salários, que reunia a base da categoria, que estabelecia uma unidade com o presidente do Sindicato, o grande companheiro Arlindo Ramos, que se aliava ao “novo sindicalismo” de Lula. Nosso grito de guerra era: “Sindicato somos nós, nossa força e nosso voz”, um desafio a setores da diretoria, que eram de direita. Uma coisa impressionante nas épocas áureas do sindicalismo brasileiro era a quantidade de lideranças que surgiam a cada luta e greve; na montagem de chapas sindicais era impossível acolher tanta gente que emergia como líder dos locais de trabalho; e me lembro que, ao visitar os locais de trabalho, a emergência de lideranças em cada agência, em cada prédio administrativo era tão expressiva, que os próprios bancários, brincando, indicam quem eram os “comunistas” em cada lo-

cal. Impressionante!(...) Realizamos uma grande mobilização e greve da categoria em 1979, que foi fortemente reprimida e terminou rapidamente; maior resistência aconteceu, por exemplo, em Porto Alegre, o que projetou Olívio Dutra como uma grande liderança do “novo sindicalismo”. Eu e diversos membros de base fomos processados com base na Lei de Segurança Nacional, tendo como algozes diretores de direita do Sindicato. Os depoimentos dos “dedo duros” estão no primeiro livro que publiquei. Particpei da fundação da CUT e do PT em Minas Gerais, mais especificamente em Belo Horizonte. Casei com Marília, que fora dirigente estudantil em Uberlândia, que participou também da criação da CUT e do PT no Triângulo Mineiro, e nos juntamos em 1983 no sindicalismo bancário de Belo Horizonte. Em 1987, a chapa cutista venceu a eleição para a diretoria do Sindicato e, nos anos seguintes, tivemos grandes lutas e conquistas para a categoria; dentre elas melhoria dos salários, piso salarial mais robusto e benefícios assistenciais (vale alimentação, creche, saúde), o que possibilitou a desmontagem de um dos maiores aparatos assistenciais do sindicalismo brasileiro (o Sindicato não era de luta, era uma máquina assistencial, com restaurante, clínica médica e dentária, colégio). Além das lutas da categoria participamos da histórica campanha de Lula em 1989, quando sob o hino “Sem medo de ser feliz” vivemos um momento épico na história brasileira. Lembro-me muito bem do comício de Lula na Praça da Estação, eu e Marília estávamos com nossos dois filhos no colo – Natália e Pedro, o comício terminou e, no final, sob uma chuva fina, nos dispersamos aos milhares cantando: “Sem medo de ser, sem medo de ser, sem medo de ser feliz”. Inesquecível! (...) O Sindicato dos Bancários era muito atuante na gestão cutista e, sob a direção da Marília, a partir de 1990, ampliamos a atuação nas lutas políticas, com papel de destaque nas lutas dos aposentados e pensionistas, no Movimento dos 147%; e no Fora Collor, que teve na Marília a maior liderança em Minas Gerais. Ressalte-se também a forte atuação do Sindicato na área cultural, com grupos de teatro; o Entreposto Cultural; e as campanhas históricas de prevenção,

com a colocação no pirulito da Praça Sete de uma camisinha gigante, que chocava os setores conservadores e gerava uma enorme polêmica na cidade.

ROMPIMENTO COM SINDICALISMO FOI MUITO TRAUMÁTICO.

Sou de uma geração do “Sindicato somos nós, nossa força e nossa voz”, ou seja, um sindicalismo que emergia da base, sindicato era os trabalhadores organizados e mobilizados e não era apenas o “prédio” e a burocracia da máquina. Toda assembleia do Sindicato, a primeira disputa era pela eleição da mesa dos trabalhos, sem representantes da Comissão de Salários, a assembleia não começava. Fantástico: a primeira atividade de campanha era a “entrega coletiva da pauta de reivindicações” no Sindicato dos Bancos, na rua dos Carijós, em Belo Horizonte, quando as lideranças eram acompanhadas de dois, três, quatro mil bancários. Ganhamos a eleição do Sindicato em 1987 e, em 1988, levei meu primeiro susto: depois de uma campanha salarial difícil, centenas de bancários fizeram fila na porta do sindicato para pedir liberação da taxa da campanha salarial. Nos anos seguintes tivemos muitas conquistas, mas aos poucos o Sindicato foi perdendo dinamismo e representatividade na base. Eu e Marília, buscando explicações para aquela situação, tivemos acesso aos estudos do professor Armando Boito Jr, da Unicamp, com críticas contundentes ao modelo sindical, que pretendíamos transformar mas aos poucos fomos nos rendendo.(...) No ano de 1996, Marília renunciou à presidência do Sindicato, além de discordâncias sobre os rumos do sindicalismo, pesou também a gestão do sindicato porque ela como presidenta achava imprudente os gastos correntes que eram feitos incompatíveis com a receita da entidade. Ela, logo após o término do mandato, voltou para o Credireal depois Bradesco em Contagem, onde começou a transformar numa figura épica, porque já sendo “famosa” como ex-sindicalista e candidata à prefeita e deputada estadual, era caixa bancária mostrando seu uma pessoa acessível e simples e caiu nos gosto dos clientes.(...) Eu voltei ao local de trabalho bem mais cedo. Tentei certa vez “subir” no banco para a gerência, mas a empresa que fazia

o recrutamento me afirmou que como eu tinha 37 anos “já era velho para o cargo”. Voltei ao banco como caixa bancário. Um caixa desastrado, dava tudo errado para mim. Não me acostumava em trabalhar sem horário de almoço, que eu considerava uma selvageria; almoçava em 15 minutos e voltava ao serviço com gosto de comida na boca. Como tinha pouco avanço tecnológico, a digitação de dados era imensa; e eu fazia uns 150 a 200 pagamentos por dia, contra 400 a 500 pagamentos de meus colegas caixas. Eu, que já estudava para sair do banco, era muito disperso, descontava o cheque ou dava o troco para o cliente e já ficava na dúvida se não tinha errado. No final do expediente uma tortura: hora do fechamento do caixa. Quase sempre o meu caixa dava diferenças de alguns poucos centavos. Nas primeiras vezes, meus colegas me ajudavam a achar a diferença; mas como acontecia quase todo dia acabei ficando sozinho. Fiz então um pequeno “caixa paralelo de moedas”, dentro da gaveta, para fechar “na tora” o caixa; se faltava eu colocava as moedas e se sobrava eu tirava moedas. Meu desgaste chegou a tal ponto que, numa tarde, na hora do fechamento do caixa, depois de 21 anos de serviço, pedi demissão sem consultar ninguém, nem a Marília. Tomei um prejuízo histórico. Seis meses depois de minha saída saiu o sempre prometido PDV – Plano de Demissão Voluntária, com um salário para cada ano de serviço. Perdi de cara 22 salários de indenização. Para sair do banco, não aceitei também a indenização de 12 meses de estabilidade que tinha depois de exercer o mandato sindical, para espanto do banco abri mão de mais 12 salários porque considerava que aquilo seria “vender o mandato”. Felizmente, nos anos seguintes meu trabalho “bombou” e eu me firmei como escritor, palestrante e consultor dos sindicatos.

LEGADO DO SINDICALISMO COMBATIVO CAIU COMO “UMA LUVA” NA NOSSA MILITÂNCIA NO PT CONTAGEM. Contagem, cidade metropolitana, ao contrário da capital e das cidade polo do interior, não tem uma rede de comunicação de massas – tv, rádios, jornais diários, portais de internet –, e a vida cultural é pouco desenvolvida. Cidades metropolitanas, por isso, em

quase todo o Brasil eram governadas por políticos populistas e sem compromisso com a organização popular. Apesar de nunca ter deslanchado, o PT Contagem já tinha uma base social na cidade, que, se era insuficiente para ganhar a Prefeitura, já constituiu um legado importante de aproximadamente 20% da população local. O impressionante foi que as bandeiras e as formas de luta do sindicalismo combativo se encaixaram como “uma luva” na política de Contagem. Primeiro, foi a defesa e a promoção dos direitos sociais, especialmente previdência e direitos trabalhistas, que se são direitos coletivos, tem uma aplicação mais individual e a divulgação na população do “tira dúvidas” teve uma enorme repercussão; agregamos também outros direitos sociais, como saúde e educação. Segundo, adotamos como um dos princípios centrais o combate aos privilégios políticos, que herdamos do nosso mestre, o ex-presidente do Sindicato, Fausto Drumond, o Faustão. Terceiro, implementamos a comunicação de rua de forma massiva com carros de som e com publicações que alcançaram toda a população. Quarto, nossa principal liderança, a Marília, sempre foi uma das figuras mais destacadas do sindicalismo combativo e das lutas populares nas ruas.(...) O modelo político brasileiro favoreceu uma militância mais universal na cidade em torno da liderança da Marília. Os parlamentares no Brasil são votados no sistema de lista aberta, são eleitos os mais votados na proporção de votos de cada partido ou coligação, e isto implica que os parlamentares eleitos representam diretamente um percentual pequeno da população; a maioria dos eleitores perde o voto porque vota em candidatos não eleitos. Os vereadores nas Câmaras Municipais representam diretamente pouco mais de 20% dos eleitores e nas Assembleias Legislativas e na Câmara dos Deputados, pouco mais de 30%. É por isso que muitos defendem o voto proporcional em listas fechadas, onde os eleitos representam todo o eleitorado. E para sobreviver politicamente no sistema de lista aberta, os parlamentares precisam legislar fortemente para suas bases eleitorais restritas. O que fizemos então foi desenvolver uma política mais universal de diálogo e

organização dos quase 80% da população excluída do sistema vigente, o que garantiu bases sociais importantes para Marília, mesmo praticando uma política pouco convencional.

A PROFESSORA QUE DECIFROU CONTAGEM. Sou fascinado pela sabedoria popular. Na nossa trajetória política super vitoriosa em Contagem, mais do que mais “marqueteiros” e pesquisas de opinião, buscamos nas ruas, no contato direto com a população, slogans e “narrativas” de todas as nossas campanhas políticas. Mas o mais impressionante é que a estratégia histórica que adotamos para nossa cidade não surgiu de nenhum estudo teórico; surgiu da sabedoria popular de uma professora aposentada: Maria Aparecida Areal, já falecida. Esta mulher simples e franzina, sempre bem vestida e com seus inseparáveis sapatos de salto alto, foi simplesmente decisiva na história da esquerda de Contagem. Marília se tornou uma grande liderança na cidade porque, dentre outras razões, compreendeu em profundidade a vida e o processo de formação de opinião em nossa cidade. Numa reunião no início do ano 2000, quando discutíamos um projeto para Contagem, Cida Areal afirmou: “O problema de Contagem é a falta de uma identidade como cidade. Se falamos ‘vamos à cidade’ estamos nos referindo a Belo Horizonte; se falamos ‘vamos ao centro’ estamos falando do ‘centro de Belo Horizonte’”. Bingo! Eu considero este diagnóstico simples da Cida Areal a maior contribuição teórica que tivemos na história da esquerda de Contagem. Sim gente: uma mulher do povo ajudou a mudar o destino de nossa cidade. Sempre falei da Cida Areal nas minhas publicações sobre Contagem, como na cartilha mais recente sobre a vitória da Marília para prefeita agora em 2020, e nas plenárias do mandato da Marília. Cida Areal definiu a estratégia a ser seguida pela esquerda de Contagem. Era preciso lutar por um novo projeto de cidade, onde Contagem deixasse de ser uma “cidade satélite” de Belo Horizonte e se tornasse uma cidade autônoma e uma referência política e cultural na Grande BH. Uma cidade que fosse notícia pelas coisas belas que tem e não pela agenda negativa de crimes e outras violências. Era preciso resgatar o

orgulho de morar, viver e amar em Contagem. Quando estivéssemos em viagem e, se perguntados onde “você mora?”, parássemos de dizer “Moro em Belo Horizonte”, e passássemos a dizer: “Moro em Contagem”. E Cida Areal sempre acreditou que Marília deveria liderar esta estratégia de afirmação de nossa cidade. Foi isto que Marília fez ao estabelecer uma presença marcante e intimista com nossa Contagem. Marília se consolidou porque, dentre outros fatores, não aparece no meio do povo de forma circunstancial, oportunista e de última hora. Marília é presente de forma permanente, sincera, histórica.

MARILINHA, PAZ E AMOR. O publicitário Duda Mendonça, na campanha vitoriosa de Lula em 2002, criou o “Lulinha, paz e amor”. Até hoje não está claro para muita gente o sentido do “paz e amor”. Muitos dizem que se trata de uma girada para o centro para ampliar a base social da candidatura. Não é bem isso. O que Duda fez foi uma genial inversão das disputas políticas. A “regra tradicional” da disputa política é que quem é governo faz “campanha propositiva”, ou seja, defende as realizações e legado de governo e defende a continuidade; e quem é oposição faz a “campanha negativa”, baseada nas críticas e nos erros de quem é governo e defende mudanças. O que foi a inovação nas campanhas políticas? Quando um governo está mal avaliado, como era o caso de FHC em 2002, significa que a população já tem uma posição crítica; aí então se a oposição se mantém a “campanha negativa” acaba subestimando a vontade popular que não é de continuidade e sim de mudança. Portanto, o Lulinha, paz e amor, surfou na maré da mudança, assumiu a “campanha propositiva”, que é mais simpática, deixando a “campanha negativa”, mais antipática, para quem era governo, que tinha de se defender dos desgastes de oito anos de governo. A moderação promovida pelo “Lulinha paz, e amor”, portanto, foi uma adaptação à vontade de mudança da população e a ampliação da candidatura foi consequência da estratégia adotada.(...) Esta estratégia da campanha de Lula de 2002, nós transformamos numa linha política permanente em Contagem. Quase sempre pessoas combativas e guerreiras

são antipática e reativas, Marília consegue ser aguerrida mas ao mesmo tempo afirmativa e esperançosa. Então adotamos uma linha radicalmente propositiva: nunca, nenhuma vez em três disputas eleitorais para a Prefeitura, citamos os nomes de nossos adversários em boletins e jornais de campanha. Nas campanhas da prefeitura de 2004 criamos a “Marilinha, paz e amor”, que se transformou em adesivos e bandeirinhas, sucesso enorme na população e, em especial, junto à criançada. Quase sempre buscamos inspiração nas ruas para os slogans de campanha. No segundo turno de 2004, quando a proposta era um slogan burocrático, aprovamos numa grande reunião com a militância o lema que copiamos de Lula: “Agora é Marília”.

A LUTA CONTRA OS PRIVILÉGIOS NA POLÍTICA. Aprendemos no movimento sindical com o nosso “mentor”, Fausto Drumond, a combater os privilégios. O PT surgiu com uma postura histórica de combate aos privilégios, com exigência de todos os seus candidatos a assinatura de uma Carta Compromisso com orientação clara: “Combater rigorosamente qualquer privilégio ou regalia em termos de vencimentos normais e extraordinários, jetons, verbas especiais pessoais, subvenções sociais, concessão de bolsas de estudo e outros auxílios, convocações extraordinárias ou sessões extraordinárias injustificadas das Casas Legislativas e demais subterfúgios que possam gerar, mesmo involuntariamente, desvio de recursos públicos para proveito pessoal, próprio ou de terceiros, ou ações de caráter eleitoreiro ou clientelista”. O PT chegou a defender a vinculação dos deputados ao INSS no passado, conforme texto a seguir: “O PT repudia o uso da Carteira de Previdência e da verba pessoal especial para parlamentares. Para pôr fim a esses privilégios, o PT apresentará projetos de lei e tomará medidas judiciais. O parlamentar deve contribuir para a Previdência Social como os demais trabalhadores. Para a aposentadoria parlamentar, não devem vigorar privilégios quanto à contagem do tempo e quanto ao valor do pagamento ou outros”.(...) Na questão do combate aos privilégios, o que sempre dissemos foi o seguinte: a defesa da igualdade social é fundamental, mas a esquerda

perderá credibilidade para combater os privilégios privados se não der o exemplo de austeridade nos gastos públicos especialmente com o sistema político. A profissionalização da política é importante, senão somente os ricos ocuparão os espaços institucionais, mas tal profissionalização deve guardar uma relação com a renda da população. Como um deputado federal ou estadual, por exemplo, vai conquistar a militância voluntária de um cidadão comum que ganha o salário mínimo ou o salário médio do país com salários altíssimos e não abre mão de uma penca de privilégios? O certo é que, representando o mal da sociedade com a violenta profissionalização da política no Brasil, Marília Campos se tornou uma das poucas sobreviventes do PT nas grandes cidades do Sudeste e do Sul, tendo o combate aos privilégios e a defesa da igualdade social uma de suas principais âncoras políticas. (...) E sempre demarcamos com a direita, os “falsos moralistas” na questão da política. Privilégios no Brasil se combatem é com mais e não com menos democracia. Segmentos de extrema direita sempre pedem o fechamento do Congresso Nacional para fim à corrupção e privilégios na política. Isto é uma demagogia. Alguns dos maiores privilégios políticos e previdenciários no Brasil estão associados aos militares. No Brasil, a ditadura militar se “institucionalizou”, tinha Partido – a ARENA – e o Congresso Nacional funcionando sob controle, que “elegia” um novo ditador a cada quatro anos. Para agradar a sua base parlamentar, a ditadura implantou uma série de privilégios. Até a década de 1960, os vereadores no Brasil não eram remunerados. A ditadura militar em 1969 mudou as regras constitucionais, que passaram a prever: “Somente farão jus à remuneração os vereadores das capitais e dos municípios de população superior a duzentos mil habitantes, dentro dos limites e critérios fixados em lei complementar”. No governo do general Ernesto Geisel, frente a crise política vivida pela ditadura militar, os militares para fortalecerem a ARENA (partido da ditadura) e para evitar um maior crescimento da oposição (MDB), abriram as porteiras e permitiram a remuneração de todos os vereadores brasileiros, independentemente do tamanho do

município. Uma lei complementar criou uma ampla indexação dos salários dos vereadores aos dos deputados estaduais”. (...) Foram nos governos militares que se ampliaram a legislação estadual de aposentadoria especial de deputados, como é o caso da Lei de 1977 dos deputados mineiros. Além disso, na previdência social, os militares, ainda por décadas filhas não casadas terão direito à pensão por morte. É uma situação inacreditável: mulheres deixam de se casar legalmente para não perderem o direito à pensão.

PARA MUDAR A REALIDADE “É PRECISO FAZER O QUE PRECISA SER FEITO”. Desde quando iniciamos uma trajetória na política de Contagem dois princípios básicos de organização se destacaram. Eu sempre considero que um grande problema da política de organização é que ela, muitas vezes, é feita ao gosto de quem a elabora. Se a pessoa é mais burocrática, tende a não propor a radicalização do trabalho de base, já que ela própria não estaria disposta a encaminhar aquilo que propõe. Certa vez resumi minha proposta de organização da seguinte forma: “Não podemos analisar a realidade a partir de nossos desejos, o que precisamos é nos adaptar radicalmente às exigências da realidade para transformá-la; é preciso fazer o que precisa ser feito”. Já Marília herdou da mãe dela a capacidade executiva, que minha sogra diz ter aprendido com a mãe dela: “Guardo o que comer, mas não guardo o que fazer”; minha sogra é assim: “não guarda nada para depois”. Dessa combinação - “é preciso fazer o que precisa ser feito” e “não guardo o que fazer” - nasceu uma proposta de trabalho ofensiva para mudar Contagem. Juntamos as formulações que iriam mudar a história da esquerda de Contagem: a identidade com os direitos sociais dos trabalhadores; a luta contra os privilégios na política; as formas de luta do movimento sindical combativo, com carros de som e presença no dia a dia da população e materiais impressos, como jornais; a política fortemente propositiva, a “Marilinha, paz e amor”. E o fio condutor da nova política da esquerda de Contagem foi na comunicação, um problema histórico e sem solução na cidade. No início do ano 2000 concluímos que sem

resolver o problema da comunicação não teríamos chances em Contagem. Lançamos então o “Jornalzinho da Marília”, que se transformou na publicação de maior tiragem na esquerda brasileira e em peça chave para nossas vitórias. O “Jornalzinho”, que tinha programação visual do Gilmar Campos, hoje no PSOL, tinha enorme abrangência com tiragem de 150 mil exemplares e uma pauta política em sintonia com a vontade do povo: prestação de contas e combate aos privilégios; direitos do povo; e as atividades do mandato. E a distribuição do jornal feita pela Marília e pela militância garantia “política como algo permanente” e “próxima do povo”.

“JORNALZINHO” QUE MUDOU CONTAGEM. Um dos maiores feitos da minha história política foi ter participado da criação do “Jornalzinho da Marília”, nos anos 2000, que mudou a história política de Contagem. A ASA, a maior empresa de comunicação de Minas Gerais naquela época, descreveu nossa experiência transformadora de mídia impressa, pela sua amplitude e eficácia, “um caso único na história política”. Mudamos Contagem e ganhamos as eleições para a Prefeitura em 2004 praticamente “por antecipação”. Veja o resultado de uma pesquisa qualitativa feita pela DOXA naquela eleição: “Marília Campos é mencionada espontaneamente pela maior parte do público pesquisado. Seja de uma forma ou de outra, a avaliação sobre sua imagem é consensual e extremamente positiva. Tudo indica que esta postulante ao cargo de prefeito é que mais se assemelha ao perfil idealizado pelos eleitores. Os pesquisados sabem que Marília já foi vereadora de Contagem e atualmente é deputada estadual do PT. Independente disto e apesar de não conhecerem profundamente a sua atuação em ambos os cargos, pela própria tendência comum de não acompanharem o desempenho dos legislativos, tem a nítida sensação de que Marília é bastante atuante na vida política – aspecto que a favorece. Isto porque a divulgação de um “jornalzinho”, para informar a população tudo sobre o seu trabalho e posicionamento na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, parece abranger grande parte dos eleitores. Ao que se percebe, este instrumen-

to é um trunfo para diferenciá-la dos demais concorrentes, já que é através desta publicação que muitos pesquisados a avaliam. Ou seja, esta postura remete a diversas interpretações favoráveis sobre a personalidade e a conduta de Marília Campos. De cara, a tendência majoritária é apontá-la como uma pessoa transparente por prestar contas à população, inclusive por divulgar seu salário e concordar com os cortes relativos a ele – deixa a entender que é honesta e democrática. O fato de ajudar a distribuir este “Jornalzinho” remete à percepção de ser: comunicativa; próxima da população / acessível; carismática; esforçada / batalhadora e simples – indicando reunir diversos atributos pretendidos a um prefeito”.(...) Numa análise da qualitativa, a Asa Comunicação afirmou que nunca encontrou um fenômeno de comunicação parecido com o “Jornalzinho da Marília”: “A pesquisa qualitativa Doxa confirma estas informações ao apresentar um quadro bem definido sobre a percepção do eleitor a respeito dos candidatos. Marília Campos quer dizer a transparência que faz a diferença. Este cenário confirma a tese sempre defendida pelos profissionais da Asa Comunicação de que política e comunicação devem ser feitas o tempo todo, independente do cargo que se ocupa – executivo ou legislativo. Isso evita o grande mal que causa o desgaste maior da classe política que, na maioria dos casos, busca o eleitor às vésperas da eleição – uma atitude que gera desconfiança e afasta o eleitor. Marília Campos nem precisa prestar contas da sua atuação, ela faz isso durante o mandato, através do “Jornalzinho da Marília” – uma peça modesta e agradável de se ler, que tem um recall impressionante: na pesquisa Doxa, o eleitor evidencia isso com várias expressões significativas. É admirável que isso tenha acontecido e a deputada e sua equipe estão de parabéns pelo fato de fazerem – sempre – uma comunicação eficiente. Asa, para ser honesta com suas convicções, em 41 anos de existência, nunca encontrou um caso parecido na política”.(...) Com base na pesquisa qualitativa, a DOXA e a ASA, quando Marília tinha pouco mais de 10% nas pesquisas quantitativas, cravaram que ela seria a “futura prefeita de Contagem”,

porque “Marília Campos nem precisa prestar contas da sua atuação, ela faz isso durante o mandato, através do “Jornalzinho da Marília”, e que “tudo indica que esta postulante ao cargo de prefeito é que mais se assemelha ao perfil idealizado pelos eleitores”. E o mais impressionante: as qualidades da Marília, que foram captadas na pesquisa de 2004, são as mesmas que a tornaram vitoriosa em todas as cinco eleições seguintes, para prefeita, deputada estadual e novamente prefeita e que deram identidade aos seus mandatos: transparência e combate aos privilégios; uma liderança política próxima do povo; o compromisso com os direitos da população, dentre outros atributos positivos enquanto liderança. Veja um rápido retrospecto para se ver como o “Jornalzinho da Marília” foi a principal âncora da história vitoriosa da esquerda em Contagem.

A VIRADA DA ESQUERDA EM CONTAGEM TEM UM MARCO IMPORTANTE EM 1996.

Marília foi sindicalista bancária e presidenta do Sindicato dos Bancários de BH e Região por dois mandatos. Encerrou sua trajetória sindical e se apresentou no PT para a disputa da Prefeitura contra Newton Cardoso e Ademir Lucas. Ela disputou e ganhou as prévias do PT Contagem por apenas 16 votos contra o petista Amarildo de Oliveira. Numa campanha praticamente sem estrutura, contando com uma estrutura mínima fornecida pelos companheiros de Betim e o Gol vinho que lhe dei de presente naquele ano. Um dos fatores que a tornaram conhecida e que foi decisivo no bom resultado, foram as inserções eleitorais no SBT, sobretudo no intervalo de programas de grande audiência, como o de Sílvio Santos e do Gugu.(...) Marília foi candidata a deputada estadual, em 1998, ainda com recall da votação de 1996, mas, estando grávida de oito meses e sem liberação do Bradesco para a campanha (empresa privada não é obrigada às liberações eleitorais), ela fez uma campanha muito restrita e perdeu por pequena margem de votos.(...) Marília, com a derrota, cogitou fortemente em encerrar a carreira política até que, em uma reunião com a militância, atendeu aos apelos para ser candidata a vereadora em 2000. O problema era que o recall da votação para prefeita já estava se desfazen-

do; aí então Marília, desde que definiu pela candidatura, passou a cadastrar todos os seus clientes no Bradesco, montamos uma mala direta de mais de 1.500 pessoas, que foram fundamentais para lhe dar o mandato de vereadora de Contagem, em complementação aos votos de pessoas que votaram nela nas eleições anteriores. Eleita vereadora alavancamos o projeto político que transformaria a petista numa das maiores lideranças da história de Contagem. (...) Mas foi em 2002 o momento decisivo em que mostramos uma enorme criatividade para superar obstáculos; para “fazer o que tinha que ser feito” diante dos desafios que enfrentávamos. O prefeito tucano decidiu “apagar politicamente” a Marília e não deixar que sua campanha para deputada estadual aparecesse na cidade. Fizemos uns 10 mil banners para colocar a “cara” da Marília nas ruas de Contagem; naquele ano era permitido a colocação dos cartazes nos postes da cidade. Trabalhávamos à noite, uma equipe de voluntários, sob ameaça de pessoas adversárias que nos ameaçavam nas madrugadas; coríamos o risco de levar um tiro nos postes em frente às casas; e no dia seguintes todos os banners estavam arrancados pela tropa de choque do prefeito. Nosso comitê em Belo Horizonte foi praticamente fechado pela Justiça Eleitoral que, não me lembro por qual razão, recolheu todo o material de campanha; Marília para mostrar seu protesto panfletou a porta do TRE e quase foi presa. Marília mostrou desânimo: “Não tem jeito, não vamos conseguir fazer campanha”. Então tivemos que ser criativos. Resgatamos a nossa herança do movimento sindical combativo e alugamos uma camionete; Marília em cima do carro de som empolgou a cidade; nossa campanha acabou sendo impulsionada pela campanha vitoriosa de Lula, o maior líder popular da história brasileira. E como o voto de Marília em Belo Horizonte era um voto de categoria profissional dos bancários, portanto muito espalhado pela cidade, decidimos por uma estratégia “foquista”; selecionamos 1.300 postes no hipercentro da capital, inclusive a avenida Afonso Pena, que foram transformados num “bunker” da Marília. Resultado: Marília teve 46 mil votos, sendo 28 mil em Contagem, a deputada majoritá-

ria, e, em Belo Horizonte, foram 10 mil votos sem praticamente nenhuma campanha além dos banners. (...) Eleita deputada estadual, Marília ampliou o trabalho político na cidade; passou a tiragem do *Jornalzinho* para 200 mil exemplares; e se tornou o nome mais forte para a Prefeitura de Contagem. Em 2004, Marília disputou a Prefeitura numa campanha histórica. O prefeito tucano, mais uma vez, tentou “apagar” a campanha da Marília e a Transcon, empresa de trânsito da cidade, proibiu a camionete, por supostamente contrariar a legislação de trânsito por a petista fazer campanha em pé na carroceria do carro. Então mostramos enorme criatividade: pusemos na rua o histórico “jipinho vermelho”, onde Marília, sentada e com cinto afivelado cumpria a legislação de trânsito, conversava com a população; criamos a “Marilinha”, peça lúdica que empolgou a cidade, e, especialmente, as crianças; fizemos um jingle de campanha empolgante; Marília ampliou para 40% a votação em primeiro turno; e, no segundo turno, inspirado na campanha de Lula adotamos o slogan: “Agora é Marília”. Impressionante! Foi o “*Jornalzinho da Marília*”, que deu voz e vez à esquerda em Contagem e que mudou nossa cidade. Como disse a ASA: “Uma experiência única na história da política”.

UMA PROMESSA DE CASAMENTO NA IGREJA E MUDANÇAS NA MINHA VIDA. Sempre tive inveja da Marília (no bom sentido!) por ela ser corajosa e guerreira; passei vergonha na campanha eleitoral de 2008 e mudei a minha vida. Marília, como nas velhas lutas heroicas, não lidera o seu “exercito” do Gabinete; ela lidera seus “soldados” e “soldadas” no front de luta. Ela sempre enfrentou com determinação os conflitos fortes de rua no sindicalismo, como vereadora, deputada e prefeita. E o que impressiona é que depois de décadas de militância política, ela continua firme nas lutas sociais, junto ao povo, parece ser “incansável”. Ela não se rende à burocratização, uma tendência praticamente irreversível em todos nós, é no contato com o povo que ela se energiza e consegue forças para continuar na luta.(...) Já eu sempre fui uma pessoa medrosa para enfrentar grandes conflitos, sempre tive uma atuação importante, mas

sobretudo em públicos mais homogêneos, em assembleias e reuniões fechadas. Sempre fui um fracasso em grandes intervenções de ruas, como em carros de som por exemplo. Na campanha de reeleição de 2008, tive uma experiência que marcou a minha vida. Contagem, até aquele momento, nunca reelegeu um prefeito(a) desde que a Constituição permitiu a reeleição de cargos executivos. Em 2008, Marília tentava a reeleição numa disputa que parecia perdida. Faltando 15 dias para a eleição recebi, pelo telefone, uma notícia de um membro de nossa coordenação de que a pesquisa dava o tucano disparado na frente com grandes possibilidades de vitória no primeiro turno. Fiquei desnorteado e caminhei pelas ruas do bairro Eldorado, em Contagem, sem rumos por diversos minutos. Voltei para casa para dar a péssima notícia para a Marília. Ela estava deitada descansando da campanha na parte da manhã. Falei para ela da pesquisa, sem conseguir esconder o meu profundo pessimismo. Ela então me disse: “Sinto-me como uma naufraga no mar, posso desistir de nadar e morrer ou tentar nadar até a praia. Vou nadar para viver”. Ela levantou, foi se encontrar com um pastor da Igreja Evangélica, para se fortalecer espiritualmente, e se dirigiu para Nova Contagem, que é sempre o seu porto seguro, mais ou menos o que o Nordeste representa para Lula. Eu inventei uma desculpa esfarrapada e não acompanhei o momento de resistência que ela expressou naquele momento. Pois bem, foi em Nova Contagem onde ela ouviu uma frase que tornou o nosso bordão de campanha na reta final do primeiro turno: “Ela merece continuar”. (...) Não fui à luta com Marília e, meio desesperado, fiz uma promessa: se ela vencesse a eleição pediria ela em casamento na Igreja, na região de Nova Contagem. Éramos casados desde 1983, mas somente no Cartório. Marília venceu o primeiro turno, venceu disparado o segundo turno, e mudou a história de Contagem, sendo a primeira prefeita reeleita da cidade em toda a história. Passada a eleição escrevi um balanço, falando que Marília “renasceu politicamente ao final do primeiro turno”. Já eu vivi meu momento de maior vergonha de minha vida. (...) Passa-

da a eleição nos casamos na Igreja do bairro Icaivera em cerimônia conduzida pelo nosso amigo, Padre Evando; reunimos as nossas famílias, pessoas do governo, e militância da região numa bonita cerimônia, mas Marília perdeu o “controle” e chorou aos prantos durante todo o casamento. As fotos e filmes do casamento nunca foram divulgados. Como “não falo” mais pela Marília, mania que eu tinha antes, não tenho como analisar aquelas cenas do casamento. (...) Foi na disputa para a Prefeitura em 2008, no entanto, que decidi mudar o rumo de minha vida incorporando, gradualmente, a coragem e a determinação, que eu sempre invejei em minha mulher. Aquilo me angustiou por um longo período. Certa vez no segundo mandato dela, escrevi um texto polemizando com setores do governo onde afirmava: “Quem elabora uma posição política deveria ser o primeiro a se apresentar junto à população para aplicá-la”. Não divulguei esta passagem porque eu mesmo, como intelectual inorgânico, ou orgânico só para pequenos públicos, não me apresentava para liderar o nosso “exército” no campo de batalha. A posição de intelectual inorgânico passou a me incomodar muito. Como elaborar políticas ousadas e radicais, mas “amarelar” na hora de enfrentar os conflitos sociais nos fronts de batalha? Bravura somente em reuniões de portas fechadas? Pois bem, nas eleições de 2012, não podendo Marília mais se reeleger, ela não foi candidata. Sem participação mais efetiva na campanha do candidato do PT a Prefeitura, tomei coragem e me propus então a assumir a campanha petista em um carro de som, na região de Nova Contagem, com a defesa de Durval para prefeito e Rodinei para vereador. Foi a “prova de fogo” em minha vida ajudar a sustentar uma campanha por dois meses sem interrupção: era eu, Rodinei e Wander em campanha diária na camionete de som. Durante dois meses, em torno de 45 mutirões diários, me apresentei, humildemente, como “José Prata, o marido da Marília”, como uma forma de facilitar a minha mensagem aos moradores, que adoram Marília, mas também como uma homenagem a minha mulher guerreira e ousada. Rodinei foi eleito vereador, mas Carlin, do PCdoB, que tinha uma traje-

tória mais identificada com a Marília, venceu para a Prefeitura. Nova Contagem, dentre as oito regiões de Contagem, foi a única que deu vitória ao candidato petista.

NOS MAIS RECENTES MANDATOS DA MARÍLIA COMBINAMOS AS LUTAS DE RUA COM A EMOÇÃO DAS REDES SOCIAIS.

Marília me inspirou a ser mais corajoso e guerreiro; no governo Temer, nas lutas de rua contra as reformas trabalhista e da previdência, me senti, pela primeira vez, à altura de minha mulher. Marília, depois de deixar a Prefeitura em 2012, com aprovação de 72% da população, foi eleita deputada estadual, em 2014, com 78.801 votos, e com votação consagradora em Contagem (61.224 votos), a deputada mais votada da história da cidade. (...) Um dos momentos mais felizes de minha trajetória política foi no final de 2016 e primeiro semestre de 2017. Discutimos no mandato da Marília, que estava muito enfraquecido, uma estratégia de luta contra as reformas ultraliberais trabalhista e da previdência. Acertamos na análise política, sobretudo da reforma da previdência, e realizamos uma brilhante inflexão para as ruas das cidades da grande BH, incluindo uma ocupação histórica da Praça Sete. Nossa avaliação era de que a Previdência é o maior programa social brasileiro, une trabalhadores dos setores privado e público, do campo e da cidade, população pobre e classe média, e, por isso, a resistência seria expressiva e a reforma não passaria. “Não passará!” foi o eixo dos discursos da Marília, que transformamos em um clipe. Participei ativamente das formulações políticas críticas às reformas ultraliberais e, eu, junto com a Marília, lideramos nas ruas das cidades da grande BH, inclusive na Praça Sete, em Belo Horizonte, os funcionários do gabinete e a militância em atos públicos, aulões, rádio peão, contra a reforma previdenciária. Foi um momento muito feliz para mim, porque senti orgulho de minha coragem e determinação e, por estar ao lado da Marília, poder sentir que estava, finalmente, à altura da minha eterna companheira. A retomada das ruas reanimou o mandato que cresceu nos anos restantes nas ruas mas também nos debates e práticas no interior da Assembleia Legislativa. (...) Fizemos a primeira grande inflexão na

estratégia de construção da liderança de Marília em Contagem com a emergência da internet. Mas, ao invés de abandonarmos as ruas; mantivemos uma forte presença no meio do povo, trazendo o calor humano das ruas para as redes sociais. Foi esta estratégia inovadora que garantiu a reeleição de Marília para deputada com boa votação no Estado; ainda que em Contagem tivemos uma redução expressiva da votação. Mas, ainda que com abalos na votação, Marília se manteve com uma das poucas lideranças da esquerda, e, especialmente do PT, nas grandes cidades do Sudeste. Marília se firmou no novo mandato; participou fortemente da campanha Lula Livre; ampliou seu trabalho na Assembleia Legislativa; e mantivemos uma grande presença de rua contra a reforma da Previdência com aulões, duas vezes por semana, em BH e Contagem, que, mais vez, deu uma grande animada nas nossas redes sociais. A reforma da Previdência acabou sendo aprovada, mas com uma importante “redução de danos”, como, por exemplo, a derrota do modelo privado desejado por Bolsonaro e Paulo Guedes.

A POPULAÇÃO PEDIU; MARÍLIA VOLTOU. Desde que deixou a Prefeitura, em 2012, um movimento espontâneo correu a cidade: “Volta Marília”; sendo a Elizabeth Paula uma das primeiras que puxou o movimento em Contagem. Os contagenses não queriam Marília deputada, queriam ela como prefeita novamente. Foi uma campanha épica nas ruas, nas redes sociais, e na reta final da apuração dos votos. Marília, em sua campanha vitoriosa, construiu a sua candidatura de forma muito cuidadosa. Foram acertadas todas as políticas antes mesmo da campanha ser colocada nas ruas. Na pré-campanha, divulgou vídeos e posts com a defesa de seu legado como prefeita de Contagem e como deputada. Fez uma enorme interlocução com a militância em torno do programa de governo, reunindo cerca de 5.300 pessoas em dezenas de reuniões regionais e setoriais, o que levou a que sua candidatura fosse assumida por centenas de pessoas como uma construção coletiva. Marília manteve um grande diálogo político e conseguiu fechar uma aliança mais ampla envolvendo o PT, MDB, PSB e PCdoB; como vice, esco-

lheu o ex-deputado e ex-vereador Ricardo Faria, do MDB, que teve um papel relevante na campanha e é uma pessoa fundamental na governabilidade.(...) Marília, conforme as pesquisas municipais e estaduais indicavam, tinha clareza que a população optaria pela “experiência” em detrimento da “novidade” na eleição e conseguiu, com um ótimo trabalho da equipe de comunicação, definir uma “narrativa” para a campanha que empolgou a cidade – “Contagem feliz de novo”, no primeiro turno, e “Ela a gente conhece. Nela a gente confia”, no segundo turno; tivemos uma belíssima programação visual e um jingle de campanha, que adaptamos de uma proposta não utilizada da campanha de 2008: “Mais uma vez Marília”. Nosso planejamento de campanha, de forma acertada, previu que, em vez de priorizar somente as mídias sociais, deveríamos apostar forte nas mídias tradicionais, como carros de som e materiais impressos e de impacto visual.(...) Em reuniões internas da pré-candidatura de Marília, eu disse que, com a força da liderança dela, com o jingle maravilhoso, com a beleza da programação visual, com o enorme conteúdo político que tínhamos, com o apoio da militância, faríamos uma campanha épica. Marília, na brincadeira aqui em casa, repetiu diversas vezes para mim a minha previsão: “campanha épica!”. Olhei no Google e lá está escrito: “Épico é uma palavra que classifica uma ação heroica, que pode ser baseada em fatos apurados ou inventados - do latim ‘epicus’. Épico é usado também para adjetivar um feito memorável, extraordinário, uma proeza, algo muito forte e intenso”. Definimos, a partir de uma avaliação da empatia de Marília com a população, e do apelo forte que já existia do movimento social “Volta Marília”, que ela no carro de som, seria o eixo estruturante de nossa comunicação com a cidade. Foi isto o que aconteceu: em plena pandemia, onde os marqueteiros de todo o país não sabiam como fazer uma campanha política, Marília, de máscara, em cima de uma camionete, comunicava com a população com os olhos e com gestos, e o povo respondia com sorrisos e olhares de admiração. A vida resistia no meio da tragédia da pandemia. Nossa equipe de vídeo e de fotografia registrava

tudo. Todas as cenas gravadas, todas as fotografias eram muito bonitas. Eu, mesmo em algumas crônicas que escrevi em meu perfil no Facebook, tentei diversas vezes selecionar fotos e acabava escolhendo 50 mais bonitas entre de 60 fotos disponíveis. Duas mulheres escreveram em nossas redes sociais, comentários que falavam do que está acontecendo em nossa cidade. Vera Vícter Ananias comentou as nossas fotos de campanha: “E o rosto esperançoso das pessoas! É de arrepiar!”. Pra Eliane Braga comentou sobre nossa campanha: “Que campanha maravilhosa... Propositiva, inteligente, agradável, cheia de amor e alegria! Parabéns!”. Vencemos o primeiro turno com uma grande vantagem sobre o segundo colocado, que nos surpreendeu no segundo turno com uma campanha suja como nunca vimos em Contagem. Reagimos na reta final, e ganhamos a eleição. Não sem antes passar pela emoção da apuração dos votos. (...) A apuração começou empatada; Marília abriu uma pequena frente; o adversário equilibrou a apuração e passou à frente; no comitê de apuração do adversário de Marília comemoraram a “vitória” de forma antecipada. Caminhando para o final da apuração houve novo empate e, no finalzinho, Marília virou e venceu. Quando o adversário passou à frente eu, assim como todos os apoiadores e apoiadoras, nos desesperamos. O que me tranquilizou foi o link que recebi de um dos nossos coordenadores que estava na Justiça Eleitoral mostrando que os votos da Zona 90 não tinham sido apurados. Pois foi na Sede, e sobretudo em Nova Contagem, de onde vieram os votos que elegeram Marília. Mais um momento épico desta eleição em Contagem. Impressionante!

NOVA CONTAGEM ESTÁ PARA A MARÍLIA COMO O NORDESTE ESTÁ PARA LULA. Nova Contagem, para quem não é de Contagem, é uma comunidade formada por 40 mil pessoas e é a região com menor IDH de nossa cidade. É uma região que representa para Marília o que o Nordeste representa para Lula. Marília é muito querida em nossa cidade, mas é em Nova Contagem que o amor transborda de uma forma coletiva pela pe-tista. Marília retirou a região do esquecimento e do abandono,

com um amplo programa de urbanização e ampliação das políticas públicas, que deu uma feição de cidade para a região. Foi lá que Marília recolheu votações espetaculares, que foram decisivas em eleições para prefeita e deputada. Marília teve no segundo turno da eleição de 2020 impressionantes 72% dos votos, e que, com votos computados somente no final da apuração, garantiu a virada que emocionou a todos nós. Foi lá que presenciei duas cenas de arrepiar na campanha.(...) Num domingo arrumei um tempo e fui pela manhã para a campanha na região de Nova Contagem. O que eu vi lá foi uma verdadeira comoção popular com a presença da Marília. Os nomes dos bairros e vilas de Nova Contagem, não sei se surgiram espontaneamente ou foram definições do poder público, dialogam profundamente com a campanha da Marília: Vila Renascer, Vila Esperança, Vila Feliz, Retiro dos Sonhos, e bairros com nomes de flores: Buganville, Ipê Amarelo. Sempre sou orador junto com Marília nos carros de som, mas desta vez com a pandemia decidimos priorizar mais os gestos do que as palavras, mais o jingle emocionante do que a fala dos oradores. Por isso mesmo, não fui orador na atividade em Nova Contagem. De carro pude acompanhar os detalhes impressionantes nos semblantes, nos olhares, nos sorrisos e gestos das pessoas. Concentrei minha atenção nas crianças pobres que apareciam tímidas nas portas e janelas das casas. Quando Marília as abordava com as mãos, com beijos, com corações feitos com as mãos, os olhares e sorrisos eram emocionantes, de terem sido “vistos” e “vistas” e “lembrados” e “lembradas” por uma liderança importante como Marília. Então me lembrei do Serginho, agora um jovem atuante e combativo, que mora no bairro Estaleiro, que certa vez escreveu uma carta para Marília, onde dizia que um olhar da Marília quando ele era criança mudou a vida dele. Ele disse, que certa vez quando criança, caminhava pela rua meio sem norte, a Marília passou no carro de som e acenou para ele, e que aquele gesto o emocionou e mudou a sua vida. Foi “visto” e “lembrado” por uma pessoa “importante” como Marília. Serginho, agora um jovem, também me impressionou na atividade

de Nova Contagem. Fizemos uma longa carreato pela região, e ele, a pé correndo incansável pelas ruas, distribuía adesivos, cartazes, bandeirinhas para as crianças. Distribuía, como nos nomes das vilas da região: esperança, felicidade, sonho, renascimento; distribuía buganvilles e ipês. Emocionante!“(...) Vi na campanha uma segunda cena ontológica. Em uma incursão no front da campanha voltei novamente com Marília na região de Nova Contagem. Como a carroceria do carro de som estava ocupada pela Marília e outras pessoas, acompanhei a carreato na cabine da camionete. Nos encontramos no bairro Darcy Ribeiro, onde nossa candidata foi novamente muito bem recebida. Saímos do Darcy Ribeiro e fomos para o bairro Icaivera, onde presenciei, na entrada do bairro, uma cena emocionante: um cidadão, com bandeirinha e adesivo bolota nas mãos, se ajoelhou à frente do carro de som. Eu fiquei imóvel diante daquela cena inusitada. Não sabia que a cena tinha sido captada pela nossa equipe de vídeo que estava acima da camionete. Um ou dois dias se passaram e num miniclipe feito por nossa equipe de vídeo, aparecia a cena do cidadão ajoelhado e a reação da Marília, na minha opinião revelou a grande líder popular que ela é. Marília cruza os dois braços e os encosta no peito; se curva diante do cidadão e emocionada diz: “Obrigada gente”. Fantástico e revelador! Naquele momento, o que vimos não foi um gesto submisso de um cidadão diante de uma líder populista e autoritária. O gesto de reverência do povo – se ajoelhar diante da liderança – foi respondido com um gesto igualmente de reverência ao povo – mãos cruzadas no peito para expressar o amor e a emoção, a liderança se curva em gesto de encontro e humildade.

MARÍLIA REJEITOU PRIVILÉGIOS DE 4,8 MILHÕES, TRÊS VEZES O PATRIMÔNIO QUE ACUMULOU COM SUA FAMÍLIA AO LONGO DA VIDA. A postura do campo político que se reúne em torno da liderança de Marília Campos foi o cumprimento estrito deste compromisso histórico do PT. Marília, já no seu primeiro mandato parlamentar, como vereadora de Contagem, de 2001 a 2002, se notabilizou ao rejeitar o recebimento da ver-

ba paletó (14º e 15º salários), convocação extraordinária, Jetons, dentre outras verbas de aproximadamente R\$ 79.000,00 (R\$ 200.000,00 em valores atuais), além de não contratar parentes em uma época que o nepotismo não era proibido. (...) Como deputada estadual em 2003 e 2004, Marília foi uma pioneira na luta pela austeridade na política na Assembleia Legislativa, uma demanda cada vez mais sentida pela população. Recusou privilégios e devolveu aos cofres públicos a verba paletó (14º e 15º salários), auxílio-moradia, pagamentos por seções extraordinárias noturnas e nas férias, diárias sem comprovação de gastos, verbas de aproximadamente R\$ 170.000,00 (em valores atuais R\$ 352.000,00) e jamais empregou um parente. (...) Na Prefeitura de Contagem, Marília implementou os concursos públicos, que não eram praticados desde que foram previstos na Constituição de 1988, reduziu os cargos políticos de 8.956 para apenas 672; foi abolido o chamado “apostilamento”, que dava direito permanente ao salário de comissionado para o servidor depois que ele deixava o cargo de nomeação política; Marília também não contratou parentes para a sua administração. (...) Em seu segundo mandato e terceiros mandatos como deputada estadual, a petista recusou novamente o auxílio moradia; diárias foram utilizadas somente nos casos de pernoite nas cidades visitadas, o que levou à utilização de pouquíssimas diárias; e, mensalmente, o Mandato faz a prestação de contas das verbas recebidas e devolvidas. Ela deixou de receber R\$ 777.910,74 em 71 meses de Mandato – de fevereiro de 2015 a dezembro de 2020 (foram R\$ 302.120,37 de auxílio-moradia, R\$ 425.145,87 de diárias de viagem e R\$ 50.644,50 de verba paletó). Marília rompeu ainda com outras práticas nocivas no Parlamento brasileiro, como é o caso da aposentadoria especial dos deputados estaduais. A deputada Marília Campos foi quem propôs e conseguiu aprovar a Lei Complementar 140/2016, que acabou com a aposentadoria especial dos deputados estaduais; colocou em extinção o Instituto de Previdência dos Deputados – IPLEMG e transferiu para o INSS os novos deputados estaduais eleitos em 2018. Marília Campos se antecipou à vigência da lei e se transferiu para

o INSS já em novembro de 2018. Com isso, Marília renunciou a uma aposentadoria de aproximadamente R\$ 17.000,00 (com a indenização do tempo como prefeita e vereadora, que a lei permite) e se aposentou pelo INSS com R\$ 5.400,00, uma renúncia de R\$ 3,5 milhões ao longo de minha vida dela. (...) Pepe Mujica afirma que a defesa da igualdade de forma profunda e engajada pressupõe a adesão a uma forma de vida mais austera e solidária. Em discurso na ONU, em 2013, Mujica afirmou que os governos republicanos deveriam se aproximar da forma de vida dos seus povos: “Não foram as repúblicas criadas para vegetar, mas ao contrário, para serem um grito na história, para fazer funcionais as vidas dos próprios povos e, portanto, as repúblicas que devem às maiorias e devem lutar pela promoção das maiorias”. “Seja o que for, por reminiscências feudais que estão em nossa cultura, por classismo dominador, talvez pela cultura consumista que rodeia a todos, as repúblicas frequentemente em suas direções adotam um viver diário que exclui, que se distancia do homem da rua”. “Esse homem da rua deveria ser a causa central da luta política na vida das repúblicas. Os governos republicanos deveriam se parecer cada vez mais com seus respectivos povos na forma de viver e na forma de se comprometer com a vida”. “A verdade é que cultivamos arcaísmos feudais, cortesias consentidas, fazemos diferenciações hierárquicas que, no fundo, amassam o que têm de melhor as repúblicas: que ninguém é mais que ninguém”.

AMOR PELA HISTÓRIA. Um dos componentes mais importantes da trajetória de Marília é a notável produção política em torno das agendas políticas da petista e uma política cuidadosa e histórica de gestão da informação em seus mandatos. Provavelmente é um caso único na política, como afirma a agência ASA. Temos uma completa história das nove eleições que Marília disputou: 1996, 1998, 2000, 2002, 2004, 2008, 2014, 2018, 2020: toda eleição tivemos um plano de campanha impresso com diagnósticos e metas; todo material impresso, todo vídeo, ao chegar das gráficas em nossas campanhas, alguns exemplares eram guardados “para a história”; todos mandatos de Marília

estão registrados em folhetos, jornais, revistas e outras publicações também “para a história”; temos 20 pastas grandes lotadas com estas histórias. Produzimos, ao longo dos mandatos da Marília, uma verdadeira overdose de folhetos, cartilhas e textos para fundamentar a atuação política da Marília. São textos de diversos tipos: livros, cartilhas, resumo e resumo do resumo.(...) Marília tem uma trajetória impressionante de vitórias, mas toda disputa traz de volta divergências insuperáveis sobre muita coisa como a política afirmativa, a comunicação de rua, etc. Nunca vou entender isto! Divergências com velhos quadros da esquerda local, mas também com jovens que pouco conhecem as grandes lutas de ruas das décadas de 1970, 1980 e 1990, e para os quais as disputas praticamente se resumem à internet. Na eleição, agora de 2020, Marília sempre recebia sugestões para a campanha em forma de textos ou áudios gravados e, sem tempo para acompanhar as questões, passava para eu analisar. Num longo áudio, uma liderança jovem afirma: “Marília você corre o risco de perder a eleição, se ganhar somente pelo seu mérito; sua comunicação é feita por homens velhos que não dialogam com as mulheres e com a juventude”. Um dos “homens velhos” a qual a crítica era dirigida era eu, José Prata, coordenador geral da campanha e um dos coordenadores da comunicação. Fiquei perplexo porque, além da discriminação contra pessoas mais velhas, a crítica era absurda, já que nas pesquisas onde Marília tinha o melhor desempenho, disparado, era exatamente entre as mulheres e juventude. Tive também reunião com pessoas jovens, acho na comissão de comunicação, onde eu era fortemente questionado pela campanha afirmativa e que as fake news iriam nos derrotar.(...) Relevei as críticas por experiência própria: na juventude fiz a mesma coisa e até pior com os velhos dirigentes sindicais de antes de 1964, que foram perseguidos e presos. Tive a felicidade de receber esta cartinha de enorme sabedoria do jovem Lucas Fritzes: “Oi Prata, beleza? Queria ter enviado essa mensagem ontem, mas o dia foi cheio e não tive tempo... Andei pensando sobre os alicerces do nosso discurso de campanha... Alguns deles são

experiência, legado e trajetória, cuja combinação resulta em sabedoria. Na ocasião da última reunião que tivemos, me excedi no pessimismo, confesso. Logo após o resultado, a minha ansiedade pediu por uma resposta imediata do que e como fazer. Depois da reunião, refleti e me lembrei que a experiência, legado e trajetória não se resumem, somente, à Marília. Esses atributos se estendem a grande parte da equipe, principalmente a você, Ivanir, Hamilton, Rodrigo que são grandes referências para mim. O contraste das nossas reações diante do resultado é tão grande quanto a diferença das nossas caminhadas. Essa é a oitava eleição que vocês constroem, ao lado da primeira vez que participo desse processo. Como numa escala musical, sou um Dó menor ao lado de vocês, que são um Dó maior, a uma oitava a frente. A sabedoria, como eu disse, é fruto da experiência. Vocês demonstram clareza e tranquilidade diante do que deve ser feito, porque não é a primeira vez que ‘assistem esse filme’. E isso me inspira. Estou animado, confiante e tranquilo diante da nossa vitória expressiva no primeiro turno e estou certo que, como você diz, essa campanha está sendo épica. Sairemos vitoriosos. Agradeço, de coração, a oportunidade de aprender tanto com vocês”.

É o amor pela história; é a reflexão histórica “em prazos longos”, como aprendemos com nossos mestres Wanderley Guilherme dos Santos e José Luís Fiori, que nos guiou para as vitórias sucessivas que eu e Marília obtivemos em quase 40 anos de militância política. O “nosso filme” vem de longe e dominamos, de forma sofisticada, o “seu roteiro” e os seus “personagens”. Pepe Mujica afirma, corretamente, que na luta do povo “não existem vitórias nem derrotas definitivas”. Para Marília esta reflexão não serve. Ela jamais suportaria uma derrota séria, como em 2008 e agora em 2020. Para ela uma derrota seria “definitiva”, e as novas “vitórias” teriam que ser buscadas por novas gerações de esquerda da cidade. Marília é engajada demais, é intensa demais, é apaixonada demais para suportar uma derrota e ver rompido, mesmo que temporariamente, seu “pacto de confiança e fidelidade” com a população. Ela mudaria de Contagem e

seria uma mulher triste e ressentida pelo resto da vida. Esta é minha luta ao lado da Marília. É uma luta por uma causa, mas também uma luta pelo amor de uma mulher. Estudei demais, fiz um enorme trabalho de sistematização da nossa experiência coletiva para ajudar a dar base teórica para a sua trajetória; superei limitações pessoais e, além de teórico, fui para o combate de rua junto com ela; e a protegi dos atropelos políticos, ainda que a custa de enormes desgastes pessoais. Quero que Marília seja muito feliz no amor e na política pelo resto da vida dela. Amor e política!

A militância pelo Estado social

Tenho 45 anos de militância política, são 45 anos de militância pelo Estado Social. Os direitos sociais foram, desde sempre, minha principal identidade política. Ingressei no BEMGE, banco do Estado de Minas Gerais, em janeiro de 1977, dois meses depois, em março daquele ano, participei da campanha salarial temporona (nossa data base era em setembro) pelo reajuste semestral dos salários para fazer frente às perdas da inflação alta. Em mais de quatro décadas fiz de tudo um pouco pela justiça social em meu País.(...) Publiquei seis livros; publiquei dezenas de livretos ou cartilhas, algumas mais amplas para a população e outras para a militância, que se tornou o formato preferido meu para dar organicidade aos meus textos longos; publiquei por mais de quatro anos o BIS – Boletim de Informações Sociais, com grande tiragem de 5 mil exemplares mensais. Pelos meus cálculos, foram aproximadamente 1 milhão de exemplares, sendo 800 mil comercializados a preço popular (muito popular: minhas cartilhas de previdência no formato compacto de 1/8 de tabloide, em papel jornal e com grandes tiragens eram vendidas a R\$ 1,00 o exemplar) e outros 200 mil foram publicados por entidades sindicais, mandatos parlamentares e prefeituras, com cessão dos direitos autorais.(...) Proferi centenas de palestras em encontros e seminários em quase todos os Estados brasileiros para públicos variados dos setores público e privado, onde mais que ensinar, aprendi demais com as opiniões e dúvidas dos trabalhadores. Uma das palestras inesquecíveis foi realizada, em um hotel numa praia no interior do Rio de Janeiro e foi um sucesso; veja que criatividade ao combinar lazer e política: na parte da manhã todos os delegados e fa-

miliares iam para a praia; ao meio dia todos voltavam para o almoço; o encontro era das 14 às 22 horas, com apenas um intervalo para o café; a presença era impressionante, todo mundo energizado, auditório cheio e discussões animadas.(...) Redigi centenas de artigos para jornais de sindicatos e mandatos parlamentares; redigi jornais de massa de grandes tiragens na diversas reformas da previdência, que calculo tiveram 1,5 milhão de exemplares. Um exemplo: em 1995, redigi um jornal sobre a reforma da Previdência de FHC para a “Frente em Defesa da Previdência”, fizemos uma edição do jornal e uma pequena tiragem de forma centralizada e a impressão mais ampla e distribuição ficou de forma descentralizada (cada sindicato ligava acertava com a gráfica a tiragem) e concluímos o trabalho com uma tiragem monstruosa de 700 mil exemplares. Outro exemplo: Marília, quando era deputada em 2019, na reforma da Previdência, imprimiu 200 mil jornais redigidos por mim.(...) Contribui com meu trabalho, sempre muito barato, com algumas prefeituras sobre a organização das previdências municipais, sendo um inesquecível: fiz um trabalho para a PBH, em 2011, e recusei o pagamento porque ele foi rejeitado pelo prefeito; no parecer eu alertava que a adoção do regime de capitalização retroativo a 2003, como era proposto pela área jurídica da Prefeitura, abriria um rombo de R\$ 1 bilhão para a PBH e somente aceitei o meu pagamento quando as propostas, depois de serem melhor analisadas, foram acolhidas.(...) Participei de grandes lutas de massa em defesa dos direitos sociais, a exemplo do histórico movimento dos aposentados pelos 147%, em 1992, primeira manifestação de massas pelo “Fora Collor”; nos grandes debates da reforma da Previdência no governo FHC; e, mais recentemente, nos governos Temer e Bolsonaro, participei, junto com a Marília, da campanha de rua contra a reforma da Previdência, em inesquecíveis “rádios peão” e “aulões” nas ruas de BH e Contagem. Tivemos a ousadia de ocupar a Praça Sete, o que me trouxe à memória as lutas históricas que travamos naquela praça nas décadas de 1970,1980 e 1990.(...) E fiz a defesa dos direitos sociais também, de forma deliciosa, com

o “Tira dúvidas” de Previdência, serviço que montei através de convênio com sindicatos e com atendimento telefônico em meu escritório; conversei com milhares de pessoas e ouvi suas dúvidas e seus dramas pessoais, por exemplo, os casos dramáticos de pessoas doentes que se aposentaram por invalidez. Ninguém se aposentava sem se aconselhar comigo. Fantástico!

DA PREVIDÊNCIA AO ESTADO SOCIAL. Em um certo momento de minha militância passou a me incomodar profundamente ser chamado do “Prata, da Previdência”. Eu respeito quem se vincula sua vida a um tema somente, mas decidi que não queria mais ser mais “monotemático”. Isso se deu também como exigência de minha maior vinculação com as questões políticas e partidárias, como, por exemplo, os mandatos da Marília e os governos Lula. Assim, evoluí para uma agenda mais ampla de vida, à minha luta histórica pela justiça social agreguei a defesa da democracia, da soberania nacional e dos direitos humanos; a defesa do Estado Social. (...) Tenho uma ampla produção para fundamentar as disputas políticas em Contagem, são textos que expressam minha opinião, mas são sobretudo sistematização e uma experiência coletiva, ainda que a sistematização não é “neutra”, a interpretação dos fatos históricos é sempre “posicionada”. Coordenei as nove campanhas políticas da Marília para vereadora, deputada estadual, e prefeita, redigi grande parte dos milhões de folhetos, jornais; todas as campanhas foram feitas com base em “planos de campanha” e todas elas estão registradas em documentos históricos de balanço e avaliação; está tudo arquivado em 30 pastas bem separadinhas por tema, pois acho que a organização pode parecer uma coisa chata, mas ela facilitar a nossa vida.(...) Tenho uma ampla produção sobre os governos Lula (dois livros; um painel com 27 artigos sobre o Brasil 1994-2014), fruto de pesquisas não somente das políticas de esquerda, mas também de uma ampla dos governos FHC. Me lembro de um lançamento do livro que fiz em 2010 em Fortaleza; numa emissora de TV me falaram: “Você não é neutro para fazer um estudo comparativo de FHC e Lula”. Então respondi, para surpresa do entrevistador: “Neutro

eu não sou, mas não sou sectário, estudei 1.500 páginas do governo FHC e entendo mais do que a esmagadora maioria dos tucanos”.

ESTUDEI MUITO MINAS GERAIS E OS MUNICÍPIOS DA GRANDE BH. Uma coisa que sempre me incomodou na esquerda é a falta de estudos, diagnósticos e propostas para a atuação nos Estados e municípios. A atuação de vereadores, deputados estaduais, militantes é quase sempre feita “no escuro”. Quando a Marília foi eleita deputada estadual, fui ao Gabinete dela e vi uma coleção que o BDMG fazia a cada 10 anos: “Minas do Século 21”, era o título do último estudo decenal. A coleção de cadernos tinha 2.500 páginas. Pensei comigo: os caras que fizeram o estudo pesquisaram umas 100 mil páginas; então aquilo era um “resumo” de Minas de “fácil leitura”. Estudei um ano o material e fiz uma publicação “resumida” de 100 páginas para fundamentar o mandato da Marília; felizmente ela foi eleita prefeita e o estudo ficou perdido porque ninguém se interessou por ele; se me lembro somente o deputado Durval Ângelo, que sempre investiu muito também em formação política, distribuiu exemplares para seus militantes. No meu estudo antecipei os pontos que dariam “fama” ao governo Aécio Neves, como o grande número de cidades sem ligação asfáltica com as grandes rodovias estaduais e federais, que acabou sendo o principal programa de governo do tucano.(...) Fiz ao todo cinco livretos sobre Minas Gerais. Um dos estudos “Minas cresce com o Brasil”, um livreto de 50 páginas, foi uma das minhas reflexões mais importantes; fiz para participar e estimular o debate na esquerda da eleição do governo do Estado de 2006. Nele sustentei que Minas tinha “desequilíbrios estruturais” que só seriam equacionados num projeto mais amplo de desenvolvimento nacional; ou seja, Minas estava melhorando devido às melhoras promovidas por Lula no Brasil. Animado, imprimi 2 mil exemplares. Foi o primeiro grande fracasso de minhas publicações. Procurei o PT estadual para doar 1.500 exemplares ao preço de custo de R\$ 1,00 o exemplar; o PT recusou e somente aceitou a doação de 300 exemplares. Dramático: doar um trabalho te-

órico importante e não conseguir! Então quis me livrar o mais urgente daquele pesadelo e “doei” para um catador de papel toda a edição. E deu errado: o catador de papel se arrependeu da doação e saiu colocando na cesta de lixo dos meus vizinhos pacotes dos meus livretos sobre Minas Geais, publicação que tinha meu nome, minha foto na contracapa, meu endereço. Um vexame depois que alguém me avisou. Saí então recolhendo nas lixeiras dos vizinhos todos pacotes; nos dias seguintes fui aos poucos mandando no lixo doméstico aquele meu trabalho inesquecível. Inesquecível pelas teses que defendi, e inesquecível pela ignorância da esquerda.(...) Dediquei muito nos últimos anos na realização de estudos para a militância municipal nas cidades da grande Belo Horizonte: fiz pelo menos 15 diagnóstico econômicos, financeiros, sociais de grandes cidades como Contagem, Belo Horizonte e Betim e outros municípios menores.

MILITÂNCIA NOS MANDATOS DE MARÍLIA DEPUTADA. Nos dois últimos mandatos de deputada estadual da Marília, encerrado minha carreira de escritor e fechado minha pequena editora, me dediquei a edição do site e do Facebook. Minhas publicações contrariavam a lógica das redes sociais: em vez de textos curtos, “memes” e provocações, escrevia textões sobre o governo Lula, defesa das estatais, direitos sociais; sempre eram, disparado, os textos de maior sucesso em curtidas (mais de 10 mil curtidas alguns textos), centenas de comentários e de compartilhamentos. Me lembro de dois grandes sucessos: um sobre a privatização de A a Z do candidato Romeu Zema e outro com um resumo de um artigo publicado sobre JK e Lula e a história se repetindo como tragédia. Mas não tinha jeito: os “especialistas” em redes sociais, mesmo com os números registrados na página de administração do Facebook, não perdoavam os meus “textões”. A votação da Marília em 2018 refletiu um pouco o meu trabalho, o recuo da votação em Contagem foi compensado em grande parte por uma votação em BH e nas principais cidades do estado com um voto mais político de opinião. Nunca pedi “desculpas” quando publicava meus “textões” e pelos

seus excelentes resultados que obteve, não preciso pedir desculpa agora.(...) Meu filho Vinicius sempre fala com os amigos dele que eu redigo estudos equivalentes a um TCC –Trabalho de Conclusão de Curso, que são feitos de seis meses a um ano, em apenas um mês. Demorei dias e algumas noites para arrumar uma forma de explicar como fiz tanto em minha vida em defesa da justiça social. Lembrei do Vinicius e aí então senti “um enorme cansaço”. Mais uma razão para eu virar poeta. “Que beleza!”, como diz o bordão do grande Milton Leite, locutor de esportes do Sportv. De agora em diante vou curtir meu merecido descanso como aposentado, vou viver na “vagabundagem” e fazer poesia para a Marília.

FUNDEI UMA EDITORA SÓ PARA MIM: A BIS EDITORA. Sempre tive a convicção, pelo interesse das pessoas pelo tema da Previdência, que minhas publicações tinham uma grande viabilidade comercial. Mas por que não se viabilizaram no sistema tradicional de produção e livros no Brasil? Incrível: porque eram publicações “muito baratas”. Meu livro “Um retrato do Brasil – Balanço do governo Lula” foi rejeitado por muitas livrarias que procurei “porque era muito barato” e não daria lucro. Tentei montar uma distribuição de minhas cartilhas populares de previdência (R\$ 1,00) nas bancas de revistas de Belo Horizonte e não deu certo porque “eram muito baratas”. Então o que eu fiz: montei uma editora somente para mim: a BIS Editora. No Brasil, o escritor fica, acho, com 10% do preço de capa do livro e em consignação. Fiz a venda direta às entidades; dispensei as despesas com distribuidoras e com as livrarias. Minhas publicações eram mais baratas porque editadas de forma compacta, em papel jornal e com grandes tiragens (escrevia o texto, mandava para sindicatos e a edição já saía com 30 a 50 mil exemplares), mas o retorno era de 70% a 80% do preço de capa.(...) A BIS Editora funcionava em minha casa sem despesas de aluguel; meus filhos Natália e Pedro me ajudavam a tirar as notas fiscais; como vendia livretos para todo o Brasil, para pessoas que não conhecia, uma das condições era que eu “não aceitava pagamento antecipado” e, incrível que pareça, a inadimplência era zero, tal

o respeito e o reconhecimento que os sindicatos tinham comigo; buscava as publicações com um taxista amigo meu que me ajudava a descarregar em minha casa; as remessas eu fazia pelo Correio, que buscava as publicações em minha casa; a Contabilidade só me cobrava apenas meio salário mínimo; e minha editora era enquadrada no Simples, com apenas 5% eu quitava todos os impostos e mais: todos os rendimentos de pessoa física não eram tributados pelo Imposto de Renda. Não fiquei rico, mas dei um carro zero para a Marília iniciar sua carreira política; ajudei muito na educação de meus filhos; investimos no lazer; e nossa casa foi adquirida, em 1998, em grande parte com os recursos das minhas publicações.

OS OPERÁRIOS GRÁFICOS GOSTAVAM MUITO DAS MINHAS PUBLICAÇÕES.

Uma das coisas mais emocionantes de minha vida é o interesse dos operários que fazem os livros, os operários gráficos, nas minhas publicações. Certa vez, uma pessoa da Editora Fundação Perseu Abramo me ligou de São Paulo e me falou: “Na gráfica, onde imprimimos centenas de livros de nossa editora, foi somente o seu livro, o “Guia dos Direitos Sociais”, que gerou interesse nos operários da gráfica”. Também em Belo Horizonte acontecia o mesmo. Na gráfica Fumarc, da Igreja Católica, sempre que eu ia buscar minhas cartilhas de previdência, o interesse dos operários nas publicações era emocionante.(...) Digo isso não para desmerecer outras publicações, mas para ressaltar o enorme papel aglutinador da sociedade que tem os direitos sociais, o Estado Social. Direitos sociais é direito à vida, está acima de preferências políticas e ideológicas da população, pessoas de esquerda, de centro e até de direita, em sua maioria, defendem a continuidade das políticas sociais.(...) A Constituição define: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”; considero também direitos sociais, bancados ou pelo menos subsidiado pelo Estado: saneamento básico, energia elétrica, transporte coletivo. Sempre nas minhas publicações

tratei dos direitos sociais por segmentos da população: servidores públicos, mulheres, políticas de promoção da igualdade racial, empregados domésticos, índios, população LGBTQIA+, idosos, pessoas com deficiência, crianças e adolescentes.(...) Destaco dois “segmentos” da população, na verdade a maioria da população: a desigualdade social no Brasil tem a marca de gênero e raça; então o Estado Social no Brasil precisa avançar de forma radical para equacionar esta situação com contundentes políticas de promoção da igualdade, que defendo de forma apaixonada. A Constituição Federal prevê as políticas diferenciadas, quando voltadas para a promoção da igualdade: “Um dado interessante, no plano das leis nacionais, refere-se à introdução, no sistema jurídico brasileiro, do princípio da discriminação justa e positiva, o que resultou num alargamento substantivo do conteúdo semântico do princípio da igualdade, bem como na ampliação objetiva das obrigações estatais em face do tema. Vale dizer que o sistema constitucional brasileiro correlaciona igualdade e discriminação em duas fórmulas distintas, complementares e enlaçadas em concordância prática: a) veda a discriminação naquelas circunstâncias em que sua ocorrência produziria desigualação e, de outro lado, b) recomenda a discriminação como forma de compensar desigualdades de oportunidades, ou seja, quando tal procedimento se faz necessário para a promoção da igualdade. Este significado binário de evitar desigualação versus promover a igualação, atribui ao princípio da igualdade dois conteúdos igualmente distintos e complementares: a) um conteúdo negativo, que impõe uma obrigação negativa, uma abstenção, um papel passivo, uma obrigação de não-fazer: não discriminar; e b) um conteúdo positivo, que impõe uma obrigação positiva, uma prestação, um papel ativo, uma obrigação a fazer: promover a igualdade” (RELATÓRIO, 2001, páginas 6,7,8).

A ESQUERDA NÃO ENTENDE MUITO BEM O ESTADO SOCIAL NO BRASIL. Não existe termo de comparação do Estado do Bem Estar Social brasileiro com o que existe na Europa. É muito comum que segmentos de classe média, mesmo de esquerda,

afirmem que temos carga tributária de primeiro mundo - de fato os 33% do Brasil é a média da carga tributária na OCDE, e serviços públicos de quinto mundo. Não é bem assim. O Estado Social depende não somente do tamanho percentual da carga tributária, mas também do patamar de riqueza que ela incide. Nossa carga tributária é igual a da Europa, mas incide sobre um patamar de riqueza muito inferior ao dos países europeus e dos Estados Unidos. Se analisarmos o PIB per capita dá para ver que a carga tributária per capita no Brasil é muito pequena e isso implica em enormes diferenças na capacidade de oferta de serviços públicos. A carga tributária per capita, em dólares, nos países escandinavos, onde o Estado do Bem Estar Social é mais desenvolvido, é cinco a dez vezes maior que no Brasil; na Alemanha e França, ela é quatro a cinco vezes maior que a nossa; e mesmo em países mais liberais, como Estados Unidos e Reino Unido, a carga tributária per capita é quatro vezes maior que aquela do Brasil.(...) Quando comparamos o Brasil com outros países emergentes dos BRICS e da América Latina, fica claro que nosso país é, disparado, o que tem mais direitos sociais. Segmentos da esquerda fazem muitas vezes comparações que subestimam enormemente o nosso Estado do Bem Estar Social. Temos no Brasil uma tradição de considerar política social somente aquela da assistência social, vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Social, mas as políticas sociais estão em diversos ministérios - o próprio Desenvolvimento Social, Previdência, Saúde, Educação, Cultura, Desenvolvimento Agrário - e nos Estados e municípios estão espalhadas em diversas secretarias. É muito comum a comparação entre os gastos com o Bolsa Família e os gastos com juros da dívida pública. Não é bem assim. No Brasil, os gastos públicos não financeiros (que exclui os juros da dívida) são da ordem de 32% do PIB (são do tamanho da carga tributária porque outros gastos representam o déficit nominal do setor público) e são em grande parte direcionados para as políticas sociais. Este percentual é quase o dobro da carga tributária dos demais países dos BRICS (China, Rússia, Índia, e África do Sul) e da maioria dos países da Amé-

rica Latina. Nosso Estado do Bem Estar Social, que se está, de fato, muito distante dos países europeus, não tem nada parecido em outros países emergentes.(...) Nenhum outro país emergente tem o que o Brasil ainda tem: Previdência Social com grande cobertura; saúde pública: SUS; educação pública da creche à Universidade; legislação trabalhista na CLT e constituionalizada no artigo 7º da Constituição Federal; assistência social como política pública; sistema público de emprego (seguro desemprego, Abono Salarial). Certa vez, numa reunião da tendência Mensagem ao Partido do PT, em Brasília, apresentei estas minhas observações que não foram bem recebidas; então a economista Maria Conceição Tavares, presente na reunião, literalmente gritou: “Ignorantes, o rapaz está certo, o INSS é o maior programa de distribuição de renda do mundo”. (...) Por não compreender muito bem nosso Estado Social a esquerda também não entende bem as explosões sociais de massa na América Latina. É muito comum se afirmar que “o povo brasileiro é passivo”, que “de luta são os chilenos, os argentinos, os colombianos, os equatorianos”. Pergunto: por que lutam os chilenos, por exemplo? Eles querem o que temos no Brasil: previdência social, igual ao INSS; SUS; educação pública; direitos trabalhistas. Provavelmente é o nosso Estado Social que melhora a vida da população e evita as explosões sociais no Brasil por ser um “colchão de amortecimento” dos conflitos sociais.

LAURA CARVALHO DESTACA A “PROGRESSIVIDADE DO GASTO SOCIAL”. Muitos críticos falam do reformismo “meia boca” de Lula, mas se enrolam em explicar porque o petista é tão odiado pela elite econômica. Laura Carvalho publicou um estudo que ajuda a explicar esta situação; o gasto social tem sim um papel importante na distribuição da renda no Brasil. Diz ela: “No comunicado nº 92 do Ipea intitulado “Equidade Fiscal no Brasil: Impactos Distributivos da Tributação e do Gasto Social”, Fernando Gaiger Silveira e coautores já haviam mostrado, a partir de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) e das Pesquisas de Orçamento Familiar (POF) de 2002-2003 e 2008-2009, que o caráter regressivo (gerador de

desigualdades) do sistema tributário brasileiro é compensado pela progressividade do gasto social, sobretudo das despesas com educação, saúde, previdência e assistência social. O estudo mostra ainda que, embora o caráter regressivo da tributação tenha se mantido ao longo dos anos, o gasto social aumentou seu impacto sobre a desigualdade entre 2003 e 2009. O conjunto dos benefícios previdenciários e transferências (auxílios, bolsas, seguro- -desemprego etc.) foram responsáveis por reduzir o índice de Gini (que mede a desigualdade de renda) em 7,7% em 2009, ante um efeito de redução de 4,3% em 2003. Os gastos com saúde e educação públicas, que já haviam sido responsáveis por reduzir em 13,4% a desigualdade em 2003, ampliaram seu efeito para 17,1% em 2009. A tributação indireta sobre consumo e produção (ICMS, IPI, PIS, Cofins e Cide), por sua vez, foi responsável por aumentar a desigualdade de renda (Gini) em 4,7% em 2009, ante efeito quase igual em 2003, de 4,6%. O caráter regressivo deste tipo de tributação –que responde pela maior parte da arrecadação de impostos no Brasil– mais do que compensa o efeito progressivo dos impostos diretos –Imposto de Renda, contribuições previdenciárias, IPTU, IPVA e outros–, que, pelas alíquotas demasiadamente baixas e as isenções concedidas, reduziram a desigualdade em apenas 2,6% em 2009 e 1,9% em 2003. O entrave ao crescimento econômico sustentável pode não ser, portanto, o excesso de demandas democráticas por bem-estar social, como querem nos fazer crer economistas e governantes, e sim o caráter antidemocrático de um sistema político que continua atuando para preservar desigualdades históricas”. (Folha S.Paulo, 28/09/2017).



JOSÉ PRATA ARAÚJO

é economista, é autor de seis livros e dezenas de livretos sobre política, economia e direitos sociais. Ele é cronista, com diversas publicações nas redes sociais, e autor do livro de crônicas: *Maravilhosa matemática do amor*.